



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Câmpus de São José do Rio Preto

BÁRBARA RIBEIRO FANTE

**AS ORAÇÕES PREFACIADAS POR "INCLUSO SI" NO ESPANHOL
ESCRITO PENINSULAR À LUZ DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-
FUNCIONAL**

São José do Rio Preto

2018

BÁRBARA RIBEIRO FANTE

**AS ORAÇÕES PREFACIADAS POR "INCLUSO SI" NO ESPANHOL
ESCRITO PENINSULAR À LUZ DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-
FUNCIONAL**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise Funcional de Língua Falada e Escrita

Financiadora: FAPESP (processo nº2016/01435-9)

Orientadora: Profa. Dra. Talita Storti Garcia

Co-orientadora: Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti

São José do Rio Preto

2018

Fante, Bárbara Ribeiro.

As orações prefaciadas por "incluso si" no espanhol escrito peninsular à luz da gramática discursivo-funcional / Bárbara Ribeiro Fante . -- São José do Rio Preto, 2018

130 f. : il., tabs.

Orientador: Talita Storti Garcia

Coorientador: Erotilde Goreti Pezatti

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista

"Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Análise linguística (Linguística) 2. Gramática discursivo funcional. 3. Língua espanhola. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 41

BÁRBARA RIBEIRO FANTE

As orações prefaciadas por "incluso si" no espanhol escrito peninsular à luz da Gramática Discursivo-Funcional

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto

Financiadora: FAPESP (processo nº2016/01435-9)

Comissão julgadora

Titulares

Profa. Dra. Talita Storti Garcia
UNESP – São José do Rio Preto
Orientadora

Prof. Dra. Sanderléia Roberta Longhin
UNESP – São José do Rio Preto

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário
UFF – Universidade Federal Fluminense

Suplentes

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho
UNESP – São José do Rio Preto

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antônio
UEM – Universidade Estadual de Maringá

São José do Rio Preto
30 de Julho de 2018

Dedico este trabalho aos meus avós, Izilda e José Cristalino, que já se foram, mas continuam sendo minha fonte de apoio e inspiração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por iluminar meus caminhos desde a graduação, fazendo com que eu tomasse as decisões certas, dando-me coragem e sabedoria em todos os âmbitos da minha vida.

A minha querida orientadora Profa. Dra. Talita Storti Garcia, pelo incentivo e pelos conselhos. Seu exemplo profissional inspirou-me desde o segundo ano da graduação a trilhar o caminho acadêmico. Seu apoio e compreensão foram fundamentais desde nossa primeira reunião. Obrigada por me ajudar tanto e por comemorar comigo cada conquista profissional e pessoal.

A minha co-orientadora Profa, Dra. Erotilde Goreti Pezatti, por toda a atenção no início do meu trabalho e por me guiar quando decidi realizar o intercâmbio na Espanha. Sem seu apoio, isso não teria sido possível.

Ao meu orientador espanhol, Prof. Dr. Daniel García Velasco, por todo apoio no exterior. Sua atenção e dedicação às minhas dúvidas e inseguranças acadêmicas foram fundamentais para o desenvolvimento do meu trabalho.

Ao Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário, por suas valiosas contribuições no debate do IX Seminário de Estudos Linguísticos da UNESP (SELin). Obrigada por ter oferecido grande contribuição a este trabalho.

À Profa. Dra. Sanderleia Roberta Longhin e ao Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho, que compuseram a banca de Exame de Qualificação. Após suas contribuições e palavras de incentivo, um novo olhar, mais amadurecido, foi dado a este trabalho.

Aos membros do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), por terem me acolhido. Obrigada pelos momentos de aprendizado ao longo das reuniões e por terem me motivado a seguir nos estudos acadêmicos.

A minha mãe, Roseli, por todo apoio em minhas decisões. Obrigada por ter sido a melhor mãe do mundo, por estar sempre ao meu lado. Você é minha força e eu não tenho palavras para expressar toda minha gratidão pela mãe maravilhosa que você é.

A minha irmã, Iara, por ter escutado minhas reclamações, medos e inseguranças quando eu mais precisava. Mesmo que você não saiba, ajudou-me em vários momentos de angústia. Amo você.

As minhas melhores amigas: Ana Luiza, Aline e Fátima, com quem dividi as dores da pós-graduação. Nossas conversas e risadas foram essenciais para aliviar as frustrações da vida. Com vocês, pude seguir com mais leveza.

Aos meus amigos Guilherme Louzada e Danitielly Fernandes, porque vocês são inspiradores. Agradeço, em especial a Dany, que escutou minhas lamentações em alguns momentos difíceis. Saiba que te admiro muito.

Aos meus amigos do “Grupo de Montaña de la Universidad de Oviedo”, em especial a Taísa, Kiko, Alex e Cris, por todos os momentos vividos na Espanha. Com vocês, realizei sonhos e

fiz coisas que nunca imaginei fazer. Vamos nos encontrar novamente, porque “nos apasionan las montañas”.

À FAPESP, por ter financiado esta pesquisa (processo nº 2016/01435-9), possibilitando minha dedicação exclusiva à produção deste trabalho e também pelos quatro meses de bolsa BEPE durante o período de realização desta pesquisa na Espanha.

O tempo altera todas as coisas; não há razão
para que a língua escape a esta lei universal.

Ferdinand de Saussure

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de investigar as orações introduzidas por *incluso si* no espanhol peninsular escrito, as quais são consideradas híbridas na literatura porque mesclam características tanto das condicionais quanto das concessivas. Rodríguez Rosique (2012), Flamenco García (1999) e König (1985, 1986) consideram que esse tipo de oração, além de veicular uma quebra de expectativa entre oração subordinada e oração principal – em que a oração principal apresenta a conclusão oposta à esperada quando se enuncia a oração subordinada – também apresenta um conjunto de condições na oração subordinada que levam a uma consequência presente na oração principal. Como aparato teórico para esta investigação, utilizamos a Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), teoria proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), que, para a descrição das estruturas linguísticas, parte da intenção comunicativa dos falantes até chegar na codificação, tomando como unidade básica de análise o Ato Discursivo. O corpus utilizado para esta análise é o CREA (*Córpus de Referencia del Español Actual*), banco de dados disponível *online* e que conta com textos de procedência diversa, tanto de língua falada, como de língua escrita. Os resultados mostram que as orações prefaciadas por *incluso si* tendem a se estabelecer nas camadas mais altas do Nível Interpessoal e Representacional, desempenhando função semântica condição, função retórica concessão ou função interacional adendo respectivamente. Além disso, nossas análises comprovam que *incluso* tem estatuto de operador enfático e não necessariamente acompanha a conjunção *si*. Nas orações estabelecidas no Nível Representacional, a contrajunção se perde quando se retira o operador, quando há, então, uma relação condicional. Nas orações estabelecidas no Nível Interpessoal, por sua vez, o falante deseja enfatizar exatamente o conteúdo apresentado na oração introduzida por *incluso si*, por isso *incluso* é fundamental; nesse caso, o falante deseja acrescentar um possível obstáculo, o pior de uma escala de possibilidades, por isso a relação de contraste é evidente e a ênfase é essencial.

Palavras-chave: Concessivo-Condicionais. Escalar. Incluso si. Espanhol. Gramática Discursivo-Funcional.

Abstract

This search aims to investigate the sentences introduced by *incluso si* in written peninsular Spanish, which are considered hybrids in the literature because they combine characteristics of conditional and concessive sentences. Rodríguez Rosique (2012), Flamenco García (1999) and König (1985, 1986) consider that this type of sentence, in addition to conveying a drop in expectation between subordinate and main sentence - in which the main sentence presents the opposite conclusion to the expected one when the subordinate sentence is enunciated - also presents a set of conditions in the subordinate clause that lead to a consequence present in the main clause. As a theoretical apparatus for this research, we use the Discourse-Functional Grammar (GDF), a theory proposed by Hengeveld and Mackenzie (2008), which, for the description of the linguistic structures, starts from the communicative intention of the speakers until arriving at the codification of the structures, taking as the basic unit of analysis the Discursive Act. The corpus used for this analysis is the CREA (*Corpus de Referência del Español Actual*), a database available online and which has texts from different sources, both spoken and written. The results show that the clauses prefaced by *incluso si* tend to settle in the higher layers of the Interpersonal and Representational Level, performing semantic function, rhetorical function, or interactional function respectively. In addition, our analyzes prove that *incluso* has emphatic operator status and does not necessarily accompany the conjunction *si*. In the clauses established at the Representational Level, the opposition is lost when the operator is withdrawn, when there is then a conditional relationship. In the clauses established in the Interpersonal Level, in turn, the Speaker wishes to emphasize exactly the content presented in the sentence introduced by *incluso si*, so it is *incluso* fundamental; in which case the Speaker wishes to add a possible obstacle, the worst of a scale of possibilities, so the contrast is evident and the emphasis is essential.

Keywords: Conditional-concessive. Scalar. *Incluso si*. Spanish. Functional Discourse Grammar.

Resumen

Este trabajo tiene el objetivo de investigar las oraciones introducidas por *incluso si* en el español peninsular escrito, las cuales son consideradas híbridas en la literatura porque mezclan características tanto de las condicionales como de las concesivas. Rodríguez Rosique (2012), Flamenco García (1999) y König (1985, 1986) consideran que ese tipo de oración, además de transmitir una ruptura de expectativa entre la oración subordinada y la oración principal, en la que la oración principal presenta la conclusión opuesta a la esperada cuando se enuncia la oración subordinada - también presenta un conjunto de condiciones en la oración subordinada que conduce a una consecuencia presente en la oración principal. Como aparato teórico para esta investigación, utilizamos la Gramática Discursivo-Funcional (GDF), teoría propuesta por Hengeveld y Mackenzie (2008), que, para la descripción de las estructuras lingüísticas, parte de la intención comunicativa de los hablantes hasta llegar a la codificación de las estructuras, utilizando como unidad básica de análisis el Acto Discursivo. El corpus utilizado para este análisis es el CREA (*Corpus de Referencia del Español actual*), base de datos disponible en línea y que cuenta con textos de procedencia diversa, tanto de lengua hablada, como de lengua escrita. Los resultados muestran que las oraciones introducidas por *incluso si* se establecen en los estratos más altos del Nivel Interpersonal y Representativo, desempeñando función semántica condición, función retórica concesión o función interactiva adendo respectivamente. Además, nuestros análisis demuestran que *incluso* tiene estatuto de operador enfático y no necesariamente acompaña la conjunción *si*. En las oraciones establecidas en el Nivel Representativo, la oposición se pierde cuando se retira el operador, cuando permanece, entonces, una relación condicional. En las oraciones establecidas en el Nivel Interpersonal, a su vez, el hablante desea enfatizar exactamente el contenido presentado en la oración introducida por *incluso si*, por lo que *incluso* es fundamental; en este caso, el hablante desea añadir un posible obstáculo, el peor de una escala de posibilidades, por lo que la relación de contraste es evidente y el énfasis es esencial.

Palabras-clave: Concesivo-Condicionales. Escalar. Incluso si. Español. Gramática Discursivo-Funcional.

LISTA DE FIGURAS QUADROS E TABELAS

FIGURAS

Figura 1 - A estrutura da oração (DIK, 1997, p.49)	19
Figura 2 - GDF como parte de uma teoria mais ampla da interação verbal (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.6).	22
Figura 3 - Organização geral da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.13).	23
Figura 4 - Escala implícita de <i>even/incluso</i> (adaptado de SCHWENTER, 2000, p.175).....	61

QUADROS

Quadro 1 - Categorias semânticas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 136).....	30
Quadro 2 - Classificação das orações condicionais (adaptado de HENGEVELD, 1998, p.353)	74

TABELAS

Tabela 1 - Relação modo-temporal das orações de Conteúdo Proposicional.....	86
Tabela 2 - Factualidade das orações na camada do Conteúdo Proposicional	89
Tabela 3 - Pressuposição das orações na camada do Conteúdo Proposicional	93
Tabela 4 - Pressuposição e Factualidade na camada do Conteúdo Proposicional.....	94
Tabela 5 - Posição da oração prefaciada por <i>incluso si</i> na camada do Conteúdo Proposicional	94
Tabela 6 - Relação modo-temporal na camada do Ato Discursivo	101
Tabela 7 - Factualidade na camada do Ato Discursivo	102
Tabela 8 - Pressuposição na camada do Ato Discursivo	104
Tabela 9 - Posição do Ato Discursivo Subsidiário	105
Tabela 10 Factualidade na camada do Movimento	113
Tabela 11 Pressuposição na camada do Movimento	115
Tabela 12 Nível e camada de atuação da oração introduzida por <i>incluso + si</i>	115
Tabela 13 análise geral das orações introduzidas por <i>incluso si</i>	121

ESQUEMAS

Esquema 1 - relação entre os membros de acordo com o modo subjuntivo (adaptado de GARCÍA SANTOS, 1990, p. 199)	68
Esquema 2 - relação entre os membros de acordo com o modo indicativo (adaptado de GARCÍA SANTOS, 1990, p.201)	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I.....	17
1.1 A Gramática Discursivo-Funcional	20
1.2 Níveis e camadas da GDF	25
1.2.1 O Nível Interpessoal	25
1.2.2 O Nível Representacional	28
1.2.3 Nível Morfossintático	30
1.2.4 Nível Fonológico	34
1.3 <i>Incluso si</i> no arcabouço da GDF	35
1.3.1 Funções Retóricas.....	35
1.3.2 Operadores de ênfase.....	40
CAPÍTULO II.....	42
2 As orações concessivo-condicionais	42
2.1 Tipos de orações introduzidas por <i>Incluso si</i>	45
2.2 Orações concessivas	50
2.3 Orações condicionais.....	52
2.4 A partícula <i>Incluso</i>	59
CAPÍTULO III	63
3.1 Objetivos e hipóteses	63
3.2 Níveis e camadas de atuação da construção introduzida por <i>incluso si</i>	66
3.3 O tempo e modo verbal da oração subordinada e principal	67
3.4 Factualidade nas orações subordinada e principal.....	69
3.5 Pressuposição da oração subordinada	73
3.6 Posição da oração subordinada com relação à principal	76
CAPÍTULO IV	78
4.1.1 Tempos e Modos das orações envolvidas	85
4.1.2 Factualidade e Pressuposição.....	89
4.1.3 Posição	94
4.2.1 Orações de natureza pragmática: relações entre duas orações	97
4.2.1.1 Tempos e modos e Factualidade das orações envolvidas	101

4.2.1.2	Pressuposição	103
4.2.1.3	Posição	105
4.2.2	Orações de natureza pragmática: relações entre porções textuais	107
4.1.2.1	Tempos e Modos das orações envolvidas e a Factualidade.....	111
4.1.2.2	Pressuposição	114
4.3	Composicionalidade de <i>incluso si</i>	115
4.4	Caracterização geral dos resultados	121
CONCLUSÃO.....		123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		126

INTRODUÇÃO

As orações denominadas *concessivo-condicionais* (ou *condicionais-concessivas*) são um tipo de construção estudada por muitos autores, tais como König (1985, 1986), Flamenco García (1999), Neves (1999) e Rodríguez Rosique (2012). Essas construções são concebidas como híbridas porque, segundo esses autores, mesclam características advindas de orações concessivas e de orações condicionais. Com as concessivas, compartilham a quebra de expectativa, com as condicionais, por sua vez, compartilham o sentido hipotético.

Levando-se em consideração essa definição dada pela tradição linguística, três grupos distintos são estabelecidos: (i) orações concessivo-condicionais universais, em que a oração subordinada é integrada por um quantificador universal; (ii) concessivo-condicionais alternativas, em que a oração subordinada é integrada por uma disjunção; e (iii) orações concessivo-condicionais escalares, em que a oração subordinada é integrada por uma partícula escalar. Este trabalho concentra suas análises neste último tipo de construção.

As orações concessivo-condicionais escalares apresentam elementos que trazem a noção de escalaridade, pois o papel dessas orações é o de estabelecer seu escopo em um ponto mais alto de uma escala de possibilidades. Para Flamenco García (1999), o falante, ao usar uma construção concessivo-condicional de natureza escalar, introduz a informação com o valor que considera mais forte, ou seja, aquele valor que supostamente impediria o cumprimento do afirmado na oração principal, para, ao mesmo tempo, descartá-lo, conforme mostra a ocorrência (1) a seguir:

- (1) -Si el PP convocara elecciones a corto plazo, el PSOE está preparado para darle respuesta?

-**Incluso si** las convoca ya, no nos van a pillar desprevenidos (1997, 9, Política)

-Se o PP convocasse eleições a curto prazo, o PSOE está preparado para dar resposta?

-**Mesmo se** convocar já, não nos vão pegar desprevenidos.

Em (1), nota-se que *incluso si las convoca ya* apresenta o ponto mais alto de uma escala de possibilidades (as eleições serem convocadas na última hora), além disso, a oração prefaciada por *incluso si* exibe uma possível objeção, pois uma convocação de última hora poderia pegar os candidatos desprevenidos, porém essa objeção não se confirma.

O objetivo geral deste trabalho é investigar, à luz da Gramática Discursivo-Funcional, um modelo de concepção influenciado por uma visão discreta das categorias linguísticas, as

orações denominadas pela tradição linguística de concessivo-condicionais prefaciadas por *incluso si*, em dados do espanhol peninsular escrito, tendo, como hipótese principal, a de que essas estruturas, na verdade, não são estruturas híbridas, uma vez que a partícula *incluso* constitui um operador enfático que escopa toda a oração condicional introduzida por *si*; e, como hipótese secundária, a de que essas estruturas atuam nos Níveis e camadas mais altos propostos pela Gramática Discursivo-Funcional.

Nosso aparato teórico é a Gramática Discursivo-Funcional – teoria proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008) – cujas descrições partem da intenção comunicativa para a codificação das estruturas linguísticas, adotando o Ato Discursivo como unidade básica de análise. A GDF é uma teoria entendida como uma arquitetura modular, que parte do discurso até chegar às expressões linguísticas, pois considera que a construção da comunicação sempre parte das intenções comunicativas de um falante/escrevente.

O recorte assumido por este trabalho se detém nas propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas das orações. Dessa forma, as perguntas norteadoras desta pesquisa podem ser expressas da seguinte maneira:

- (1) Quais são as motivações funcionais de uso dessas estruturas?
- (2) Sob o arcabouço da GDF, a que níveis e camadas essas estruturas pertencem?
- (3) Quais são as propriedades pragmáticas, semânticas, morfossintáticas dessas estruturas?

A opção pelo espanhol peninsular deve-se à maior facilidade de acesso aos textos desta variedade no corpus adotado, o CREA (*Corpus de Referencia del Español Actual*). O CREA é um banco de dados bastante diversificado, que oferece textos das modalidades falada e escrita de língua espanhola, tanto da América quanto da Espanha. Os dados selecionados para as análises compreendem os seguintes gêneros textuais: novela, relatos, notícia, resenha, entrevista, reportagem, entre outros. Optamos pela modalidade escrita nesse universo devido à alta frequência do objeto de análise, a partícula *incluso si*, o que pode se justificar pelos gêneros encontrados.

O presente trabalho organiza-se em quatro capítulos. O Capítulo 1 apresenta a fundamentação teórica desta pesquisa, em que são discutidos, primeiramente, os conceitos básicos do funcionalismo e, posteriormente, o modelo adotado para a análise, a Gramática Discursivo-Funcional, enfocando, principalmente, os Níveis e camadas que julgamos relevantes para esta investigação.

O Capítulo 2, por sua vez, dedica-se a conceituar as orações concessivo-condicionais, expondo as principais propriedades que a tradição linguística propõe às construções deste tipo. Posteriormente, apresentamos os conceitos e características que definem a concessão e, principalmente, a condição, para, por fim, apresentar as características específicas da partícula *incluso*.

O Capítulo 3 está dedicado aos aspectos metodológicos da investigação. Nele definimos os objetivos, as perguntas de pesquisa e as hipóteses que norteiam nossas análises. Também oferecemos nesse capítulo a descrição do corpus e apresentamos, em detalhes, os fatores de análise que norteiam esta investigação.

O Capítulo 4 apresenta as análises dos dados. Em primeiro lugar, apresentamos os resultados advindos dos fatores norteadores de nossa investigação: camada de atuação da construção e suas principais propriedades. Em seguida, para cada camada, apresentamos os resultados dos outros fatores de análise: factualidade, pressuposição, tempos e modos verbais e posição. Em sequência, apresentamos os resultados advindos da análise da composicionalidade de *incluso si*. Por fim, apresentamos a caracterização geral dos resultados.

Finalmente, nas conclusões, retomamos os principais aspectos discutidos ao longo deste trabalho e destacamos os resultados da análise que contribuem significativamente para a descrição das orações prefaciadas por *incluso si*.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1 A abordagem funcionalista

Antes de apresentar os pressupostos da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), teoria que fundamenta este estudo, convém apresentar os principais postulados do funcionalismo em geral e da Gramática Funcional (doravante GF), teoria na qual a GDF tem suas bases.

Dentro do que se chama funcionalismo, existem vertentes diferentes. Isso significa que não se trata de um paradigma teórico homogêneo, embora todos os modelos funcionalistas compartilhem entre si bases teóricas. Uma delas é a visão de língua, uma vez que a perspectiva funcional pretende verificar como a comunicação é feita nas línguas naturais, ou seja, de que forma os usuários das línguas se comunicam eficientemente; sendo assim, a abordagem funcionalista põe sob exame aquilo que é chamado de *competência comunicativa*. Além disso, a linguagem é vista como uma ferramenta que se adequa à função que ela pretende desempenhar em uma interação verbal e seu uso só pode ser explicado com base nessas funções.

A competência comunicativa é a capacidade do falante de, além de codificar e decodificar expressões, interpretá-las de acordo com o que o falante quer dizer e com a situação em que os interlocutores se encontram. É possível dizer que há uma pragmatização da sintaxe e da semântica na expressão linguística. Isso implica considerar as estruturas das expressões linguísticas como configurações de funções, sendo cada função vista como um modo diferente de significação na oração (NEVES, 1997).

De acordo com a proposta de Halliday (1973), a noção de *função* não corresponde aos papéis morfossintáticos desempenhados pelas estruturas linguísticas, mas à forma como a linguagem é usada pelos indivíduos em suas interações comunicativas. É importante frisar, no entanto, que esse termo pode ter outros sentidos, com diferentes abrangências, o que significa que sua classificação é diferente dependendo do quadro teórico usado.

Conforme apresenta Neves (1997, p. 10), Karl Buhler, um dos primeiros investigadores a definir o termo *função*, postula três funções da linguagem: a de representação (*Darstellungsfunktion*), a de exteriorização psíquica (*Kundgabefunktion*) e a de apelo

(*Appellfunktion*), sendo a função de representação a que torna a linguagem uma atividade humana. Além disso, em cada evento de fala é possível reconhecer três elementos: uma pessoa (*Sender*) informa outra pessoa (*Empfänger*) de algo (*Gegenstand und Sachverhalte*). Quanto ao que propõe Jakobson (1969), o autor adiciona outras funções às já exploradas por Bühler, com a diferença de que as funções de Jakobson estão mais interligadas ao ato de comunicação verbal, estando uma delas ligada ao contexto (função referencial), outra ao remetente (função emotiva), outra ao destinatário (função conativa), outra ao contato (função fática), outra ao código (função metalinguística) e outra à mensagem (função poética).

Halliday (1978 apud PEZATTI, 2004), porém, afirma que as funções de Bühler têm interesse psicolinguístico, usando a linguagem fora dos termos funcionais. Halliday (1978), então, faz uma proposição de funções que reflete a organização interna da língua, sendo assim, para ele, a linguagem serve, primeiramente, ao conteúdo (função ideacional), ou seja, se liga àquilo que é cognitivo e tem duas subfunções: experiencial e lógica. Em segundo lugar, a linguagem serve à função interpessoal e serve para organizar e expressar o mundo interno e externo do indivíduo. Em terceiro lugar, Halliday propõe a função textual que contextualiza as expressões linguísticas do falante referindo-se a questões internas da expressão, à sua mensagem em si mesma e em relação ao contexto.

Há quatro grandes importantes vertentes funcionalistas¹ de acordo com Butler (2003a, 2003b): (i) a Gramática Sistemico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN 2004, apud BUTLER, 2003b); (ii) a Gramática de Papel e Referência (VAN VALIN; LA POLLA, 1997 apud BUTLER, 2003b), (iii) o Funcionalismo da Costa Oeste dos Estados Unidos (BYBEE e SCHEIBMAN, 1999; BARLOW e KEMMER, 2000; BYBEE, 2001; HOPPER, 2001; THOMPSON, 2002 e GIVÓN, 1995, apud BUTLER, 2005b) e (iv) a Gramática Funcional (DIK, 1980, 1989, 1997a, 1997b). A primeira vertente, a Gramática Sistemico-Funcional, apresenta o texto como principal objeto de estudo e focaliza as descrições de línguas particulares. A segunda perspectiva, a Gramática de Papel e Referência, aproxima-se fortemente da teoria formalista, focalizando a unidade sintática da oração como objeto principal de análise. A terceira vertente, o Funcionalismo da Costa Oeste dos Estados Unidos se caracteriza por sustentar que as representações linguísticas da gramática são estreitamente relacionadas às manifestações concretas do uso, podendo, em última instância, ser extraídas desse uso concreto. Já a quarta vertente, a Gramática Funcional apresenta a oração como uma

¹ Atualmente, observa-se o surgimento de novas vertentes funcionalistas advindas das quatro mencionadas neste texto, as quais, por delimitação do tema, não foram contempladas.

unidade máxima de análise, e sua principal característica é a análise da oração como estrutura em camadas.

A Gramática Funcional (doravante GF) de linha holandesa, teoria desenvolvida por Simon Dik (1989, 1997) e outros, é uma teoria geral da organização das línguas naturais. Pode-se dizer que essa teoria concebe a língua como um instrumento de interação social e pode ser considerada *funcional* em três sentidos:

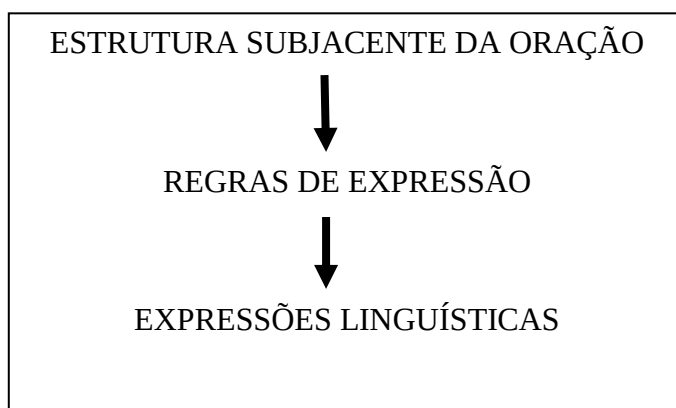
1. a língua é vista como tendo uma função comunicativa;
2. a importância primária está nas relações funcionais em todos os níveis da gramática;
3. ela pretende ser aplicável a todos os aspectos da língua e a seu uso.

A GF pretende explicar os fenômenos linguísticos que envolvem as relações entre falante e ouvinte. Segundo Pezatti (2004), essa teoria tem como objetivo um máximo de aplicabilidade na análise de vários aspectos das línguas em uso; para tanto, o grau de adequação tipológica se maximiza enquanto o grau de abstração, medido em termos de regras e procedimentos da análise linguística, se minimiza.

Os procedimentos evitados com relação à aplicabilidade dentro da GF são: (i) as transformações, ou seja, as expressões devem ser analisadas exatamente como o falante a produziu; (ii) os elementos vazios, na estrutura subjacente, que não recebem expressão; (iii) os filtros, ou seja, não se pode ignorar partes da oração e (iv) o fato de não ser possível aplicar decomposição lexical abstrata.

A estrutura da oração na GF é a que segue:

Figura 1 - A estrutura da oração (DIK, 1997, p.49)



Pode-se dizer que a estrutura subjacente da oração é a parte “crua”, ou seja, nela estão os elementos fundamentais para a análise, já as regras de expressão se referem à organização da estrutura (regras sintáticas). Na estrutura subjacente da oração há estratos de organização semântica e formal, como demonstrado abaixo:

Oração: se refere ao ato de fala

Proposição: se refere a um fato possível

Predicação: se refere a um estado de coisas

Predicado: se refere a uma propriedade ou relação

Termos: se refere às entidades

As relações funcionais, por sua vez, estão distribuídas em três níveis que configuram funções semânticas, sintáticas e pragmáticas. As funções semânticas estão relacionadas ao estado de coisas que é designado pela predicação em que ocorrem (Agente, Meta, Recipiente, etc.). As funções sintáticas especificam a perspectiva na qual o estado de coisas é apresentado (sujeito e objeto). Já as funções pragmáticas especificam as informações dentro do contexto comunicacional (tópico e foco).

A Gramática Funcional é a base para a elaboração da teoria da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), elaborada por Hengeveld e Mackenzie (2008). Para os autores, diferentemente da proposta de Dik, os falantes se comunicam por meio do encadeamento de orações e não por orações isoladas, tendo como objeto máximo de análise, o *discurso*. De acordo com a GDF, não mais a oração, mas sim o *Ato Discursivo* é a maior unidade de análise. Discorreremos a seguir sobre a teoria da GDF.

1.1 A Gramática Discursivo-Funcional

A Gramática Discursivo-Funcional é uma teoria que leva em conta a natureza da comunicação procurando, por isso, fornecer uma explicação da relação entre linguagem e contexto. Hengeveld e Mackenzie (2008) postulam que o usuário da língua é um conhecedor das regras formais e funcionais dessa língua e da maneira de combinar essas regras.

De acordo com Keizer (2015, p. 21), a GDF é uma gramática com um sistema estrutural moldado pelo uso e, decerto, descrito em relação ao uso. Por isso, segundo a autora, esse modelo é caracterizado como uma teoria "estrutural-funcional" da linguagem, uma vez que (i) as linguagens são complexos estruturados e adaptados para funcionar como

instrumentos de comunicação entre os seres humanos; (ii) a GDF considera que a forma da expressão linguística está fortemente vinculada às funções que exercem na situação de uso; (iii) a GDF tenta atingir a adequação pragmática por meio de uma abordagem modular *top down* (de cima para baixo), começando com a intenção comunicativa do falante; (iv) a teoria adota uma abordagem orientada para o discurso, reconhecendo que certas propriedades formais de uma expressão linguística só podem ser explicadas quando se leva em conta o discurso ao qual essa expressão faz parte.

A GDF começa com a intenção do falante, percorre os níveis semântico, morfossintático e fonológico, e chega ao componente de saída, responsável pela articulação das expressões linguísticas. Segundo Hengevel e Mackenzie (2008), essa direção é motivada pela suposição de que um modelo de gramática será mais eficaz quanto mais sua organização se assemelhar ao processamento da linguagem no indivíduo. Dessa forma, é possível afirmar que a teoria reconhece o fato de que alguns fenômenos gramaticais só podem ser explicados levando em consideração unidades superiores à oração, conforme (1) a seguir.

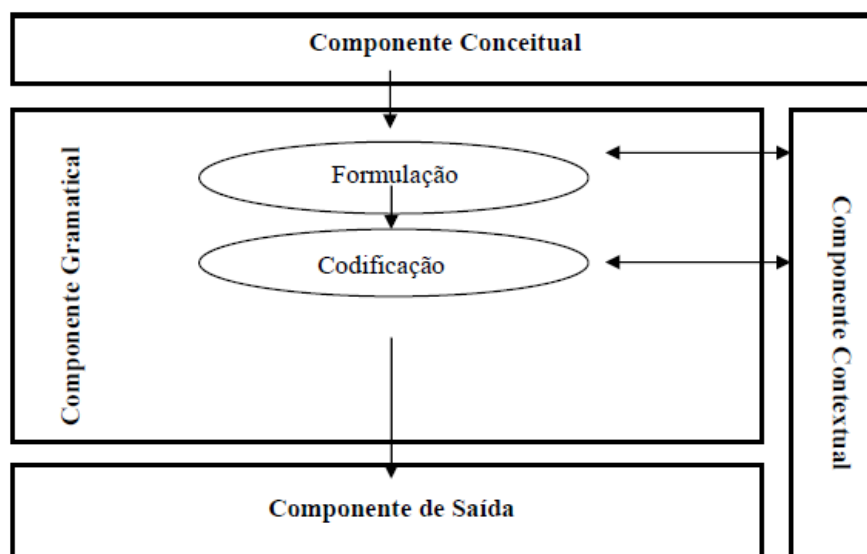
- (1) A: Where does your brother live?²
 B: He lives in London (KEIZER, 2015, p.23)
- A: Onde seu irmão mora?
 B: Ele mora em Londres

Nesse exemplo, o contexto é determinante das escolhas dos falantes, por exemplo, a escolha do pronome *ele* e da cidade *Londres* depende de questões contextuais e discursivas já conhecidas pelos interlocutores.

A GDF é concebida como componente gramatical de um modelo de interação verbal em que esse componente se liga aos componentes conceitual, contextual e de saída. Os três últimos componentes interagem com o componente gramatical por meio de operações de formulação (regras semânticas e pragmáticas de uma língua) e de codificação (regras que convertem as regras semânticas e pragmáticas em morfológicas e fonológicas). A figura (2) a seguir esquematiza os componentes mencionados:

²As traduções dos exemplos presentes neste trabalho servem apenas como um auxílio à interpretação dos leitores. Todas as traduções são de nossa autoria.

Figura 2 - GDF como parte de uma teoria mais ampla da interação verbal (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.6).



O **Componente Conceitual** é o responsável pelo desenvolvimento da intenção comunicativa do falante, assim como pelas conceitualizações associadas ao evento de fala, bem como para os eventos extralinguísticos relevantes para o ato comunicativo. Segundo Keizer (2015), para a GDF, a representação mental da intenção do falante está localizada no Componente Conceitual. Este componente pode, portanto, ser visto como a força motriz por trás do **Componente Gramatical**, desencadeando a operação de **Formulação** que converte a informação conceitual prelinguística nas representações pragmáticas e semânticas linguisticamente relevantes.

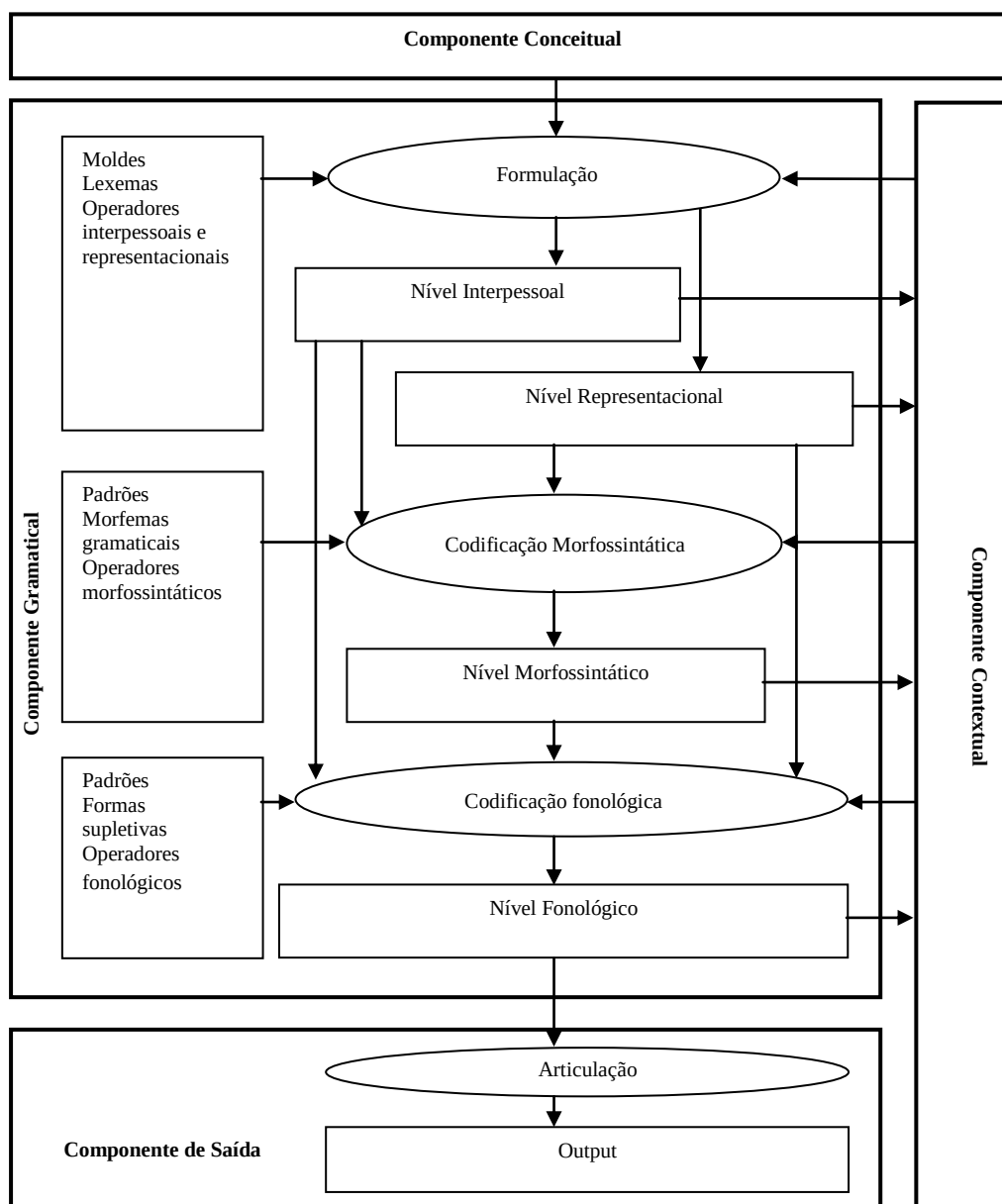
O **Componente Contextual** contém a descrição do conteúdo e da forma do discurso precedente e o contexto real perceptível em que ocorre o evento de fala, assim como a relação social entre os participantes. O Componente Contextual contém vários tipos de informação; em termos gerais, pode-se fazer uma distinção entre informação situacional (sobre entidades não linguísticas no contexto do discurso imediato) e informação textual (sobre antecedentes linguísticos no contexto do discurso imediato).

Já o **Componente de Saída** é responsável por gerar as expressões acústicas, escritas e de sinais fornecidas pelo componente gramatical. Uma vez realizadas as operações de Formulação e Codificação, realiza-se o trabalho do **Componente Gramatical**: que alimenta o Componente de Saída, onde a operação de Articulação converte a informação gramatical em informação acústica ou ortográfica. É no Componente Gramatical que a GDF se estrutura,

pois é aqui que a intenção comunicativa do falante e as representações mentais relevantes são convertidas em enunciados linguísticos.

Conforme se verifica na Figura 3 a seguir, na organização descendente do Componente Gramatical, a Pragmática rege a Semântica, ambas regem a Morfossintaxe e a Pragmática, a Semântica e a Morfossintaxe regem a Fonologia.

Figura 3 - Organização geral da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.13).



Dentro dos componentes, os círculos contêm operações, as “caixas” verticais contêm os primitivos usados nas operações e os retângulos contêm os níveis de representação

produzidos pelas operações. No Componente Conceitual se desenvolve a intenção comunicativa. Na Formulação, as representações conceituais são traduzidas em representações semânticas no **Nível Representacional** e em representações pragmáticas no **Nível Interpessoal**.

Vale ressaltar a explicação de Garcia (2010) sobre a arquitetura da GDF:

Essas regras de formulação fazem uso de um leque de primitivos que contêm frames, lexemas e operadores. As configurações nos Níveis Interpessoal e Representacional são traduzidas em estruturas morfossintáticas no Nível Morfossintático. As regras de Codificação Morfossintática atraem um leque de primitivos contendo Esquemas Morfossintáticos, Morfemas Gramaticais e Operadores Morfossintáticos. De um modo similar, as estruturas nos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático são transformadas em estruturas fonológicas no Nível Fonológico. As regras de Codificação Fonológica atraem um leque de primitivos contendo Esquemas Fonológicos, Formas supletivas e Operadores Fonológicos (GARCIA, 2010, p.35).

É importante lembrar que o Componente Conceitual envia informações para o Componente Gramatical. O Componente de Saída, por sua vez, depende das informações codificadas dentro do Componente Gramatical para a mensagem finalmente ser articulada.

Na **Formulação**, o Nível Interpessoal representa os atos linguísticos do falante para chegar ao seu objetivo comunicativo e é a ordem das estratégias colocadas em prática pelo falante durante a comunicação que reflete tais objetivos. O Nível Representacional, por sua vez, trata dos aspectos semânticos das unidades linguísticas referentes tanto ao modo como a língua se relaciona ao mundo extralinguístico que ela descreve quanto aos significados de unidades lexicais, independentemente do modo como essas unidades são usadas na comunicação.

Na operação de **Codificação**, o Nível Morfossintático tem como tarefa tomar o *input* resultante da formulação dos níveis Interpessoal e Representacional, convertendo unidades de conteúdo em unidades morfossintáticas. Tais unidades morfossintáticas são convertidas em unidades fonológicas. Por fim, é do Nível Fonológico a responsabilidade dos aspectos prosódicos da codificação.

Além da hierarquia existente entre os níveis dentro do Componente Gramatical, cada nível também é organizado por camadas hierárquicas, conforme descrevemos na seção (1.3).

1.2 Níveis e camadas da GDF

Os Níveis de representação existentes na teoria, Nível Interpessoal, Nível Representacional, Nível Morfossintático e Nível Fonológico estão dentro do Componente Gramatical. O que os níveis têm em comum entre si é a organização hierárquica ordenada em camadas. A forma máxima da estrutura das camadas dentro dos níveis é representada por (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 14):

$$(\pi \ v_1: [\text{núcleo } (v_1)_\Phi] : [\sigma (v_1)_\Phi])_\Phi$$

em que v_1 é a variável da camada em questão restringida por um núcleo do qual a variável se torna argumento e pode ser mais restringida pelo modificador (σ). Além disso, uma camada pode ter um operador (π) e uma função (Φ), enquanto os núcleos e os modificadores se referem ao léxico, os operadores e as funções se referem a regras gramaticais. Quando as relações entre as unidades não são hierárquicas, elas são colocadas entre colchetes, como exemplificado na representação acima.

Abordamos, a seguir, cada nível de organização existente na GDF, sendo, respectivamente, o Nível Interpessoal, o Representacional, o Morfossintático e o Fonológico.

1.2.1 O Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal se relaciona aos aspectos pragmáticos da interação verbal. Conforme destacam Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 51), o Nível Interpessoal capta todas as distinções de formulação que dizem respeito à interação entre o falante e o ouvinte. Essas distinções abrangem, nas camadas mais altas, noções retóricas da estruturação do discurso, na medida em que elas se refletem na forma linguística, e, nas camadas mais baixas, distinções pragmáticas que refletem como os falantes moldam suas mensagens levando em conta as expectativas que eles têm com relação aos conhecimentos e sentimentos do ouvinte.

As relações hierárquicas que se aplicam ao Nível Interpessoal são representadas a seguir.

$$(M_1: [(A_1: [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1)\{_\} \dots (T_{1+N})\{_\} (R_1) \{_\} \dots (R_{1+N})\{_\}] (C_1)\{_\})] (A_1) \dots (A_{1+N})\{_\}] (M_1))$$

O **Movimento** (M₁) pode requerer uma reação ou ser, ele próprio, uma reação. A complexidade de um Movimento pode variar do silêncio até um longo trecho de discussão. Nas palavras de Hengeveld e Mackenzie (2008), o que é característico de um Movimento é que ele seja ou abra a possibilidade de uma reação. Em outras palavras, um Movimento tem uma função perlocucionária, isto é, apenas um Movimento pode provocar uma reação do interlocutor (uma resposta a uma pergunta, uma objecção a um ponto de discussão, etc.). Ainda para os autores, a alternância entre Movimentos fica muito clara em uma conversação, em que cada turno representa um Movimento, conforme mostra (2).

(2)A: What is the capital of Latvia?

B: Riga. Why do you ask? (HENGEVELD E MACKENZIE, 2008, p. 50)

A: Qual é a capital da Letônia? B: Riga. Por que a pergunta?

Enquanto, na língua falada, diferentes Movimentos correspondem a diferentes turnos, na linguagem escrita Movimentos podem ser mais difíceis de reconhecer. Segundo Keizer (2015, p. 60), em geral, no entanto, pode-se supor que o início de um novo parágrafo coincida com o início de um novo Movimento. Além disso, seja na língua falada, seja na língua escrita, um Movimento pode ser interrompido por outro Movimento em razão de elaborações ou digressões feitas pelo falante. Para a autora, frequentemente, Movimentos de interrupção aparecem entre parênteses, ou indicados lexicalmente por sintagmas, conforme o exemplo do inglês escrito em (3).

(3)So if you know that the owners of a site don't want you linking inside, and you do it anyway just so people can get around their rules, then I think that if their rules are upheld as valid (unknown) then you could be held liable for contributory infringement. You aren't doing any copying, but you are taking actions solely to cause other people to make allegedly illicit copies for themselves. (*This, by the way, is part of what Napster was sued for.*) Generally this "deep linking" would need to be costing them money to make a case out of it. (KEIZER, 2015, p. 60)

Então se você souber que os proprietários de um site não querem você conectando e você o faz de qualquer maneira, apenas para que as pessoas possam espalhar suas regras, então eu acho que se as regras delas são confirmadas como válidas (desconhecido), então você poderia ser responsável por infração contributiva. Você não está fazendo nenhuma cópia, mas está tomando ações exclusivamente para fazer com que outras pessoas façam cópias supostamente ilícitas para si mesmas. (Isso, aliás, é parte do porquê Napster foi processado.) Geralmente, esta "profunda vinculação" precisaria estar custando-lhes dinheiro para fazer caso disso

De acordo com (3), o falante, aparentemente, percebe a necessidade de fornecer certos tipos de informações de fundo para o destinatário ser capaz de compreender adequadamente essa parte da história. Essas interrupções são estrategicamente determinadas e, portanto, correspondem a Movimentos separados no Nível Interpessoal.

Um Movimento contém um ou mais **Atos Discursivos** (A_1). Essa camada é responsável por indicar a motivação que levou o falante a proferir uma **Ilocução** (F_1), que pode ser declarativa, interrogativa ou imperativa.

Um Ato Discursivo pode representar um Movimento completo. Nesse caso, Keizer (2015) afirma que a distinção entre Movimentos e Atos Discursivos nem sempre é fácil de fazer. Há, no entanto, algumas pistas que podem ajudar a identificar a diferença entre eles, como o fato de os Movimentos provocarem ou constituírem uma reação do destinatário. Um exemplo claro encontra-se em (4), que elicitava uma resposta de B. Os Atos Discursivos não fazem isso, embora possam provocar um *backchannel* do destinatário, são meramente destinados a incentivar o falante a continuar, e não a estimular a comunicação em termos de um objetivo conversacional.

(4)A: What happened at Wimbledon yesterday? (M1: (A_1))

B: Murray won. And Federer lost. (M1: [(A_1) (A_2)] M) (KEIZER, 2015, p.64)

A: O que aconteceu em Wimbledon ontem?

B: Murray ganhou. E Federer perdeu

Além disso, se um Movimento contém mais de um Ato Discursivo, a relação entre eles pode ser de **equipolência**, caso em que ambos têm o mesmo *status* comunicativo ou podem ser também de **dependência** (cf. 1.3.1), caso em que um Ato Discursivo depende de outro, o Subsidiário.

Outra camada do Nível Interpessoal é o **Conteúdo Comunicado** (C_1), camada que contém a totalidade da informação que o falante deseja evocar na sua comunicação com o ouvinte. Usualmente, ou o Conteúdo Comunicado é completamente novo para o ouvinte, ou se trata de uma mescla de informação nova e informação velha. **Subatos**, por sua vez, que são hierarquicamente subordinados a Atos Discursivos, são constituintes do Conteúdo Comunicado. Podem ser **Atributivos** (T_1), que expressam uma tentativa do falante de evocar uma propriedade que se aplique a uma entidade, como *bonito*, *amarelo*, *correr* ou **Referenciais** (R_1), que evocam um referente, ou seja, um conjunto de entidades, tais como *mesa*, *cadeira*, *computador*.

1.2.2 O Nível Representacional

O Nível Representacional se refere aos traços semânticos da unidade linguística. Enquanto o Nível Interpessoal cuida da evocação, o Nível Representacional é responsável pela designação. O uso do termo *semântica* é, portanto, restrito aos meios pelos quais uma língua se relaciona com os mundos possíveis que ela descreve.

Segundo Garcia (2010, p.42), usa-se o termo *semântica* com dois sentidos possíveis. Primeiramente, pode restringir-se aos modos como a língua se relaciona ao mundo extralinguístico que ela descreve, e também aos significados de unidades lexicais (semântica lexical) e unidades complexas (semântica composicional), independentemente do modo como essas unidades são usadas na comunicação.

As relações hierárquicas que se aplicam a esse Nível são:

$$(p_1: [(ep_1: [(e_1: [(f_1: [(f_2)_n (x_1) \dots (x_{1+n}) _] (f_1)) \dots (f_{1+n}) (e_1) _]]) \dots (e_{1+n}) \{ _ \}] (ep_1)) \dots (ep_{1+n}) \{ _ \}] (p_1))$$

A camada mais alta é o **Conteúdo Proposicional** (p), que consiste em construtos mentais, sem existência no espaço ou no tempo, tais como conhecimentos, crenças e desejos. Podem ser classificados em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) e/ou em termos de sua fonte de origem (conhecimento partilhado, inferências). Conteúdos Proposicionais podem ser factuais, como quando se relacionam a conhecimento ou crença sobre o mundo real, ou contrafactuais, quando se relacionam a esperanças ou desejos em relação a um mundo imaginário. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p.144), os Conteúdos Proposicionais são diferentes dos Conteúdo Comunicados: primeiramente porque os últimos constituem a mensagem contida nos Atos Discursivos, em segundo lugar, porque Conteúdos Proposicionais podem ser atribuídos, sem problemas, a outras pessoas, enquanto o mesmo não ocorre com Conteúdos Comunicados, conforme podemos constatar em (5), em que se observa uma relação entre Conteúdos Proposicionais.

(5) Jenny believed that *her mother would visit her*. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.144)

Jenny acreditava que sua mãe iria visitá-la.

Em (5) o Conteúdo Proposicional é atribuído à Jenny, indivíduo introduzido na oração principal. A natureza proposicional do trecho em *itálico* no exemplo mostram atitude proposicional.

Outra camada que faz parte do Nível Representacional é o **Episódio** (ep). Trata-se de um conjunto de Estados-de-Coisas tematicamente coerentes, no sentido de que mostram unidade ou continuidade de tempo (t), localização (l) e indivíduos (x). Assim, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 157), um Episódio consiste minimamente de um Estado-de-Coisas nuclear (e_1), mas pode conter mais de um Estado-de-Coisas adicional. Vejamos o exemplo (6).

(6) Coming out, stopping to check the mailbox, taking a look at the driveway and pausing to adjust his hat, he walked to his car (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.158).

Saindo, parando para verificar a caixa de correio, dando uma olhada na calçada e parando para ajustar o chapéu, ele caminhou até seu carro

Em (6) temos uma relação entre cinco Estados-de-Coisas (sair, parar para verificar a caixa de correio, dar uma olhada na calçada, parar para ajustar o chapéu e caminhar até o carro) que formam um único Episódio.

A camada do Estado-de-Coisas (e) é de natureza composicional e contém uma combinação de unidades semânticas que não estabelecem relação hierárquica entre si. Além disso, Estados-de-Coisas são entidades que podem ser localizadas no tempo relativo e podem ser avaliadas em termos de seu *status* de realidade. Assim, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), Estados-de-Coisas podem (não) ocorrer, (não) acontecer, ou (não) ser o caso em algum ponto ou intervalo de tempo.

Propriedades Configuracionais (f), por sua vez, dizem respeito a uma camada construída usando categorias semânticas que estabelecem uma relação não hierárquica entre si, como, por exemplo, a relação entre um predicado relacional e seus argumentos, conforme (7) em que o Estado-de-Coisas como um todo é constituído de uma Propriedade (f) que estabiliza a relação entre dois outros Estados-de-Coisas (e):

(7) The heavy rainfall (e) caused (f) a lot of damage (e) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.181)

A chuva forte (e) causou (f) muitos danos (e)

Resumidamente, as Propriedades Configuracionais constituem o inventário de predicções e lexemas relevantes para uma língua.

A GDF adiciona mais categorias, denominadas *subclasses* de categorias, que são relevantes para a gramática de uma língua particular e entram na configuração de uma Propriedade Situacional, essas subclasses estão representadas no quadro a seguir:

Quadro 1 - Categorias semânticas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 136)

Descrição	Variável	Exemplo
Propriedade	f	Cor
Indivíduo	x	Cadeira
Estado-de-Coisa	e	Encontro
Conteúdo Proposicional	p	Ideia
Localização	l	Topo
Tempo	t	Semana
Episódio	ep	Incidentes
Modo	m	Maneira
Razão	r	Razão
Quantidade	q	Litro

A seguir, apresentamos as principais propriedades do terceiro Nível na hierarquia da GDF, o Nível Morfossintático.

1.2.3 Nível Morfossintático

O Nível Morfossintático trata dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. Juntamente com o Nível Fonológico, ele cuida da codificação das distinções interpessoais e representacionais. Muito do que acontece no Nível Morfossintático é funcionalmente motivado: princípios ordenadores são motivados por iconicidade, integridade de domínio e estabilidade funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 283). A GDF não faz distinção entre um nível sintático e um nível morfossintático de análise, uma vez que os princípios utilizados na formação de palavras são os mesmos utilizados na formação de frases e orações. As camadas do Nível Morfossintático são:

$$(Le_1: [(Xw_1) (Xp_1) (Cl_1: [(Xw_2) (Xp_2): [(Xw_3) (Xp_3) (Cl_3)] (Xp_2))\{_ \} (Cl_2)\{_ \} (Cl_1))]) (Le_1))$$

A camada da Expressão Linguística (Le) diz respeito a qualquer conjunto de pelo menos uma unidade morfossintática. As unidades que se combinam em uma Expressão Linguística podem ser orações e sintagmas. A camada da Oração (Cl) diz respeito a um agrupamento de um ou mais Sintagmas e, possivelmente, Palavras (gramaticais), e é caracterizada, em maior ou menor grau, por um padrão de ordenação desses constituintes e, também, em maior ou menor grau, por expressões morfológicas de conexão (em especial, regência e concordância). Já a camada do Sintagma (Xp) tem como núcleo um item lexical que é transmitido a partir do Nível Interpessoal ou do Nível Representacional. Por fim, a camada da Palavra (Xw) pode ser composta de raízes e afixos e pode encaixar camadas superiores, como sintagmas e orações, obedecendo à recursividade completa.

O alinhamento do Nível Morfossintático, por sua vez, não reflete diretamente a organização dos Níveis Interpessoal e Representacional, “mas apresenta sua própria organização em termos de funções sintáticas (Sujeito/Objeto) e em termos de complexidade de constituintes” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 317).

É importante mencionar que, dentro da Expressão Linguística, há relações importantes e que se mostram relevantes para a presente investigação. Observa-se, primeiramente, que, para se qualificar como uma unidade na camada da Expressão Linguística, uma unidade de expressão não pode ser parte de outra. Assim, em (8), encontra-se uma Expressão Linguística constituída de duas orações e um coordenador, e nenhuma faz parte uma da outra; a Expressão Linguística em (9), por outro lado, consiste em apenas uma oração, que, por sua vez, está contida em outra oração.

(8) Matthew bought two books and Mary bought a DVD. (KEIZER, 2015, p.182)

Matthew comprou dois livros e Mary comprou um DVD.

(9) Matthew thought that Mary bought two DVDs. (KEIZER, 2015, p.182)

Matthew pensou que Mary comprou dois DVDs.

Os exemplos (8) e (9) mostram que existem tipos diferentes de relação entre orações numa Expressão Linguística. Primeiramente, segundo Keizer (2015), parece ser possível que uma Expressão Linguística consista em duas unidades do mesmo tipo (Orações ou Sintagmas), que são mutuamente dependentes uma da outra, conforme ilustram os exemplos (10) e (11) a seguir:

- (10) The longer it went on, the worse it got – Equiordenação Oracional (KEIZER, 2015, p.183)

Quanto mais durou, pior ficou

- (11) The bigger, the better – Equiordenação frasal (KEIZER, 2015, p.183)

O maior, o melhor

Nota-se que os exemplos (10) e (11) apresentam entre suas orações/sintagmas uma relação de *equiordenação*, isto é, o grau de dependência de ambas as construções é alto entre si, pois dado o uso de elementos correlativos, nenhuma das duas unidades poderia ser usada de forma independente.

Além desses casos de dependência mútua, as Expressões Linguísticas também podem conter uma unidade que poderia ser usada de forma independente e outra que não, de modo que uma das duas orações é dependente da outra, conforme (12).

- (12) As for the Beatles being boring, you should read Lennon's biography . . . (Internet) (KEIZER, 2015, p.183)

Quanto aos Beatles serem chatos, você deve ler a biografia de Lennon. . . (Internet)

Em (12), percebe-se que a oração *Quanto aos Beatles serem chatos*, é mais dependente da oração seguinte *você deveria ler a biografia de Lennon*, enquanto esta oração pode ser usada de forma independente. Isso significa que uma das duas orações é subordinada à outra (nos termos tradicionais), sendo parte constituinte da oração independente. Essa relação é denominada pelos autores de *cosubordinação*.

O terceiro e último tipo de relação na camada da Expressão Linguística é a *coordenação*. Na coordenação, as partes individuais não são dependentes umas das outras, isto é, cada parte constituinte da construção pode ser usada por si só, conforme apresenta (13).

- (13) Matthew bought two books and Mary bought a DVD (KEIZER, 2015, p.182)

Matthew comprou dois livros e Mary comprou um DVD

No Nível Morfossintático encontra-se, também, a relação de *subordinação*. Essa relação perpassa as três camadas abaixo da Expressão Linguística (Le), portanto, as camadas da Oração (Cl), do Sintagma (Xp) e da Palavra (Xw). Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 397)

afirmam que Orações podem ocorrer como constituintes de outras Orações, desempenhando papel de Orações adverbiais, complementares ou predicativas. Os autores destacam que as orações subordinadas podem ser diferenciadas uma da outra pela (i) presença ou ausência de uma conjunção; (ii) presença ou ausência de formas verbais especiais e (iii) presença ou ausência de marcação especial de argumentos. Além disso, fatores interpessoais, representacionais e morfossintáticos são os responsáveis pela escolha de um ou de outro tipo de Oração subordinada.

As orações subordinadas em espanhol, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 354), diferem-se das orações principais na presença de uma conjunção em P^I (posição inicial). Para os autores, existem dois tipos de conjunções diferentes para orações de complemento, factual (14) e uma não-factual (15), o que mostra que uma conjunção pode, além de juntar duas orações, participar da expressão do seu significado.

- (14) Juan no sabe que Pedro está enfermo. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 353)
Juan não sabe que Pedro está doente.

- (15) Juan no sabe si Pedro está enfermo. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 353)
Juan não sabe se Pedro está doente.

Para Keizer (2015, p. 229), dentro do Sintagma, as orações subordinadas podem ser divididas em dois grupos: orações relativas restritivas e orações complemento (ou conteúdo), conforme (16) e (17).

- (16) His staff officers would be gathering by his tent, *waiting to hear the news that had come from Washington* (KEIZER, 2015, p.229)

Seus oficiais de equipe se reuniriam na sua tenda, *esperando para ouvir as notícias que vieram de Washington*

- (17) Do you remember where you were *when you heard the news that Dr. King had been assassinated?* (KEIZER, 2015, p.229)

Você se lembra onde você estava quando *ouviu a notícia de que o Dr. King tinha sido assassinado?*

No exemplo (16) a oração subordinada pode ser analisada como um modificador da oração principal, já que modifica todo o Conteúdo Proposicional designado; enquanto no exemplo (17) a oração subordinada funciona como um argumento da oração principal.

Além disso, a escolha do tipo e da posição da oração subordinada depende de fatores interpessoais, representacionais e morfossintáticos. Para Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 362), as posições de argumento e modificador podem ser ocupadas por qualquer uma das camadas dos Níveis Representacional ou Interpessoal. No caso das orações subordinadas que funcionam como complemento, a semântica do predicado da oração principal determina o tipo de unidade interpessoal ou representacional que pode tomar como dependente. No caso de subordinação adverbial é a função semântica ou a conjunção lexical que restringe as camadas em que a oração pode se estabelecer.

Conforme apresentamos, a realização, na Expressão Linguística, das relações de *coordenação*, *equiordenação* ou *cossubordinanação* é marcada, morfossintaticamente, na Expressão Linguística. Essas relações correspondem aos graus de dependência existentes entre uma frase ou uma oração.

1.2.4 Nível Fonológico

O Nível Fonológico de representação é o *input* das operações de articulação que no caso de um Componente de Saída acústica (em oposição ao acústico e ao de sinais), contém as regras fonéticas necessárias para uma enunciação adequada. O Nível Interpessoal se responsabiliza por diferenças prosódicas, porém, o som propriamente dito, as pausas etc., são próprias do Nível Fonológico. Além disso, assim como nos outros níveis, as representações fonológicas são de natureza hierárquica:

$$(U_1: [(IP_1: [(PP_1: [(PW_1)] (PP_1))] (IP_1))] (U_1))$$

Primeiramente, o Enunciado (U) é o maior trecho do discurso abrangido pelo nível fonológico. Um falante usa pausas para separar enunciados de frases entonacionais, porém essas pausas, que são mais longas, não são interpretadas pelo ouvinte como hesitações. Um Enunciado mostra distinções de altura, chamados *paratons*, que marcam um grupo autônomo de frases entonacionais. A Frase Entonacional (IP) caracteriza um núcleo, ou seja, um movimento tonal que é essencial para a interpretação da Frase Entonacional como um todo. A Frase Entonacional se relaciona aos suprasegmentos da frase. A Frase fonológica (PP) se associa ao acento da palavra que, muitas vezes, diferencia uma palavra da outra, por exemplo: *secretária/secretaria*. Finalmente, a Palavra fonológica (PW) está relacionada ao número de segmentos, aos recursos prosódicos e ao domínio das regras fonológicas.

Tendo visto os principais preceitos da GDF e suas origens, a GF, na próxima seção trataremos da aplicabilidade da teoria em nosso objeto de estudos, *incluso si*.

1.3 *Incluso si* no arcabouço da GDF

Esta seção tem como objetivo abordar, com base no modelo da GDF, as propriedades que caracterizam a estrutura *incluso si*. Sabemos, conforme propõem Hengeveld e Mackenzie (2008) e autores como Garcia (2010) para o português, que a concessão pode ser tratada como *função retórica*, quando atua no Nível Interpessoal, ou como *função semântica*, quando atua no Nível Representacional. Da mesma maneira, as orações condicionais já foram identificadas por autores como Oliveira (2008) como atuantes do Nível Representacional, desempenhando, portanto, *função semântica*, e do Nível Interpessoal, desempenhando *função retórica correção* ou *condição* (Oliveira e Hirata-Vale, 2016).

Considerando nossa hipótese principal para esta investigação – a de que a estrutura *incluso si* não se trata de uma locução conjuntiva concessivo-condicional, mas, sim, de uma estrutura escalar que escopa uma construção condicional – nosso objetivo, nesta seção, é abordar as características das Funções Retóricas, segundo a GDF, bem como explicitar como essa teoria define os operadores de ênfase.

1.3.1 Funções Retóricas

Como já discutimos na seção (1.2.1), o Nível Interpessoal trata dos aspectos formais da unidade linguística que refletem a interação entre falante e ouvinte. É importante destacar que, em uma interação, cada participante tem um objetivo em mente e é esse objetivo específico que determina a estratégia adotada para obter o seu propósito comunicativo. Nesse sentido, as propriedades de interações que fluem e as estratégias propositalmente selecionadas referem-se à *retórica* e à *pragmática* (PEZATTI, 2014, p. 9).

Interessa-nos, neste trabalho, a retórica, que se relaciona aos modos como os componentes do discurso são ordenados a fim de realizar a estratégia comunicativa do falante e também às propriedades formais dos enunciados que influenciam o ouvinte a aceitar tais propósitos. Na GDF, a função desempenhada por razões argumentativas é chamada de *função retórica*, refletindo, portanto, as ações de organização do discurso.

É importante destacar que a dependência discursiva entre orações se estabelece entre os Atos Discursivos aos quais o falante dá um *status* comunicativo desigual. Mostra-se essa

dependência discursiva através da presença das funções retóricas nos Atos Discursivos Subsidiários, cujos papéis podem ser *Motivação*, *Aposição*, *Concessão*, *Orientação* ou *Correção/Esclarecimento*.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 54), a função retórica de **Motivação** é orientada para advertir o Destinatário de alguma coisa, conforme mostra (18) em que a motivação para a enunciação do Ato Discursivo *cuidado* é o fato de haver pegadinhas no exame. Esta estratégia é implementada através da emissão de dois Atos Discursivos (intelectualmente distintos) em sucessão, um com uma Ilocução Imperativa e um com uma Ilocução Declarativa. A presença do *porque* indica que o segundo Ato é entendido como subsidiário:

(18) Watch out, *because there will be trick questions in the exam*. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 54)

Cuidado, *porque haverá pegadinhas no exame*.

A função retórica **Aposição** (*Aside*) é representada por uma oração adjetiva não restritiva, cuja função é apresentar uma informação de fundo com relação à evocação de um Subato Referencial no Ato Nuclear, conforme (19).

(19) Did the students, *who after all had worked very hard*, pass the exam? (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 58).

Os estudantes, *que depois de tudo trabalharam muito*, passaram no exame?

Nota-se que a estratégia comunicativa apresentada em (19) se assemelha à função gramatical de aposto, em que a oração adjetiva apresenta uma explicação.

A função retórica **Concessão**, por sua vez, expressa uma objeção real ou possível ao que está sendo apresentado no Ato Discursivo precedente, conforme (20).

(20) The work was fairly easy, *although it took me longer* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 54).

O trabalho foi razoavelmente fácil, *embora tenha demorado mais do que o esperado*

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 55), a alteração da posição da oração concessiva com relação à principal é uma importante pista de que a concessão não ocorre

entre dois Atos Discursivos, mas entre dois Conteúdos Proposicionais (p), camada mais alta do Nível Representacional, no exercício de uma *função semântica*. Um Conteúdo Proposicional é um construto mental que pode ser qualificado em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença), e/ou em termos de sua origem ou fonte (conhecimento partilhado, evidência sensorial, inferência), conforme representa o exemplo dado por Hengeveld e Mackenzie (2008, p.55) a seguir:

(21) *Although the work took longer than expected, it was easy* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 55).

Embora o trabalho tenha levado mais tempo do que o esperado, foi fácil

Como se pode observar, a concessão, para Hengeveld e Mackenzie (2008) pode se dar entre dois Atos Discursivos ou entre dois Conteúdos Proposicionais, camadas mais altas dos Níveis Interpessoal e Representacional, respectivamente. Essa diferença de atuação se reflete diretamente na alteração da posição da oração concessiva com relação à principal. Assim, podemos observar que, sob a ótica funcional, a ordenação morfossintática das orações é um mecanismo de codificação que merece destaque.

A função retórica **Orientação**, por sua vez, serve para orientar o destinatário sobre as intenções comunicativas do falante, ao indicar, dentro de um Movimento, a introdução de um referente no discurso que é importante para o Ato Discursivo que o segue, conforme (22).

(22) *My brother, I promise not to betray him.* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 55)

Meu irmão, eu prometo não trai-lo.

Atos Discursivos com a função de Orientação trazem informação suplementar para a relevância comunicativa de outro Ato. Eles podem ter contorno prosódico e ilocuições próprias, sempre separados por uma pausa, devido a seu *status* independente.

Quando, no entanto, o falante está claramente proferindo um Ato Discursivo de autocorreção, instruindo o Destinatário a substituir algum elemento na sua representação cognitiva, trata-se de um Ato Discursivo que corrige ou esclarece o Ato Discursivo principal. Essa função retórica é denominada **Correção**, por seu *status* de modificação de um Ato anterior, conforme representa (23):

(23) I promise not to betray him, *my brother*. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 55)

Eu prometo não trai-lo, *meu irmão*.

Ainda com relação às funções retóricas Orientação e Correção, presentes no Nível Interpessoal, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), o frequente uso dessas estratégias na língua pode conduzir à exigência de um padrão no Nível Morfossintático que leva à posição pré ou pós-oracional de uma estrutura condicional.

A *if-clause* em (24), por exemplo, é dada por Dik (1997b, p.132) como uma instância de Orientação.³

(24) *If you don't stop crying*, then we won't go to the movies (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 56)

Se você não parar de chorar, então nós não vamos ao cinema.

O autor assume que o constituinte que veicula a função Orientação é um ECC (*Extra-Clausal Constituent*) colocado fora do domínio da oração. A posição P₁ da oração é, neste caso, ocupada pelo elemento resumitivo *then*. Além disso, para Dik (1997b, p. 132), é uma evidência que a posição de uma oração dependa da sua *função semântica*, conforme também já havia concluído Greenberg (1966, p. 84), que formulou o seguinte postulado: “em declarações condicionais, a oração condicional precede a conclusão como ordem não-marcada em todas as línguas”. Por trás desta premissa, conforme explicita Dik (1997b), está o princípio da iconicidade que prevê que as orações devem ser ordenadas de acordo com as relações temporais e conceituais que elas obtêm entre os fatos ou Estados de Coisas que elas designam.

A relação entre a *if-clause* e a oração principal no exemplo (24), para Hengeveld e Mackenzie (2008, p.56), se dá entre dois Conteúdos Proposicionais no Nível Representacional, uma vez que o Falante faz o Estado-de-Coisas “ir ao cinema” ser dependente de outro Estado-de-Coisas, neste caso, *não parar de chorar*. Para os autores, no Nível Interpessoal, (24) contém um único Ato Discursivo, com uma Ilocução Declarativa que

³ Dik (1997b, p. 388) usa o termo *Orientação* como um tipo de superfunção pragmática que abrange outros subtipos mais específicos que se diferenciam na forma e na função desempenhada. Esses subtipos são: Tema, Condição e Configurações de tempo, espaço ou circunstância. Segundo o autor, uma vez que a Orientação pertence à informação que vem em seguida, constituintes com a função Orientação tendem a preceder a oração principal.

está contida em um Movimento com o *status* estratégico de Aviso. A colocação de *se você não parar de chorar* em Ppre (posição pré oracional), como evidenciado pela vírgula e pela presença de *então* na posição inicial da oração principal, pode, portanto, ser entendida como uma aplicação da [Ppre, Pcentre] estrutura autônoma do Nível Morfossintático. Nota-se, em apoio desta análise dada por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 56), que (24) pode ser relatado como (24a), mas não como (24b):

(24a) She warned me that if I didn't stop crying, then we wouldn't go to the movies
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 56)

Ela me avisou que se eu não parar de chorar, então nós não iremos ao cinema

(24b) *If I didn't stop crying, she warned me that we wouldn't go to the movies
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 57)

Se eu não parasse de chorar, ela me avisou que não iríamos ao cinema.

Em uma investigação sobre as conjunções condicionais complexas no português, Oliveira (2008) mostra que, com relação às estratégias retóricas de Orientação e de Correção, indiferentemente da conjunção complexa usada, as orações condicionais analisadas não realizam nenhuma dessas funções. Ou seja, a autora não encontrou no corpus, ocorrência de orações condicionais que orientam o ouvinte sobre as condições em que seja relevante ou adequado enunciar um Ato ou, ainda, acrescentando informação adicional para a relevância comunicativa de um Ato. Ao contrário, a autora verificou que as orações condicionais complexas ocorrem entre proposições ou Estados-de-Coisas. Oliveira (2008, p. 79) constata que as construções condicionais analisadas não desempenham uma função retórica, já que não atuam entre Atos, mas, sim, uma *função semântica*, a de condição.

Em estudo mais recente, Oliveira e Hirata-Vale (2016) afirmam que orações condicionais podem atualizar funções retóricas de Condição, como já havia mencionado Keizer (2015) e Correção. No primeiro caso, a oração condicional funciona como um Ato de condição, especificando uma condição para a adequação do Ato Discursivo desempenhado na oração principal. No segundo caso, a oração condicional funciona como um Ato de Correção ao Ato Discursivo precedente. As funções retóricas de Condição e de Correção no português estão representadas por (25) e (26) respectivamente:

(25) A seguir à independência, portanto, até a independência, mesmo assim, e *se você quiser uns números globais que sempre preocupam e assustam as pessoas*, eh,

acontece que ainda em setenta e dois nós tínhamos no ensino primário apenas meio milhão de alunos [...] (OLIVEIRA; HIRATA-VALE, 2016, p.194)

(26) ah! Profissionalmente falando! Pois! No meu caso, que estou no jornal, claro, aí está! Surgiu agora a hipótese de entrevistar os , os Extreme, mas isso é uma hipótese que surge...de cinco em cinco anos, (quer dizer) *se é que surge!* [...] (OLIVEIRA; HIRATA-VALE, 2016, p.195)

Segundo as autoras, em (25), a condicional *se você quiser uns números globais* funciona como um ato de condição, pois especifica uma condição para a adequação do Ato Discursivo que está sendo desempenhado no Ato Subsidiário *ainda em setenta e depois nós tínhamos no ensino primário apenas meio milhão de alunos*. Para as autoras, nesse caso, a condicional serve como uma instrução ao ouvinte sobre as condições em que esse Ato Subsidiário é comunicativamente relevante ou adequado. Em (26), por sua vez, a condicional tem a função de acrescentar uma informação ao Ato Subsidiário, realizando-se, se acordo com Oliveira e Hirata-Vale (2016), como uma função retórica de correção.

Nota-se que, na GDF, a concepção de duas entidades ligadas por uma função ocorre quando tais entidades estabelecem entre si algum tipo de relação. No caso das funções retóricas essa relação é interpessoal, isto é, trata-se de uma estratégia comunicativa do falante. Já no caso das funções semânticas, a relação é representacional, ou seja, especifica uma relação entre um núcleo e um dependente, atribuindo-se uma função semântica ao dependente, que pode ser, como explicitamos, a de concessão ou a de condição.

Muitos autores funcionalistas, tais como Fraser (1996) e Decat (2011) propõem que estruturas condicionais podem se estabelecer em um nível pragmático de análise, uma vez que o contexto geralmente modifica o que realmente é transmitido pelo enunciado e, ao excluir algumas mensagens, modificar e adicionar outras, fornecem pistas que indicam potenciais intenções comunicativas do falante. Este assunto será desenvolvido no Capítulo 2, em que apresentamos a revisão bibliográfica das orações concessivas, condicionais e concessivo-condicionais.

1.3.2 Operadores de ênfase

Os operadores são instâncias gramaticalmente codificadas que fazem parte de todas as camadas dos níveis Interpessoal e Representacional, tendo como função modificar Movimentos, Atos, Ilocuções, Conteúdos Comunicados, Conteúdos Propositionais, Episódios, etc. A *ênfase* é, portanto, uma categoria pragmática muito importante dentro do

escopo da GDF, constituindo uma das estratégias utilizadas pelo falante para atingir seu propósito comunicativo. É definida como a intensificação, por meios lexicais ou gramaticais, de um constituinte ou de toda a expressão linguística.

A ênfase será analisada como um operador de Ato Discursivo nos casos em que tenha escopo sobre ele como um todo e se aplique independentemente da Ilocução presente no Ato. Portanto, aplicado a uma construção do espanhol encabeçada por *incluso si*, como em (27), o operador constitui um elemento gramatical que tem o propósito de destacar a informação que o segue. Em outros termos, a intenção do falante é chamar a atenção do interlocutor para o fato de que tomar o suplemento mesmo depois que a má formação já se desenvolveu no feto, ajudará a reduzir a lesão.

(27) Parece ser que tomar un suplemento de ácido fólico antes del embarazo es bastante preventivo e ***incluso si se toma después de haber detectado espina bífida en el feto***, reduce la gravedad de la lesión (ROSIQUE, 2012, p.106)

Parece que tomar um suplemento de ácido fólico antes da gravidez é bastante preventivo e, mesmo se se toma depois de ter detectado espinha bífida no feto, reduz a gravidade da lesão

Nota-se em (27) que a função do operador de ênfase, conforme já propunha Keizer (2015, p.82) é a de providenciar informação adicional à oração seguinte, no caso, *si se toma después de haber detectado espina bífida en el feto* na medida em que destaca um conteúdo pragmático para a interpretação do ouvinte.

As construções com um operador enfático que pertencem à camada do Ato Discursivo são representadas da seguinte forma:

(emph A₁: [(F₁) (P₁)_S (P₂)_A (C₁)]^A)

Como é possível notar na representação, a ênfase (emph) encabeça a estrutura no Nível Interpessoal, o que significa, como já mencionamos, que os elementos gramaticais que desempenham papel enfático escopam todo o Ato Discursivo (A₁) subsequente, que contém uma Ilocução (F₁), Conteúdo Comunicado (C₁) e Participantes (P₁ e P₂)

No Capítulo 2, apresentamos a revisão bibliográfica das orações escalares, descrevemos os pressupostos funcionalistas que correspondem às estruturas condicionais, concessivas e concessivo-condicionais, destacando as principais semelhanças e diferenças que essas estruturas estabelecem entre si.

CAPÍTULO II

2 As orações concessivo-condicionais

Conforme postulam König (1985, 1986), Flamenco García (1999), Pérez Quintero (2002), Rodríguez Rosique (2012), entre outros autores, as construções denominadas *concessivo-condicionais*⁴ se estabelecem em uma zona categorial localizada entre as orações concessivas e as orações condicionais, o que caracteriza tais construções como híbridas dentro da tradição linguística. De acordo com König (1985), as orações concessivo-condicionais contêm, como as condicionais, uma oração subordinada suspensa; e, como as concessivas, uma oração principal assertiva (afirmada), além de exibir um significado contrastivo. Similarmente, as orações subordinadas nessas construções são definidas como complexas, isto é, elas denotam mais que uma condição. É o que se pode observar em (1), (2) e (3) a seguir:

(1) *Whether he is right or not*, we must support him. (KÖNIG, 1985, p.3)

Se ele está certo ou não, devemos apoiá-lo.

(2) *However much advice you given him*, he does exactly what he wants to do (KÖNIG, 1985, p.3)

Por mais que lhe dê conselhos, ele faz exatamente o que ele quer fazer.

(3) *Even if nobody helps me*, I'll manage (KÖNIG, 1985, p.3)

Mesmo se ninguém me ajudar, eu vou gerenciar.

Como é possível observar nos exemplos anteriores, sintaticamente, as relações concessivo-condicionais podem ser expressas de três maneiras distintas: por uma disjunção, isto é, tais orações correspondem a um esquema correlativo (1); por uma oração subordinada integrada por um quantificador universal (2); ou por uma oração subordinada integrada por uma partícula ou proposição escalar como *Even if* (3). Na tradição linguística, os três tipos de construções concessivo-condicionais apresentados são denominados, respectivamente, orações *alternativas*, *universais* e *escalares*.

⁴ Alguns autores, tais como Rodríguez Rosique (2005, 2012), utilizam a nomenclatura *concessivo-condicional*, já Flamenco García (1999), König (1985, 1986, 1994, 1995), Van der Auwera e König (1988); Haspelmath e König (1998) e Neves (1999) utilizam o termo *condicional-concessiva*.

As concessivo-condicionais alternativas, de acordo com Flamenco García (1999), no espanhol, correspondem ao esquema correlativo *tanto si p como si no p, q*, mediante o qual o falante apresenta possíveis alternativas que conduzem a uma mesma conclusão:

- (4) *Si le agrada como si no le agrada*, pienso comprarme este abrigo (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3846)

Se lhe agradar ou se não lhe agradar, acho que vou comprar esse casaco

Em (4), o cumprimento da situação *comprar um casaco* sob condições contraditórias *agradar / não agradar* significa que não existe obstáculo capaz de evitar o cumprimento da situação, ou seja, sendo ou não do agrado do interlocutor, o falante comprará o casaco primordialmente.

Esse tipo de oração, ainda para Flamenco García (1999), se diferencia das orações condicionais, em primeiro lugar, porque nas primeiras o conteúdo proposicional da oração subordinada não condiciona o da principal. Em segundo lugar, tais orações se distinguem das orações concessivas próprias porque nas construções alternativas apenas o conseqüente é verdadeiro, já que na oração subordinada não se apresenta um conteúdo real, mas, sim, dois valores possíveis. Além disso, esse tipo de construção não expressa um conteúdo proposicional em sentido estrito, pois a oração é constituída por uma disjunção.

No espanhol atual, segundo Flamenco García (1999), existem diversas fórmulas correlativas ou reduplicativas que expressam o valor concessivo-condicional, como *ya...ya*, *bien...bien*, *ni que...ni que*, entre outras.

As orações concessivo-condicionais universais, por sua vez, segundo Rodríguez Rosique (2005), no espanhol, podem ser de dois tipos: as *reduplicativas*, com relativo interposto, como *sea quien sea* ou *haga lo que haga* (5) e as *introduzidas por um pronome ou advérbio indefinido de carácter generalizador* (6).

- (5) Este Chico, **vaya donde vaya**, siempre hará amistades (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3847)

Este garoto, *vá aonde for*, sempre fará amizades.

- (6) Este chico, **dondequiera que vaya**, siempre hará amistades (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3848)

Este garoto, *onde quer que ele vá*, sempre fará amizades.

Entende Flamenco García (1999) que as duas construções apresentam, assim como as de tipo alternativo, conteúdo proposicional da subordinada que não condiciona o conteúdo proposicional da oração principal. Além disso, apenas o consequente é verdadeiro. No entanto, diferentemente do tipo alternativo, o tipo universal não se estabelece uma eleição entre dois valores geralmente opostos, mas apresenta circunstância de caráter generalizador. Dessa forma, os exemplos (5) e (6) denotam que *no mundo onde essa pessoa não faça alguma amizade*.

As concessivo-condicionais escalares, terceiro e último tipo, apresentam elementos que trazem a noção de escalaridade. Para Flamenco García (1999), a noção básica que guia o comportamento de partículas como *incluso*, *aun* ou *ni siquiera* é um princípio de natureza gradual. Assim, o falante, ao usar uma construção concessivo-condicional de natureza escalar, introduz a informação com o valor que considera mais forte, ou seja, aquele valor que supostamente impediria o cumprimento do afirmado na oração principal, para, ao mesmo tempo, descartá-lo. Além disso, é conveniente mencionar que, segundo o autor, para obter uma interpretação concessivo-condicional, o escopo de locuções como *incluso si* deve ser toda a proposição subordinada, conforme (7), e não só um constituinte dela, pois, se isso acontecer, a estrutura passa a ser condicional e não concessivo-condicional, conforme (8).

(7) ***Incluso si bebes una sola gota de alcohol en el trabajo***, el jefe te despedirá
(FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3845)

Mesmo se você beber uma só gota de álcool no trabalho, o chefe te despedirá

(8) ***Si bebes incluso una sola gota de alcohol en el trabajo***, el jefe te despedirá
(FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3845)

Se você beber mesmo uma só gota de álcool no trabalho, o chefe te despedirá

De acordo com Flamenco García (1999), uma escala linguística é um conjunto de elementos ou expressões contrastivas que podem se ordenar linearmente de maior para menor em virtude da sua força semântica ou do grau de informação que veiculam. Dessa forma, *incluso* situa a expressão que escopa em um ponto ou nível determinado e, implicitamente, estabelece um contraste com outras expressões alternativas. A função desse nexos, portanto, consiste em assinalar a presença de uma escala de natureza pragmática com relação ao contexto em que aparece o enunciado.

Ainda de acordo com o autor, por apresentar o antecedente sob a forma de uma suposição, deixando-o aberto ou suspenso, as orações concessivo-condicionais se diferenciam das concessivas próprias. A proposição da oração subordinada, ao mesmo tempo, faz referência a contextos não-factuais, o que, segundo o autor, aproximam as orações concessivo-condicionais das estruturas condicionais, conforme demonstra (9).

- (9) ***Incluso si*** *hay temporal*, Antonio sale a pescar (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3843)

Mesmo se houver temporal, Antônio sai para pescar

Como se pode observar, os três tipos de orações concessivo-condicionais expostos até aqui compartilham traços comuns que fazem com que estejam unidos na mesma categoria (KÖNIG, 1986). Primeiramente, todos os três tipos contêm uma oração subordinada complexa, isto é, a oração subordinada faz referência a uma série de possíveis eventos em que a oração principal poderia se realizar. Em segundo lugar, em todas as construções apresentadas a oração principal é assertiva (característica que as aproxima das orações concessivas). Em terceiro lugar, a oração subordinada dessas orações fica suspensa, isto é, tais orações veiculam situações hipotéticas (o que as aproxima das orações condicionais). Por fim, há um *status* contrastivo entre oração subordinada e oração principal, o que também aproxima tais construções do eixo das orações concessivas.

Após caracterizar as orações concessivo-condicionais e seus três principais tipos no espanhol (HASPELMATH E KÖNIG, 1998), a seção seguinte discorrerá sobre as escalares, objeto de estudo desta pesquisa, que correspondem nessa língua basicamente às introduzidas por *incluso si*.

2.1 Tipos de orações introduzidas por *Incluso si*

Rodríguez Rosique (2012) propõe a existência de três tipos diferentes de orações introduzidas por *incluso si* e considera que a diferença entre eles depende do escopo de *incluso* e de questões discursivas e contextuais.

Para a autora, esses três tipos apresentam, em diferentes graus, um matiz condicional – mas nem sempre concessivo, mas as motivações interpessoais podem revelar certos aspectos e ajudar na sua definição.

O primeiro tipo corresponde ao sentido condicional com força argumentativa. Rodríguez Rosique (2012) afirma que, nesse caso, *incluso* implica que uma proposição é mais informativa do que outra, que é contextualmente acessível. Nesse caso, *incluso* interage com *si* e conecta sentenças favorecendo a mesma conclusão.

- (10) La primera medida fundamental, tenga el enfermo una u otra edad, y sea la hemorragia más o menos voluminosa, es el reposo absoluto en cama. Si existen fenómenos de defectuosa irrigación cerebral, se colocarán las extremidades inferiores en un plano más alto, e **incluso si fuera preciso** se ligarán transitoriamente (RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2012, p. 103)

A primeira medida fundamental, tenha o doente uma idade ou outra, e seja a hemorragia mais ou menos volumosa, é o repouso absoluto na cama. Se existirem fenômenos de irrigação cerebral defeituosa, as extremidades inferiores serão colocadas em um plano mais alto, e **mesmo se** for preciso, se ligarão transitoriamente

Em (10), *incluso* relaciona duas orações que se orientam para a mesma conclusão: (i) se existem fenômenos de irrigação cerebral defeituosa, as extremidades inferiores serão colocadas em um plano mais alto; (ii) se for preciso, serão ligadas transitoriamente.

As razões pelas quais uma proposição é mais informativa que outra pode ser determinada *contextualmente*⁵, e uma delas, mais usual, é relatada com propósito argumentativo (RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2012, p. 103). Uma *classe argumentativa* consiste em vários argumentos orientados para a mesma conclusão, enquanto uma *escala argumentativa* apresenta os argumentos ordenados em uma escala em virtude de uma força argumentativa. Dessa perspectiva, o papel de *incluso* é o de apresentar um argumento mais forte que outro que está implícito ou explícito no discurso.

Rodríguez Rosique (2012) aponta que, nesse tipo de construção, *incluso* funciona como *marca discursiva*⁶, *status* demonstrado pela possibilidade de ser substituído por outra marca discursiva similar, como *es más*. Ao mesmo tempo, *incluso* admite uma conjunção precedente, como *y* em (11).

- (11) Si existen fenómenos de defectuosa irrigación cerebral, se colocarán las extremidades inferiores en un plano más alto, y, **es más, si fuera preciso** se ligarán transitoriamente (RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2012, p. 105)

⁵ Nos termos da autora.

⁶ Nos termos da autora.

Se existirem fenômenos de irrigação cerebral defeituosa, as extremidades inferiores serão colocadas em um plano mais alto, e, **além disso**, se for preciso, se ligarão transitoriamente

Uma reinterpretação desse caso permite considerar que essa é exatamente a função típica de *incluso* quando introduz oração condicional prefaciada por *si*, isto é, esse tipo oracional apresentado por Rodríguez Rosique (2012) comprova que *incluso* apresenta uma função interpessoal, a de chamar a atenção do ouvinte para aquilo que o falante considera mais importante dentro de uma possível escala.

O segundo tipo proposto pela autora diz respeito às construções que correspondem ao sentido concessivo. Como ocorre com o caso anterior, a oração introduzida por *incluso* veicula uma informação mais importante e representa um argumento mais forte para uma conclusão contextual implícita ou explícita. Segundo a autora, nesses casos, a estrutura condicional parece argumentar em favor uma verdade mais geral que é acessível no discurso. Para a autora, essas estruturas são conhecidas por engatilhar um sentido concessivo cujo primeiro grupo não expressa, é o que mostra (12) a seguir.

- (12) Parece ser que tomar un suplemento de ácido fólico antes del embarazo es bastante preventivo e **incluso si se toma *después* de haber detectado espina bífida en el feto**, reduce la gravedad de la lesión (RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2012, p. 106)

Parece que tomar um suplemento de ácido fólico antes da gravidez é bastante preventivo e, **mesmo se** se tomar depois de haver detectado espinha bífida no feto, reduz a gravidade da lesão

Ao contrário do primeiro grupo, ainda para Rodríguez Rosique (2012), essas estruturas podem engatilhar um sentido contrastivo, demonstrado em (13) pela possível paráfrase com *aunque* + *subjuntivo*.

- (13) **Aunque se tome después de haber detectado espina bífida en el feto**, reduce la gravedad de la lesión (RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2012, p. 107)

Ainda que se tome depois de haver detectado espinha bífida no feto, reduz a gravidade da lesão

Segundo Rodríguez Rosique (2012), esse efeito contrastivo é gerado pela interação entre *incluso* e seu foco, que é um constituinte da oração subordinada (*después*), conforme mostra a possível mobilidade de *incluso* na construção: *y si se toma incluso después de haber detectado espina bífida en el feto, reduce la gravedad de la lesión*. Além disso, a autora

afirma que apesar desse efeito contrastivo presente na construção – e que se relaciona a um matiz concessivo – a condicionalidade ainda está presente na oração.

O terceiro e último tipo considerado pela autora diz respeito a *incluso si* concessivo-condicional. Segundo Rodríguez Rosique (2012), há dois tipos de *incluso si* concessivo-condicional: de sentido polar (14) e de sentido universal (15). No que diz respeito ao primeiro tipo, *incluso* não precede mais uma condição suficiente, isto é, nesse caso, a oração principal não resiste *por causa de p*, mas *apesar de p*. O significado dessa estrutura é contrastivo, sendo possível a paráfrase com *aunque* + subjuntivo (14a). Em oposição às estruturas descritas anteriormente, *incluso* não pode ser substituído por um marcador discursivo como *es más*.

- (14) Zoe siente miedo cuando toca la puerta. Sabe que está a punto de ingresar en un territorio peligroso, donde puede perder el control y quedar a merced de sus deseos y emociones, que a menudo la traicionan. No ignora que su marido, si se enterase de que ella está allí, se enfurecería. No se va a enterar, piensa. No podía dejar de venir. Si Gonzallo me ha llamado, por algo será. Yo vendré siempre que él quiera verme, **incluso si** eso pone en riesgo mi matrimonio (RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2012, p. 109)

Zoe sente medo quando bate na porta. Sabe que está a ponto de entrar em um território perigoso, em que pode perder o controle e ficar a mercê de seus desejos e emoções, que frequentemente a traem. Não ignora que seu marido, se ficasse sabendo que ela está ali, se enfureceria. Ele não vai saber, pensa. Não podia deixar de vir. Se Gonzallo me chamou, por algo será. Eu virei sempre que ele queira me ver, mesmo se isso puser em risco meu casamento

- (14a) Yo vendré siempre que él quiera verme, **aunque** eso ponga en riesgo mi matrimonio

Eu virei sempre que ele queira me ver, *mesmo que* isso ponha em risco meu casamento

Conforme propõe Rodríguez Rosique (2012, p. 109), quando se analisa o ambiente discursivo em que um *incluso si* polar aparece, observa-se que a proposição introduzida pela oração subordinada já faz parte da estrutura discursiva (informação dada), o que não é surpreendente se é assumido o caráter de *incluso* como uma partícula escalar. Para a autora, há tipos de *incluso si* em que a oração subordinada não é um contra-argumento para a oração principal, mas é um argumento para uma conclusão implícita, como se observa em (15) em que a existência da estrela Nêmesis é um argumento para a conclusão implícita *no devemos nos assustar*. Esses tipos são nomeados de *even if* não implicativo e são assim denominados porque consistem em estruturas que correspondem ao domínio epistêmico.

- (15) Llamaron Némesis a la estrella indirectamente asesina, y aunque nadie ha encontrado aún a Némesis, y quizá ni siquiera exista, el mero hecho de que las cosas encajen y proporcionen una buena explicación para un hecho observado ha originado ya acaloradas discusiones y toneladas de literatura científica y no científica. En cualquier caso, **incluso si** Némesis existe y nos amenaza, faltarían más de trece millones de años para el previsto turno de una lluvia masiva de cometas (RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2012, p. 109)

Chamaram Nêmesis a estrela indiretamente assassina, e embora ninguém tenha encontrado ainda Nêmesis, e talvez ele nem sequer exista, o mero fato de que as coisas encaixem e proporcionem uma boa explicação para um fato observado, originou acaloradas discussões e toneladas de literatura científica e não científica. Em qualquer caso, mesmo se Nêmesis existisse e nos ameaçasse, faltariam mais treze milhões de anos para o previsto tempo da chuva massiva de cometas.

No segundo tipo de orações concessivo-condicionais proposto por Rodríguez Rosique (2012), as universais, *incluso* introduz uma oração *si* contendo um superlativo. Nesses casos, a oração subordinada denota um parâmetro completo e focaliza o extremo de uma escala. Mas, curiosamente, o valor universal não é engatilhado por *incluso*, mas pelo superlativo, conforme (16)

- (16) En España, una mujer futbolista, internacional absoluta, **incluso si** *fuera considerada la mejor jugadora del mundo*, siempre partiría con desventaja frente a sus colegas internacionales masculinos en la carrera hacia el título de entrenador nacional. (RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2012, p.113)

Na Espanha, uma mulher futebolista, absolutamente internacional, *mesmo se fosse considerada a melhor jogadora do mundo*, sempre partiria com desvantagem em relação a seus colegas internacionais masculinos na carreira até o título de treinador nacional

Ainda segundo a autora, construções com *incluso si* que incluem um superlativo em suas orações subordinadas desempenha a função de *quase asserção* de *q* em *quase todas as circunstâncias*, o que não é apenas um processo de contra-argumentação, mas um caminho para apresentar a oração subordinada como *totalmente irrelevante* para a oração principal.

Como pôde ser visto, para Rodríguez Rosique (2012), o sentido condicional das orações introduzidas por *incluso si* sempre está presente, em *maior ou menor grau*⁷, independente da presença de um valor contrastivo entre oração subordinada e oração principal.

⁷ Nos termos da autora.

Para Rodríguez Rosique (2005), o problema das construções concessivo-condicionais, quando se parte das características gerais existentes entre os três tipos, é que alguns autores as consideram como condicionais enquanto outros autores as consideram como concessivas. Dessa forma, Haspelmath e König (1998) consideram que tais estruturas são basicamente condicionais que, por um efeito de sentido, adquiriram matiz concessivo. Ao contrário do que afirma a proposta desses autores, nesta investigação, tentaremos evidenciar que, de fato, as orações concessivo-condicionais de tipo escalar introduzidas pela partícula *incluso si*, não se estabelecem entre condicionais e concessivas, portanto não são estruturas híbridas como propõe a tradição linguística. Para isso, primeiramente, é importante definir quais são as características de significado concessivo e de significado condicional presentes em tais construções. É o que apresentam as seções (2.2) e (2.3) a seguir.

2.2 Orações concessivas

De modo geral, Flamenco García (1999) considera que a concessão constitui um obstáculo real ou possível proposto pela oração subordinada que não é impedimento para a realização da oração principal. Segundo o autor, pode-se identificar o significado concessivo em orações tipicamente concessivas ou em uma construção híbrida. Em função dessa possibilidade, o autor propõe dois subgrupos de orações concessivas: *concessivas próprias* e *concessivas impróprias*.

Concessivas próprias são construções cujo significado concessivo ocorre de um modo convencional, portanto, não estando sujeitas a fatores do tipo contextual nem associadas a marcas gramaticais, como as conjunções, articulando-se em torno a algumas regras sintáticas, é o que se pode notar em (17).

(17) **Aunque** Pedro es un gran centrocampista, es demasiado caro (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3824)

Embora Pedro seja um grande centroavante, é muito caro

Já as *concessivas impróprias* incluem um grupo heterogêneo de estruturas que abrange qualquer outra construção que possa adquirir valor concessivo, como é o caso das construções concessivo-condicionais, conforme (18) a seguir.

- (18) **Incluso si** *bebes una sola gota de alcohol en el trabajo*, el jefe te despedirá (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3845)

Mesmo se você beber uma só gota de álcool, o chefe te despedirá

König (1986) afirma que a razão pela qual as orações concessivo-condicionais têm sido geralmente agrupadas com as concessivas é o fato de elas, também, poderem veicular uma implicação ou sugestão de incompatibilidade entre duas situações. Dado o fato de que cada oração concessivo-condicional relata um conjunto ou uma série de antecedentes para um conseqüente, uma dessas condições geralmente está em conflito com o conseqüente. No entanto, para o autor, embora estruturas concessivo-condicionais e concessivas sejam agrupadas juntas na descrição de muitas línguas, pode-se estabelecer uma clara distinção entre esses dois tipos de sentença em muitas línguas europeias hoje em dia.

Nas construções concessivas, a situação descrita em uma oração não é uma condição favorável para a situação descrita na outra. Em outras palavras, observa-se um possível obstáculo que pode impedir a realização da oração principal, no entanto esse obstáculo não é suficiente e, portanto, a proposição se realiza mesmo assim. Lopez García (1994) acrescenta que a concessão é como uma condição que se considera desdenhável e inoperante para a realização e um ato (nos termos no autor). É o que se nota em (19).

- (19)a. **Even though** it was pouring down, John went for a walk (HASPELMATH; KÖNIG, 1998, p. 567)

Apesar de estar chovendo, John saiu para uma caminhada

Nota-se que o que as orações concessivo-condicionais compartilham com as orações concessivas genuínas é a inclusão de uma circunstância não favorável no conjunto de orações subordinadas relacionadas com a oração principal. Uma segunda propriedade que seria compartilhada por esses dois tipos de construção adverbial é a factualidade da oração principal. Assim, para Haspelmath e König (1998), sentenças com orações concessivas implicam tanto oração subordinada quanto oração principal. Qualquer um que profira (19a) está comprometido com a verdade de (19b) e de (19c). Isso significa, em outras palavras, que as orações concessivas tendem a ser factuais, pois apresentam proposições verdadeiras na oração subordinada e na oração principal (NEVES, 1999). Por outro lado, Haspelmath e König (1998) afirmam que construções concessivo-condicionais escalares são semifactuais nos casos padrão, já que elas tipicamente veiculam uma oração principal factual, enquanto a oração subordinada tende a ser hipotética.

(19) b. It was pouring down (HASPELMATH; KÖNIG, 1998, p. 567)

Estava chovendo

(19) c. John went for a walk (HASPELMATH; KÖNIG, 1998, p. 567)

John saiu para uma caminhada

Em resumo, conforme a exposição nesta seção, podemos dizer que a questão da factualidade pode relacionar as orações concessivo-condicionais, as orações condicionais e as orações concessivas. Embora nas orações concessivo-condicionais a oração subordinada apresente tendência à não-factuality, como nas condicionais, elas se relacionam a uma oração principal que tende a ser factual, como ocorre nas concessivas.

Em 2.3 descrevemos a relação existente entre o tipo de oração estudada – as construções concessivo-condicionais – e as orações condicionais.

2.3 Orações condicionais

Segundo a *Nueva Gramática de la Real Academia Española* (NGRAE) (2009) e Neves e Braga (2016), a definição de condição se estabelece mediante dois critérios: a conjunção ou locução conjuntiva que encabeça a oração subordinada, e os tempos e modos verbais que relacionam oração subordinada e oração principal.

Desse modo, Neves e Braga (2016) afirmam que as construções condicionais tradicionalmente repousam sobre uma hipótese, razão pela qual, nos estudos clássicos e na tradição que deles decorre, são referidas como períodos hipotéticos. Em uma visão tradicional das condicionais, entre o conteúdo da oração subordinada e o conteúdo da oração principal instaura-se uma relação do tipo *condição para realização > consequência da resolução da condição enunciada*. Em outras palavras, a oração subordinada exprime uma condição que pode ser realizada, não realizada ou eventualmente realizada, conforme (20) a seguir.

(20) *Si* hubiera sido el asesino, se habrían encontrado sus huellas digitales (NGRAE, 2009, p. 3529)

Se tivesse sido / fosse o assassino, teriam encontrado suas impressões digitais

Em (20), nota-se que a conjunção condicional que encabeça a oração subordinada é *si*, conjunção condicional prototípica em espanhol, e que os tempos e modos verbais são

Pretérito Pluscuamperfeito do Subjuntivo (hubiera sido), na oração condicional, e Condicional Composto do Indicativo (habría sido) na oração principal. Tais tempos e modos verbais caracterizam a irrealidade do evento denotado na construção, isto é, percebe-se que o locutor dá por certo o evento contrário ao expresso na construção.

Segundo Montolío (1999), o conceito de condicionalidade é muito amplo e pode ser expresso por vários tipos de construções, todas diferentes entre si e, por isso, alguns autores chegam a dizer que se trata de uma das estruturas compostas mais complexas. Para a autora, essa complexidade da expressão da condicionalidade advém de seu mecanismo cognitivo, pois essas estruturas são as vias linguísticas para um indivíduo exprimir sua capacidade de imaginar situações diferentes da real, de criar mundos possíveis, de sonhar com situações passadas que poderiam ser diferentes, etc.

O *Diccionario da Real Academia Española* (DLE, 2017) traz duas definições importantes que podem ajudar a estabelecer os critérios de definição da condicionalidade. Primeiramente, define o termo *condición* como uma situação ou circunstância indispensável para a existência de outra. O DLE também define o termo *hipótese* como uma suposição que se estabelece provisoriamente como base de uma investigação que pode confirmar ou negar a validade de outra. A partir dessas definições, podemos dizer que, apesar de a tradição gramatical afirmar que toda oração condicional veicula uma hipótese, ao combinar ambas as definições da DLE, nota-se que entre toda a gama de orações condicionais, existem aquelas que são hipotéticas e aquelas que não são, como é o caso de (21) a seguir, em que se verifica a presença de uma hipótese resolvida, isto é, trata-se, mais bem, de uma asserção (nossos pais não eram ricos e não estudamos no exterior).

(21) **Si** nuestros padres hubieran sido ricos, nosotros habríamos estudiado en el extranjero (MONTOLÍO, 1999, p. 3648)

Se nossos pais tivessem sido ricos, nós teríamos estudado no exterior

Para Montolío (1999, p. 3662), as orações condicionais subdividem-se em factuais, semifactuais e contrafactuais. As condicionais factuais expressam fatos verdadeiros ou prováveis para o futuro. As construções condicionais contrafactuais expressam uma falsidade segura. Já as construções condicionais semifactuais repousam sobre a eventualidade, e o enunciado da oração principal é tido como certo, desde que a condição enunciada na oração subordinada seja satisfeita.

Haiman (1978) identifica as condicionais como tópicos das construções em que aparecem, uma vez que condicionais e tópicos correspondem a informações dadas no discurso

e se localizam encabeçando uma construção. Essa posição constitui o esquema prototípico das orações condicionais, conforme detalharemos na seção (3.5).

Ao estudar o vínculo existente entre orações condicionais e orações concessivo-condicionais, Rodríguez Rosique (2005) encontra duas semelhanças principais entre tais orações. Em primeiro lugar, ambas as construções compartilham sequências de tempo e de modo verbal, ou seja, é possível encontrar orações concessivo-condicionais reais e irreais, assim como acontece com as condicionais.

- (22) **Incluso si** me dices que no, voy a ir al viaje (RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2005, p. 263)

Mesmo se você me disser que não, vou viajar

- (23) **Incluso si** me hubieses dicho que no, habría ido al viaje (RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2005, p. 263)

Mesmo se você tivesse me dito que não, eu teria ido viajar

Como é possível notar em (22), a oração introduzida por *incluso si* veicula um evento real na oração principal. Em contrapartida, percebe-se que o evento da oração principal em (23) repousa sob a não-realidade, pois o evento não aconteceu e nunca poderá acontecer em um mundo real ou possível.

Em segundo lugar, as construções concessivo-condicionais, assim como as condicionais, veiculam um conteúdo hipotético. O que diferenciaria essas duas construções seria o fato de que, no caso das orações concessivo-condicionais, a oração subordinada alude a todo um conjunto de situações sob as quais a oração principal se cumpriria, ou seja, há a presença de uma escala argumentativa, enquanto o mesmo não passaria com as orações condicionais prototípicas. É o que se nota em (24) a seguir.

- (24)a. **Incluso si** me dices no, voy a ir a esta fiesta (RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2005, p. 264)

Mesmo se você me disser que não, vou a esta festa

- (24) b. **Si** mañana hace sol, iremos a la playa (MONTOLÍO, 1999, p.3647)

Se amanhã fizer sol, iremos para a praia

Nota-se em (24a) que a oração introduzida por *incluso si* veicula uma condição que, provavelmente, é considerada pelo locutor como argumentativamente mais forte dentro de um conjunto de condições, configurando uma escala de natureza pragmática. O mesmo não

acontece com (24b), em que se verifica uma condicionalidade não-gradual. A presença de tal escala, como veremos na seção (2.4) é assinalada pela partícula escalar *incluso*, que situa uma proposição textual em relação a uma proposição contextual, o que quer dizer que o que estabelece a escala pragmática de condicionalidade é a presença da partícula *incluso*.

2.3.1 As orações condicionais do ponto de vista funcional

Neves e Braga (2016) apresentam uma proposta de classificação das orações condicionais no português, com base em Sweetser (1990). As autoras classificam tais orações segundo os domínios de conteúdo (nível de predicação), epistêmico (nível da proposição) e de atos de fala. Pérez Quintero (2002) apresenta a mesma classificação para a língua espanhola com base nos parâmetros postulados de Hengeveld (1998). A autora afirma que as orações condicionais podem ser definidas de muitas maneiras e, por isso, as classificações tradicionais não são suficientes, já que as referências são feitas apenas com relação às estruturas internas das construções, de forma limitada. Assim, Pérez Quintero (2002) propõe a seguinte classificação das orações condicionais:

- (i) **Condicionais Eventuais:** esse tipo de oração condicional não especifica se a condicional se realiza ou não e, portanto, a validade da proposição expressa pela oração principal fica em aberto. Esse tipo de construção adverbial designa uma entidade de segunda ordem, desde que indique que, se o estado de coisas descrito ocorrer, confirma-se a validade do que está expresso na oração principal, como se nota em (25).

(25) *If you put the baby down, she'll scream.* (PÉREZ QUINTERO, 2002, p. 70)

Se você derrubar a bebê, ela vai gritar.

- (ii) **Condicionais Epistêmicas:** implica a opinião do falante sobre a realização da condicional. Dependendo do grau de possibilidade descrito pela oração subordinada, estabelece-se uma distinção entre condicional epistêmica irreal ou potencial. Orações irreais implicam que o falante acredita que a condição não tem realização possível, portanto, implica na falsidade do que está expresso na oração principal. Já orações potenciais implicam na potencialidade daquilo que é

expresso. Exemplos desse tipo de condicional podem ser vistos em (26), que representa uma ocorrência irreal, e (27), que representa uma ocorrência potencial.

(26) **If** the child had lived only a few days or weeks it would have had a name (PÉREZ QUINTERO, 2002, p. 71)

Se a criança tivesse vivido apenas poucos dias ou semanas, ela teria um nome.

(27) **If** she set her mind on swimming the channel or breeding Champion poodle, she'd do it (PÉREZ QUINTERO, 2002, p. 71)

Se ela se concentrasse em nadar no canal ou em educar o poodle campeão, ela teria conseguido

- (iii) **Condicionais ilocucionárias:** estabelecem-se entre atos. Para discorrer sobre esse tipo, Pérez Quintero se baseia nas considerações de Van der Auwera (1986). O autor propõe importantes distinções entre atos discursivos sobre condicionais e condicionais de ato discursivo. Para ele, o primeiro tipo de oração é caracterizado por estar sobre influência da ilocução presente na oração principal, conforme se nota em (28) em que a oração principal veicula uma ilocução interrogativa enquanto a oração subordinada veicula uma ilocução declarativa, mas as duas orações estão sob influência de uma única ilocução. Portanto, dentro do modelo proposto por Pérez Quintero (2002), essas orações não designam entidades de quarta ordem, conforme mostra (28).

(28) **If** you phone Mary, ask her to dinner (PÉREZ QUINTERO, 2002, p. 71)

Se você ligar para a Maria, convide-a para o jantar



! ((Você liga para Mary) > (você convide para o jantar)) (! = ilocução imperativa)
(adaptado de PÉREZ QUINTERO, 2002, p. 72)

Contudo, de acordo com Pérez Quintero (2002, p. 72), o segundo tipo de condicionais ilocucionárias designado por Van der Auwera (1986) – as então chamadas condicionais de ato discursivo – mostram construções que contém suas próprias ilocuições e uma ilocução abstrata

que inclui tanto oração subordinada quanto principal, isto é, conforme se nota em (29), cada oração veicula ilocuições diferentes.

(29) Open the window, *if I may ask you to* (PÉREZ QUINTERO, 2002, p. 72)

Abra a janela, *se é que eu posso te pedir isso*.

\$ ((eu posso pedir para você abrir a janela) > (! (você abre a janela))) (\$ = variável para a ilocução assertiva) (adaptado de PÉREZ QUINTERO, 2002, p. 72)

Muitos autores funcionalistas, tais como Fraser (1996) que propõe um nível pragmático de análise das estruturas condicionais. Isso porque, segundo Fraser (1996) estratégias retóricas e o contexto geralmente modificam o que realmente é transmitido pelo enunciado, excluindo algumas mensagens, modificando outras e adicionando outras. Esse tipo de construção, consideradas separadas e distintas do conteúdo proposicional da frase, são as pistas codificadas linguisticamente que indicam as potenciais intenções comunicativas do falante, ou seja, esse tipo de estrutura traz significado – embora não denotem conceitos, têm significado processual e especificam como a oração de que fazem parte está relacionada com o precedente (FRASER, 1996, p.170).

Para o autor, um aspecto básico de todos os marcadores do discurso é que eles não têm conteúdo proposicional. Servem, portanto, para estruturar o discurso ou expressar atitudes, conforme demonstra o exemplo (30) a seguir.

(30) *If I may say so myself*, no one else can do it so well (FRASER, 1996, p. 175)

Se eu mesmo posso dizer, ninguém mais pode fazer isso tão bem.

Segundo Fraser (1996), em (30), *If I may so myself* não é uma expressão com significado tipicamente condicional, mas, sim, trata-se de uma oração que expressa uma justificativa isto é, um comentário do falante sobre a informação subsequente. O mesmo acontece em (31):

(31) **If it isn't** Einstein (FRASER, 1996, p. 175)

Se não é Einstein.

Como se pode observar, para o autor, um aspecto básico desse tipo de construção é que não apresenta conteúdo proposicional, uma vez que serve para estruturação do discurso com finalidade de expressar atitudes. Em (45), a expressão *if it isn't* serve para expressar surpresa.

Essas orações correspondem ao que Decat (2011) denomina *orações desgarradas*. Trata-se de construções que tradicionalmente são tidas como subordinadas, mas que ocorrem sem a oração matriz (como um enunciado independente), como é o caso das orações causais, concessivas⁸ e condicionais. Para Decat (2011), orações como essa tem característica de *afterthought*, ou adendo. Segundo Neves (1999), em estruturas desse tipo o falante volta ao que acaba de dizer, pesando objeções a sua proposição.

A tendência dessas orações em acontecerem como desgarradas advém do fato de elas focalizarem algum aspecto do discurso que está em contraste com algum outro aspecto. Nota-se também que, em estruturas desse tipo, a relação semântica entre os enunciados é mais frouxa, correspondendo a um ato discursivo por si, por isso Decat (2011) afirma que as estruturas desgarradas correspondem a uma focalização que provém da necessidade de ressaltar a informação nova no discurso.

Além disso, para a autora, sintaticamente, a ocorrência de orações desgarradas produzidas por um Falante é vista como uma estrutura não anexada morfossintaticamente a uma oração principal, além de existir a presença de uma pausa (na escrita representada pelo ponto final) e a caracterização da estrutura como uma oração única, o que reforça, portanto, o caráter independente dessas estruturas.

Para resumir, o trajeto que realizamos até aqui tem o objetivo de observar quais são as semelhanças e as diferenças existentes entre os tipos de orações em investigação, as orações concessivo-condicionais, e as orações concessivas e condicionais, uma vez que, para a tradição linguística, as orações concessivo-condicionais mesclam características dessas duas categorias, configurando o chamado período híbrido. No entanto, como já apresentado na Introdução deste trabalho, o objetivo deste estudo é caracterizar as orações concessivo-condicionais escalares introduzidas por *incluso si* a fim de descaracterizá-las como períodos híbridos, uma vez que postulamos que essas construções pertencem à categoria das orações condicionais, sendo um tipo específico desse tipo de oração. Por isso, em 2.4, direcionamos a discussão sobre as orações condicionais introduzidas por *si* dando ênfase à *incluso*.

⁸ Garcia e Pezatti (2013) denominam *concessivas independentes* esse tipo de estrutura quando introduzida por nexos concessivos.

2.4 A partícula *Incluso*

Como já mencionado anteriormente, a partícula *incluso* do espanhol é associada por muitos autores (PÉREZ QUINTERO, 2002; KONIG, 1985; RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2012) à partícula *even* do inglês. Dessa forma, tomando como objeto de análise *even if*, Bennet (1982) afirma que muitos estudiosos, como Pollock (1976), consideram *even if* como uma expressão idiomática, isto é, como um único bloco semântico. No entanto, para Bennet (1982), entender essa expressão como um único “núcleo semântico” e não como um resultado dos significados separados de *even* e de *if* pode levar a resultados diferentes.

Nesse sentido, para Iten (2002) e para Rodríguez Rosique (2012), adicionar a partícula de foco *even* a um enunciado faz uma clara diferença na interpretação, conforme mostram (32) e (33).

(32) Neville passed the exam (ITEN, 2002, p.119)

Neville passou na prova.

(33) **Even** Neville passed the exam (ITEN, 2002, p.119)

Até Neville passou na prova.

Além da informação central de que Neville passou na prova, o exemplo (33) pode revelar, apenas pela presença de *even*: (i) que outras pessoas além de Neville passaram na prova (ii) Neville não era tão provável como essas outras pessoas para passar e, talvez, (iii) a aprovação de Neville na prova foi contrária a sua expectativa. Para entender melhor, Iten (2002) propõe o seguinte esquema: Em termos mais gerais, se a oração expressa por *even* é *S* e a proposição expressa por ela é *even S**, então se poderia dizer que um enunciado de *S* implica que pelo menos uma outra proposição, *S_j*, diferente de *S**, é verdadeira e menos surpreendente do que *S**. É também possível que haja uma implicação de que *não-S** era esperado. Para a autora, esse efeito de interpretação de *even* se destaca ainda mais se o discurso em questão está na forma *if p then q*, conforme (34) e (35).

(34) **If** Neville passed the exam, he won't get the job (ITEN, 2002, p.120)

Se Neville passou na prova, ele não vai conseguir o emprego.

(35) **Even if** Neville passed the exam, he won't get the job (ITEN, 2002, p.120)

Mesmo se Neville passou no exame, ele não vai conseguir o emprego.

Em (34), fica claro que Neville não conseguirá o emprego caso tenha passado no exame, mas não fica claro se não conseguiria em hipótese alguma; já (35) mostra que ele não conseguirá o emprego aconteça o que acontecer, isto é, tendo ou não tendo passado no exame.

Contudo, ainda segundo a autora, não é sempre que adicionando *even* a uma conjunção condicional haverá uma implicação do consequente. É o que acontece em (36) e em (37), já que os dois exemplos sugerem que Neville não vai conseguir o emprego, ou seja, se ele aparecer na hora certa e estiver com boa aparência, ele pode, sim, conseguir o emprego.

(36) **Even if** *Neville turns up a little late*, he won't get the job (ITEN, 2002, p.120)

Mesmo se Neville aparecer um pouco tarde, ele não vai conseguir o emprego

(37) **Even if** *Neville's hair is untidy*, he won't get the job (ITEN, 2002, p.120)

Mesmo se o cabelo de Neville estiver desordenado, ele não vai conseguir o emprego

As diferenças entre (36) e (37), de acordo com Iten (2002), parecem resultar de uma diferença no foco de *even*: em (35) e em (37) o foco está em toda a oração escopada por *even if* enquanto que em (36) o foco está somente no constituinte *a little*. Isso parece indicar que, qualquer que seja a análise que se dê a *even*, *even if* deve ser tratado como o resultado da composição de uma interação entre os significados de pares ao invés de como um "núcleo idiomático".

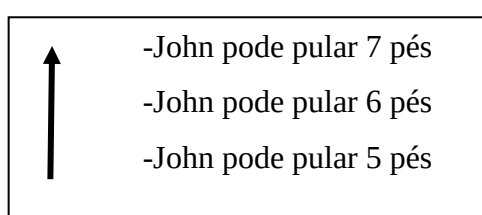
A perspectiva de que o significado de *even if* é composicional tem alimentado algumas questões não resolvidas a respeito do significado de *even* e do conceito de condicionalidade (RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2012, p. 95). Isso acontece porque os linguistas nem sempre estão de acordo sobre o tipo de contribuição que é dado por *even* para o significado composicional. Assume-se, tradicionalmente, que em construções com *even if* a oração subordinada expressa uma condição não favorável para a oração principal, e que se a oração principal é verdadeira nessa condição extrema ela também deve ser verdadeira em outra condição “menos favorável”, conforme afirma König (1986). Essa concepção sobre *even if* propõe que *even* focaliza o extremo em uma escala de impossibilidades.

As escalas pragmáticas são muito importantes tanto para o locutor, que depende delas para argumentar, como para o interlocutor, que as utilizam para interpretar de maneira

completa as declarações de seus parceiros. Nesse sentido, autores como König (1985, 1986), Sweetser (1990) e Haspelmath e König (1998), acreditam que *even if* tem o valor argumentativo de apresentar o grau mais alto e mais forte de uma dada escala, conforme descreve a Figura (4)

- (38) A: Can John jump 6 feet?
 B: He can even jump 7 feet (SCHWENTER, 2000, p.174)
 A: John pode pular 6 pés? B: Ele pode pular até 7 pés

Figura 4 - Escala implícita de *even/incluso* (adaptado de SCHWENTER, 2000, p.175)



Conforme Schwenter (2000) explora ao tratar das semelhanças e diferenças das partículas *incluso* e *hasta* no espanhol, duas características principais compõem o significado básico de *incluso*: primeiro, a partícula se interpreta de maneira escalar, pois, conforme (38), situa 7 *pés* em um ponto extremo de uma escala pragmática que ordena a altura segundo as possibilidades que John tem de conseguir pular. Nessa interpretação, 7 *pés* é a altura em que John tinha menos probabilidade de conseguir saltar. Em segundo lugar, ao mesmo tempo, a partícula contribui para dar uma interpretação aditiva à oração, isto é, implica-se que John também tem capacidade de saltar outras alturas menores do que 7 *pés*.

Além disso, Schwenter (2000) afirma que os linguistas em geral classificam o significado de *incluso*, *aun* e *hasta* como similares em seu uso adverbial, sendo, portanto, *incluso* e *hasta* parafraseáveis. No entanto, Corrales (1978, p. 68) defende que o paradigma composto por *aun*, *incluso*, *hasta* e *también*, mostra que cada elemento tem uma carga intensiva e enfática diferente (embora, segundo o autor, em alguns contextos, o limite entre um e outro possa ficar confuso), o que tornaria possível o estabelecimento de uma gradação.

Nessa perspectiva, *hasta* é uma partícula classificada como mais enfática do que *incluso*, as duas partículas se distinguiriam com relação ao grau de dependência que tem cada uma do contexto discursivo, conforme (38), em que *incluso* requer uma informação contextual que esteja acessível no contexto discursivo (John pode pular todas as alturas abaixo de 7 *pés*). Esta restrição não se aplica à partícula *hasta*, que não precisa de uma informação contextual para situar a proposição textual dentro da estrutura de uma escala pragmática

(SCHWENTER, 2000, p. 174). Assim, utilizando a terminologia de Schwenter (2000), *incluso* constitui uma partícula escalar *relativa*, pois situa a informação textual, explícita no texto, em relação a uma informação contextual, inferida no contexto; por outro lado, *hasta* é uma partícula escalar *absoluta*, pois não necessita do contexto prévio para localizar a informação textual em uma escala pragmática.

Nos termos de Kay (1990), a informação textual, que acompanha *even* (ou *incluso* para o espanhol) tem maior valor informativo e implica pragmaticamente a proposição de menor valor informativo (ou seja a informação contextual) em relação a mesma escala pragmática. Segundo o autor, o que de mais importante é expresso por essa escala é o conhecimento da proposição textual, que permite a derivação de inferências pragmáticas sobre outras proposições situadas abaixo da proposição textual na mesma escala (cf. Figura 5). Assim, se sabemos que Jonh pode pular 7 pés, sabemos que ele também pode pular todas as alturas inferiores a essa, conforme mostra (38).

Com isso, percebe-se que a crença de alguns autores como König (1985, 1986), Haspelmath e König (1998) e Flamenco García (1999) de que *incluso/even* situa a proposição sobre a qual incide em um ponto mais alto de uma escala de possibilidades é contestada por Kay (1990), Schwenter (2000) e Rodríguez Rosique (2012), pois os autores não acreditam que *incluso/even* sempre indique o ponto mais alto de uma escala (enquanto *hasta*, sim, situa seu escopo no ponto mais alto de uma escala). Isso pode ser confirmado com base na característica relativa indicada por Schwenter (2000) para *incluso*, que não marcará invariavelmente o ponto final dessa escala, embora possa coincidir com esse ponto. *Incluso*, portanto, efetua uma relação entre informação textual e informação contextual, tendo, a primeira, maior valor informativo que a segunda.

Outro ponto importante e que deve ser destacado em relação a *incluso* é a identificação do elemento focalizado por essa partícula. Como já foi destacado, nota-se que *incluso* tem o papel de apresentar um argumento mais forte que outro que está implícito ou explícito no enunciado, o que equivale a dizer que o papel do discurso na utilização de *incluso* é fundamental.

Neste Capítulo apresentamos uma descrição de *incluso si* segundo a tradição linguística.

No Capítulo 3 a seguir apresentamos os pressupostos metodológicos que norteiam este trabalho.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Objetivos e hipóteses

Como já discutido no Capítulo 1, a GDF é uma gramática com um sistema moldado pelo uso, por isso, essa teoria procura fornecer uma explicação funcional da forma das expressões linguísticas, ou seja, a teoria parte da função para só depois se preocupar com a forma, recorrendo, para isso, a uma abordagem modular descendente, que começa com a intenção comunicativa do falante, se reflete nos Níveis Interpessoal e Representacional, que correspondem aos níveis de formulação; e chega até os Níveis Morfossintático e Fonológico, responsáveis pela codificação.

Com base no modelo de construção dos enunciados linguísticos proposto pela GDF, parte-se da premissa de que, no caso das orações introduzidas por *incluso si*, a forma oracional e a presença da conjunção *si* e da partícula *incluso* são estratégias de codificação de relações que estabelecem nos níveis mais altos, da relação de condição e da expressão de ênfase, respectivamente.

Assim, considerando-se os aspectos funcionais que suscitam o uso da oração prefaciada pela partícula *incluso* e pela conjunção *si*, o objetivo geral deste trabalho é investigar, à luz da Gramática Discursivo-Funcional, as motivações semânticas e pragmáticas das orações introduzidas por *incluso si* e como essas motivações se refletem no Nível Morfossintático, ou seja, como elas são codificadas.

Para nortear as análises, algumas perguntas de pesquisa foram propostas, conforme apresentamos a seguir:

- (1) Quais são as motivações funcionais de uso dessas estruturas?
- (2) Sob o arcabouço da GDF, a que níveis e camadas essas estruturas pertencem?
- (3) Quais são as propriedades pragmáticas, semânticas, morfossintáticas dessas estruturas?

Como universo de pesquisa utilizamos para esta investigação o *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA) que consiste em um conjunto de textos de procedência diversa, organizados em suporte informatizado, de onde é possível extrair informação para estudar

palavras e contextos. Esse *cópus* está programado para proporcionar informação exaustiva de uma língua em um momento determinado de sua história. O CREA conta, em sua última versão (3.2, junho de 2008), com mais do que 165 milhões de formas. É composto por uma ampla variedade de textos escritos e orais, produzidos em todos os países de fala espanhola desde 1975 até 2004. A partir disso, nossa investigação compõe-se por análise de textos da modalidade escrita da língua, selecionados tanto de livros como de periódicos e revistas. No *cópus*, tais textos abarcam mais de 100 materiais distintos.

Os textos foram selecionados segundo quatro critérios de classificação independentes entre si: suporte, cronologia, meio geográfico e tema. Quanto ao suporte, a maior parte dos textos procede de livros e jornais; uma pequena parte procede de outros meios. No que diz respeito à cronologia, os textos se classificam em períodos de cinco anos, com maior destaque para os períodos mais modernos. Quanto ao meio geográfico, metade do material escrito no CREA procede da Espanha e a outra metade procede de países da América. Nesta investigação, utilizamos apenas textos provenientes do espanhol peninsular. Por fim, no que diz respeito ao tema, o CREA estabeleceu áreas gerais a que cada um dos textos deve se estabelecer. Cada área se estrutura em setores temáticos mais concretos, como esporte, saúde, política, economia, entre outros.

Um trabalho de busca mediante leitura e interpretação permitiu-nos tabular, inicialmente, um total de 80 ocorrências de construções prefaciadas por *incluso si*. No entanto, 11 dessas ocorrências foram descartadas por não se adequarem à estrutura conjuntiva *incluso si* estudada, pois apresentam pausa marcada por vírgula, conforme se vê em (1) a seguir, dando um *status* diferente à construção:

- (1) Se necesitaba tranquilidad para jugar el primer partido de Primera División en la vida de la inmensa mayoría de los futbolistas del Rayo. Tener calma y mantenerse en calma. **Incluso, si era necesario**, mostrarse lentos, aburrir al rival con unas marcas fijas, pegarse al cuerpo *maño* y confiar en la rapidez de los hombres más cercanos al área del Zaragoza (36, 1989, Deporte)

Era necessário tranquilidade para jogar o primeiro jogo da Primeira Divisão na vida da imensa maioria dos jogadores do Rayo. Ter calma e manter a calma. **Inclusive, se fosse necessário**, mostrar-se lentos, chatear o rival com marcas fixas, grudar-se ao corpo *maño*⁹ e confiar na rapidez dos homens mais perto à área do Zaragoza

Em (1), a partícula *incluso* é claramente independente da conjunção *si*, caso em que a oração condicional *si era necesario* ocorre de forma sintaticamente independente, ou seja,

⁹ *Maño* se refere à forma como os habitantes de Zarogosa são chamados.

sem depender de uma oração principal para se estabelecer. O papel de *incluso* nesse caso é acrescentar uma informação enfática ao que vinha sendo dito: era necessário ter tranquilidade, o que se comprova em *era necessário ter tranquilidade, ter e manter a calma e, além disso, mostrar-se lentos*, etc.

Desconsiderando esses casos, foram efetivamente analisadas, portanto, 69 ocorrências de orações introduzidas por *incluso si* em contextos como representados por (2) a seguir:

(2) El problema que se plantea es si el nuevo cómputo tiene efectos retroactivos, como quiere CiU y rechaza Hacienda. Si la nueva prescripción se aplicase hacia atrás, sería tanto como amnistiar fraudes generados en 1991 y 1992. **Incluso si** el estatuto niega esa retroactividad, existen dudas sobre la interpretación que podrían dar los tribunales.

O problema que se apresenta é se o novo cômputo tem efeito retroativo, como quer CiU e rejeita a Fazenda, Se a nova prescrição se aplicasse para trás, seria como anistiar fraudes geradas em 1991 e 1992. **Inclusive se** o estatuto negar essa retroatividade, existem dúvidas sobre a interpretação que poderiam dar os tribunais.

O levantamento das ocorrências levou em consideração os seguintes fatores: (i) o número do parágrafo onde se encontra a ocorrência (ii) o ano de veiculação do suporte e (iii) tema do suporte. Essas informações constam no final de cada ocorrência e estão exemplificadas a seguir, em que se identifica uma ocorrência do parágrafo 1, ano de veiculação 1995, cujo tema é economia:

(1, 1995, economia)

A hipótese principal deste trabalho é que as estruturas denominadas concessivo-condicionais pela tradição linguística, na verdade, não são estruturas híbridas. Considerando que a Gramática Discursivo-Funcional é um modelo influenciado por uma visão discreta das categorias linguísticas, consideramos que a partícula *incluso* corresponde a um operador enfático que escopa toda a oração introduzida por *si*; e, como hipótese secundária, a de que essas estruturas atuam nos Níveis e camadas mais altos propostos pela Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). A fim de verificar se tais hipóteses se confirmam, este trabalho é norteado por oito fatores de análise:

(1) Nível em que ocorre a construção: Nível Interpessoal ou Nível Representacional;

- (2) Camada em que se estabelece a construção;
- (3) O tempo e modo verbal da oração principal;
- (4) O tempo e modo verbal da oração subordinada;
- (5) Factualidade da oração subordinada;
- (6) Factualidade da oração principal;
- (7) Pressuposição da oração subordinada;
- (8) Posição da oração subordinada com relação à oração principal: anteposta ou posposta à oração principal.

3.2 Níveis e camadas de atuação da construção introduzida por *incluso si*

O primeiro e o segundo fatores de análise dizem respeito ao Nível e à camada a que pertencem as estruturas prefaciadas por *incluso si*. Pretendemos verificar se no espanhol escrito há predileção por um Nível e camada específicos dentro da GDF. Para isso, cada ocorrência pode ser classificada em: Movimento (M), Ato Discursivo (A) e Conteúdo Comunicado (C), que são camadas pertencentes ao Nível Interpessoal; ou ainda em Conteúdo Proposicional (p) e Estados de Coisas (e), que são camadas pertencentes ao Nível Representacional.

A relação concessiva, na perspectiva da GDF, pode ser tanto uma relação entre Atos Discursivos, no Nível Interpessoal, onde desempenha função retórica Concessão; quanto uma relação entre Conteúdos Proposicionais, no Nível Representacional, desempenhando função semântica que marca a oposição entre crenças ou aspectos do conhecimento. No Nível Interpessoal, a concessão veicula um Ato Discursivo que poderia impedir a realização do Ato presente na oração principal, mas que não o faz; no Nível Representacional, a concessão expressa uma premissa, enquanto a oração principal expressa a conclusão oposta ao esperado por essa premissa.

Além disso, é possível que a relação de concessão se dê entre Movimentos, no Nível Interpessoal, conforme propõe Stassi-Sé (2012) para o português. Nesse caso, a oração concessiva se relaciona a uma porção discursiva anterior e não a uma oração matriz, além de ser inserida no discurso porque o falante julga que a concessão é relevante do ponto de vista informacional. Atuando nesta camada, a oração concessiva abre a possibilidade de uma reação do interlocutor, uma vez que os Movimentos têm função de produzir efeito sobre o interlocutor a fim de progredir o discurso. Na língua portuguesa, segundo Garcia e Pezatti (2013, p.483), nesse caso, as orações concessivas que expressam um comentário do falante

com relação ao contexto, sem se prender a uma oração principal, reforçam o caráter independente dessas estruturas e, por isso, as autoras as denominam *concessivas independentes*.

A condicional, da mesma forma que a relação concessiva, do ponto de vista da GDF, é descrita, conforme já expusemos no Capítulo 1, como uma relação entre Conteúdos Proposicionais, no Nível Representacional, onde desempenha função semântica ou entre Atos Discursivos, No Nível Interpessoal, onde desempenha função retórica, conforme propõem Oliveira e Hirata-Vale (2016) ao afirmarem que as orações condicionais podem exercer dois tipos de função retórica: Condição (KEIZER, 2015) ou Correção.

Pelo fato de as orações prefaciadas por *incluso si* serem consideradas como concessivo-condicionais na literatura, acreditamos que a classificação das orações em Níveis e camadas conforme proposta da GDF pode ajudar a identificar as diferentes funções dessas estruturas, assim como também confirmar ou não nossa hipótese principal: a de que essas orações são condicionais enfatizadas. Ressaltamos que a camada de atuação na GDF é o fator norteador de nossas análises, conforme apresentamos no Capítulo 4.

3.3 O tempo e modo verbal da oração subordinada e principal

De acordo com Domínguez García et al (2013), a preferência entre os modos indicativo ou subjuntivo nas orações condicionais com *si* depende de se o falante considera que a situação que se apresenta na oração subordinada é possível, muito difícil ou impossível. Dessa forma, para os autores, existem dois tipos de condicionais, as primeiras, com indicativo na oração subordinada, apresentam situações que não se sabe se aconteceram (tempos verbais no passado), se estão acontecendo (tempo verbal no presente) ou se vão acontecer (tempos verbais no futuro). Outro tipo são as orações condicionais com verbos no modo subjuntivo, em que se apresentam situações que se sabe que não aconteceram (passado), que não acontecem (presente) ou que não vão acontecer (futuro). Os exemplos (3) e (4) a seguir ilustram os doistipos mencionados.

(3) Marta: ¿Tú crees que tendrá suerte?

Ana: Hombre, yo creo que si CANTA bien, la cogerán (DOMÍNGUEZ GARCÍA ET AL, 2013, p. 310)

Marta: Você acha que ela terá sorte?

Ana: Olha, se ela cantar bem, vão escolhê-la

Em (3), ao usar o indicativo, Ana dá a entender que, na sua opinião, a pessoa a qual o pronome “ela” se refere pode cantar bem ou mal e que, por isso, podem ou não escolhê-la, por isso, o sentido implicado pelo uso do indicativo é o de uma situação possível de acontecer. O mesmo não acontece em (4) a seguir em que, se imaginamos que os interlocutores falam de alguém cuja voz já conhecem, a situação seria impossível ou quase impossível.

(4) Marta: ¿Tú crees que tendrá suerte?

Ana: Hombre, yo creo que si CANTARA bien, la cogerían, pero... (DOMÍNGUEZ GARCÍA ET AL, 2013, p. 310)

Marta: Você acha que ela terá sorte?

Ana: Olha, se ela cantasse bem, iriam escolhê-la, mas...

Em (4) existem duas interpretações possíveis: ou Ana usa o subjuntivo porque sabe perfeitamente que a moça não canta bem, ou seja, essa situação é impossível; ou simplesmente acredita que é muito difícil que cante bem no dia da prova.

Para García Santos (1990), os dois membros de uma frase condicional *si + subjuntivo* formam um bloco único com esquemas muito rígidos, aos quais o falante tem que estar atento se quiser se expressar corretamente. Assim, para o autor, a representação desse tipo de estrutura é a seguinte:

Esquema 1 - relação entre os membros de acordo com o modo subjuntivo (adaptado de GARCÍA SANTOS, 1990, p. 199)

Si + subjuntivo: |_____|

Por outro lado, o autor afirma que ao contrário dos esquemas rígidos se *si + subjuntivo*, no caso de *si + indicativo* os dois membros da frase são orações independentes, conforme está representado no esquema abaixo:

Esquema 2 - relação entre os membros de acordo com o modo indicativo (adaptado de GARCÍA SANTOS, 1990, p.201)

Si + indicativo: |_____| |_____|

Segundo a NGRAE (2009, p. 3569), diferentemente de outros tipos de construção, as orações condicionais são interdependentes no que diz respeito ao uso dos tempos e modos verbais. Isso porque a oração subordinada expressa a atitude do falante com respeito à

possibilidade, probabilidade ou irrealidade da situação suposta, enquanto a oração principal, que indica a modalidade da oração, está frequentemente em correlação com a anterior.

Para Montolío (1999, p. 3659), ao formular uma oração condicional do tipo (*si p, q*), produz-se uma situação de contraste entre dois mundos: aquele em que há uma situação hipotética, chamado pela autora de *mundo da enunciação* ou *mundo real*; e aquele criado linguisticamente, chamado *mundo possível*, produzido pela *enunciação*. Para a autora, a expectativa do falante de cumprimento, no mundo real, dos fatos que expressa a oração (mundo possível) é refletida no uso dos tempos e modos verbais nas construções condicionais.

De acordo com Montolío (1999), quando o falante utiliza uma forma verbal no modo indicativo na oração subordinada, denota um Estado-de-Coisas que considera factível no momento temporal em que os apresenta, neste caso, o falante expressa fatos que condizem com o mundo real em que as asserções incluídas na oração ocorrem. Em outros termos, a autora afirma que, nos casos factuais, o mundo real e o mundo possível expressos pela oração condicional têm grau de coincidência máxima. Por outro lado, Montolío (1999) afirma que o fato de a estrutura condicional conter subjuntivo, faz com que o mundo real e o mundo possível não sejam mais coincidentes e, nesses casos, pode apresentar uma coincidência remota (condicionais semifactuais), conforme exemplo (5), ou totalmente irreal, conforme (6).

(5) Si me pidieran que ocupara este cargo, aceptaría (MONTOLÍO, 1999, p. 3660)

Se me pedissem para ocupar esse cargo, aceitaria

(6) Si hubiéramos llegado puntuales, habríamos podido escuchar la primera pieza del concierto (MONTOLÍO, 1999, p. 3660)

Se tivéssemos chegado pontualmente, teríamos escutado a primeira peça do concerto

3.4 Factualidade nas orações subordinada e principal

Para Pérez Quintero (2002), a factualidade é um parâmetro independente que se aplica a todos os tipos de entidade. Dessa forma, neste trabalho, consideraremos como factual as orações que descrevem propriedades ou relações *aplicáveis*, Estado-de-Coisas *reais*, Conteúdos Propositionais *verdadeiros* e Atos Discursivos *assertivos*. Por outro lado, assim como para a autora, consideraremos como não-factuais as orações que descrevem situações opostas às categorias anteriores.

Segundo Neves (1999), em sua forma mais comum, o período real, ou factual, repousa sobre a realidade, o que significa que o enunciado da oração subordinada é apresentado como real e, a partir daí, o enunciado da oração principal é concebido como uma consequência ou conclusão necessária e, portanto, também real. Além disso, segundo a autora, o valor quase documental das construções condicionais factuais explica seu uso em processos argumentativos nos quais é necessário exprimir um fato como assegurado, conforme apresentamos em (7).

(7)A: ¿Si el PP convocara elecciones a corto plazo, el PSOE está preparado para darle respuesta?

B: Incluso si las convoca ya, no nos van a pillar desprevenidos (9, 1997, Política)

A: Se o PP convocasse eleições em curto prazo, o PSOE está preparado para dar a resposta a ele?

B: Inclusive se as convocar já, não vão nos pegar desprevenidos)

Montolío (1999, p. 3662) propõe ainda que as orações condicionais factuais expressam fatos que estão habitualmente ligados, ou cujo cumprimento é esperado ou provável no futuro. Já as construções condicionais contrafactuais/irreais, segundo Neves (1999), expressam uma falsidade segura, repousando sobre a não-realidade; tanto a oração subordinada quanto a oração principal apresentam os Estados-de-Coisas por ela denotados como não existentes, conforme (8). Por sua vez, as construções condicionais são categorizadas como semifactuais quando sua oração subordinada repousa sobre a eventualidade, e o enunciado da oração principal é tido como certo, desde que a condição enunciada na oração subordinada seja satisfeita, como se pode ver em (9).

(8)Antes de la era química se perdía del 30 al 35 por 100 de las cosechas. Ese porcentaje se mantiene casi sin disminución tras contaminarlo todo y erosionar el suelo. **Incluso si los plaguicidas hubieran conseguido un incremento espectacular de los rendimientos agrarios, es tan grande la factura sobre la salud de las personas y del ambiente, que nada hay tan sensato como rechazarlos** (14, 1997, Ecología)

Antes da era química perdia-se de 30 a 45% das colheitas. Essa porcentagem se mantém quase sem diminuição depois de se contaminar e minar o solo. **Inclusive se os praguicidas tivessem conseguido um incremento espectacular dos rendimentos agrários, é tão grande a fatura sobre a saúde das pessoas e do ambiente, que não há nada mais sensato que recusá-los**

(9)El comisario Monti "tomó nota" de esa interpretación del titular de Fomento, pero recordó al ministro las denuncias realizadas por Canal Satélite Digital y las presiones a los detallistas. "Incluso si hay acuerdo" entre los operadores con ocasión de la convocatoria de Bangemann," no todo quedará resuelto, y seguramente España deberá modificar su ley, le ha recordado, con firmeza, el comisario" (10, 1997, Medios de comunicación)

O comissário Monti tomou nota dessa interpretação do titular de Fomento, mas lembrou ao ministro das denúncias realizadas por Canal Satélite Digital e das pressões aos detalhistas. *“Inclusive se houver acordo” entre os operadores com ocasião da convocatória de Bangemann, “nem tudo se resolverá, e com certeza Espanha deverá modificar sua lei, lembrou-o, com firmeza, o comissário”*)

Já para Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 144), os Conteúdos Proposicionais podem ser avaliados em termos de verdade devido a sua natureza mental, ou seja, são factuais os Conteúdos Proposicionais que revelam conhecimentos ou crenças assumidos como verdadeiros em relação ao mundo em que vivemos, e não-factuais, os Conteúdos Proposicionais que expressam esperanças ou desejos em relação a um mundo imaginário.

Além disso, conforme propõe a NGRAE (2009, p. 3571), há uma relação entre factualidade das orações subordinada e principal e o uso dos tempos e modos verbais; para a GDF, uma clara integração entre os Níveis mais altos e o Morfossintático. Para a NGRAE (2009), períodos reais são formados com orações subordinadas com indicativo, tanto no presente quanto no pretérito. Isso porque nos períodos reais exprimem-se fatos que são concebidos como verdadeiros ou esperáveis, conforme apresenta o exemplo (10) a seguir:

(10) Si se lo explican, lo entiende (NGRAE, 2009, p. 3571)

Se você explicar, entende

Além disso, Montolío (1999) afirma que a sequência modo-temporal mais frequente nas orações condicionais introduzidas por *si* é aquela que apresenta presente do indicativo tanto na oração subordinada quanto na oração principal, conforme apresenta o exemplo (10).

Por sua vez, o período semifactual expressa situações abertas relativas a eventos que podem acontecer. Segundo a NGRAE (2009), no período semifactual, a oração subordinada implica que, no presente, o Estado-de-Coisas que descreve não acontece, mesmo quando deixa em aberta a possibilidade de que aconteça no futuro (cf. 11). As orações subordinadas podem estar no presente do indicativo, o que pode provocar certa ambiguidade com relação às construções reais (tal ambiguidade pode ser desfeita por questões discursivas e contextuais), mas não no presente do subjuntivo, já que, no espanhol, não é comum que orações

subordinadas condicionais introduzidas pela partícula *si* se manifestem no presente do subjuntivo, sendo considerada uma construção agramatical.

(11) Si se lo explicaran, lo entendería (NGRAE, 2009, p.3572)

Se explicassem, entenderia.

Já o período contrafactual, segundo a NGRAE (2009), é aquele em que se infere que é verdadeiro o Estado-de-Coisas contrário do afirmado, conforme (12).

(12) Si yo viera bien, no necesitaría estos anteojos (NGRAE, 2009, p.3572)

Se eu enxergasse bem, não precisaria desses binóculos

Para Montolío (1999, p.3667), o esquema clássico das orações condicionais semifactuais é Pretérito Imperfeito do subjuntivo na oração subordinada e Condicional Simples na principal. Para a autora, esse esquema expressa a falta de compromisso com a probabilidade de cumprimento do que é expresso na construção, conforme apresenta (13). Às vezes, no entanto, esse tipo de estrutura pode veicular interpretação contrafactual, com valor contingente, ou seja, quando as duas formas verbais não descrevem fatos orientados para o futuro, conforme (14).

(13)... A un quinto de volumen, de del..., de las posibilidades reales de del...del chisme. Porque *si lo pusiéramos completamente sería, sería imposible* (MONTOLÍO, 1999, p. 3667)

A um quinto de volume, de do..., das possibilidades reais de do...da fofoca. Porque se o puséssemos completamente seria, seria impossível

(14) *Si fueran de verdad trozos de spugnics, ellos mismos que los han construido tendrían que saber identificarlos* (MONTOLÍO, 1999, p. 3671)

Se fossem de verdade pedaços de spugnics, eles mesmos que os construíram teriam que saber identificá-los

Em (14), a oração apresenta o esquema modo-temporal com Pretérito Imperfeito do subjuntivo na oração subordinada e Condicional Simples na oração principal. No entanto, os fatos estão orientados, não para o passado, mas para o presente da enunciação, isto é, ao agora discursivo, expressando o contrário do que foi enunciado, o que caracteriza a estrutura, segundo Montolío (1999) como contrafactual.

Além dos esquemas modo-temporais apresentados, que são os prototípicos das construções que apresentam fatos reais, semifactuais e contrafactuais, respectivamente, há outros esquemas também característicos, conforme apresentaremos de modo pormenorizado nas análises de dados.

3.5 Pressuposição da oração subordinada

Tanto Pérez Quintero (2002, p.54) quanto Levinson (2007) afirmam que a pressuposição pode ser descrita em duas abordagens principais. A primeira, a lógico-semântica, prevê a pressuposição como parâmetro aplicável não ao discurso, mas às orações e aos itens lexicais. Esse tipo de análise não leva em consideração os processos de produção nem os participantes, e o significado é visto como um atributo das sentenças em vez de algo construído pelos interlocutores. Já a segunda, a abordagem pragmática, considera a pressuposição como uma propriedade do discurso. As orações não são analisadas isoladamente, mas sim expressas no discurso por indivíduos em um ato comunicativo. Para Levinson (2007, p. 221), as pressuposições que dizem respeito à relação entre falante e destinatário não afetam as condições de verdade de uma construção; por isso, para o autor, pode-se definir como pressuposição pragmática uma relação entre um falante e a adequação de uma sentença a um contexto.

Saeed (1997 apud Pérez Quintero, 2002) afirma que a pressuposição pragmática tem o objetivo de falar das estratégias que falante e ouvinte usam para se comunicar. Então, segundo o autor, podemos olhar para a comunicação do ponto de vista do falante e falar sobre a pressuposição como parte de uma tarefa do discurso, ou adotar o ponto de vista do ouvinte e ver a pressuposição como um número de inferências que o ouvinte pode fazer com base no que o falante acabou de dizer.

Em seu estudo, Pérez Quintero (2002, p. 55) adota um conceito pragmático de pressuposição, isto é, como uma estratégia do falante de empacotar sua mensagem com relação a sua estimativa do que o ouvinte sabe, abordagem que permite fazer uma análise da pressuposição de uma oração, não em abstrato, mas em relação à situação discursiva, levando-se em consideração o discurso e o papel dos participantes na interação. A partir desses pressupostos, postulamos que uma abordagem pragmática da pressuposição é a mais apropriada para uma pesquisa funcionalista porque parte do ponto de vista da comunicação entre os indivíduos.

Ainda para Levinson (2007, p. 225), há uma maneira pela qual é possível a intuição levar a um conjunto de inferências: a intuição básica é que elas são todas, em algum sentido importante, suposições de fundo. O fundo é o conjunto de pressuposições em confronto com as quais a figura é avaliada. Em outras palavras, a figura corresponde à asserção da construção e o fundo, à pressuposição, o que quer dizer que as formas de manifestação da figura podem variar, isto é, pode ser em uma construção declarativa, interrogativa ou negativa, mas o fundo, ou seja, as pressuposições, será sempre o mesmo.

Por fim, segundo Hengeveld (1998), a hierarquia de pressuposição pode ser aplicada a muitos parâmetros classificatórios, como a Factualidade, o Tipo de Entidade ou o Tempo de Referência. Para esta investigação, decidimos aplicar a pressuposição ao parâmetro da factualidade, considerando que, no domínio factual, pressuposição implica factividade – pressuposição de um evento como real ou verdadeiro – e no domínio não-factual, pressuposição implica não-factividade – a pressuposição de um evento como irreal ou não verdadeiro.

O quadro (2) a seguir exemplifica a proposta de Hengeveld (1998), apresentando a relação entre factualidade e pressuposição para as orações concessivas e condicionais.

Quadro 2 - Classificação das orações condicionais (adaptado de HENGVELD, 1998, p.353)

Factual	Não pressuposta	Concessão	
	Pressuposta		
Não-Factual	Não pressuposta	Potenciais	Condição potencial
	Pressuposta	Irreais	Condição irreal

Conforme nota-se no quadro (2), as orações concessivas são definidas por Hengeveld (1998) como tipicamente factuais – exprimem fatos reais ou proposições verdadeiras – e pressupostas. Por outro lado, as orações condicionais são vistas como construções tipicamente não factuais, podendo ser pressupostas – nesse caso será uma condição potencial – ou não pressupostas – nesse caso será uma condição irreal.

(15) He got the job although he had no qualifications (HENGVELD, 1998, p. 355)

Ele conseguiu o emprego embora não tenha qualificações

(16) El gato te arañará, si le tiras del rabo (HENGEVELD, 1998, p. 352)

O gato te arranhará, se você puxar ele pelo rabo

(17) Si me hubiera dicho que le acompañara, te habría avisado (HENGEVELD, 1998, p. 352)

Se tivesse me pedido para acompanhá-lo, eu teria te avisado

O exemplo (15) acima mostra que a oração concessiva descreve uma informação pressuposta como verdadeira, *não ter qualificações* explicita uma verdade conhecida pelos interlocutores, enquanto a oração principal veicula uma informação não esperada *conseguir o emprego*, pois se presume que sem qualificações não se consiga um emprego. Por sua vez, a oração condicional em (16) veicula uma informação não pressuposta, uma vez que *se você puxar seu rabo* é um fato que pode ou não acontecer, portanto, trata-se de uma informação semifactual que o locutor não considera como conhecida de seu interlocutor. Já a oração condicional em (17) traz uma informação pressuposta como contrafactual, já que ao enunciar *Se tivesse me pedido para acompanhá-lo*, já se sabe que o fato não ocorreu no passado e não tem possibilidades de ocorrer no futuro, portanto, o locutor considera como uma informação já conhecida de seu interlocutor.

A pressuposição também pode ser vista na ocorrência em (18)

(18) Por primera vez supuse que aquel tipejo vulgar tenía algo que ver conmigo. Estuve tentado de cambiarme de vagón, de despistarle en alguna estación del trayecto aunque sólo fuera por saber si efectivamente me andaba siguiendo. Lo deseché. *Incluso si lo que yo estaba haciendo podía ser peligroso*, el hombre no parecía precisamente un asesino. Medí mentalmente las fuerzas de ambos y comprendí que él tenía más que perder si me agredía (1986, 75, Novelas)

Pela primeira vez supus que aquele tipinho vulgar tinha algo a ver comigo. Estive tentando mudar de vagão, despistá-lo em alguma estação do trajeto embora só fosse para saber se efetivamente estava me seguindo. Descartei. Inclusive se o que eu estava fazendo podia ser perigoso, o homem não parecia precisamente um assassino. Medi mentalmente as forças de ambos e compreendi que ele tinha mais a perder se me agredia.

Nota-se em (18) que a oração *mesmo se o que eu estava fazendo podia ser perigoso* veicula uma informação compartilhada como verdadeira pelos interlocutores, portanto trata-se de uma informação pressuposta. Diferentemente, em (19), a oração *mesmo se se tornou bêbada e fumante* veicula uma informação não pressuposta, uma vez que não se sabe se Inge

Schneider de fato se transformou ou não em bêbada e fumante, tratando-se, portanto, de uma informação não compartilhada entre os interlocutores.

- (19)- Inge Schneider. Enciendo la luz y veo que hay muchos Schneider en la guía de teléfonos. Será imposible localizarla. Si se ha casado ya no se llamará Schneider. Se llamará como su marido. Pero ¿y si por cualquier razón sigue llamándose Schneider?

-Entonces marcaría el número. Esperaría a oír su voz. Estoy seguro de que su voz la reconocería inmediatamente. *Incluso si se ha vuelto borracha y fumadora*. Aun así la reconocería (1995, 79, Novela)

Portanto, podemos dizer que, para este trabalho, as orações introduzidas por *incluso si* consideradas pressupostas veiculam uma informação que o locutor considera que o interlocutor já conhece como factual ou não-factual. Em contrapartida, define-se uma oração subordinada não pressuposta as orações como a que o locutor julga ser desconhecida a factualidade ou a contrafactualidade.

3.6 Posição da oração subordinada com relação à principal

Por meio deste fator, analisa-se a posição da oração dependente com relação à oração principal, tomando o verbo da oração principal como referência. Consideramos duas posições possíveis: a anterior ou a posterior à oração principal, conforme apresenta a ocorrência (20) abaixo em que a oração condicional *Incluso si dejan de bombardearnos indiscriminadamente* está anteposta em relação à oração principal *nos resistiremos a ella por nossas casas destruídas, por nossas mulheres e filhos mortos, por nossa terra*.

- (20) Los términos de la pacificación están claros. "Después de tres años sin presencia militar rusa, los chechenos no vamos a consentirla. ***Incluso si dejan de bombardearnos indiscriminadamente***, *nos resistiremos a ella por nuestras casas destruidas, por nuestras mujeres y niños muertos, por nuestra tierra*", dice Mujadi Israilov, ex rector de la Universidad de Grozny, institución reducida a escombros, al igual que la mezquita central o el archivo y la Biblioteca Nacional chechena (2, 1995, Política).

Os termos da pacificação estão claros. “Depois de três anos sem presença militar russa, nós chechenos não vamos consenti-la. *Mesmo se deixarem de nos bombardear indiscriminadamente, resistiremos a ela por nossas casas destruídas, por nossas mulheres e filhos mortos, por nossa terra*”, diz Mujadi Israilov ex-reitor da Universidade de Grozny, instituição reduzida a escombros como a mesquita central ou o arquivo e a Biblioteca Nacional chechena

A importância de identificar a posição das orações prefaciadas por *incluso si* – posposta ou anteposta à oração matriz – consiste na natureza argumentativa da construção, o que significa que a posição pode dar indícios das intenções comunicativas de um locutor. Toma-se a localização do verbo da oração principal como referência a fim de resolver dúvidas sobre intercalação de orações (NEVES, 1999, 508), conforme exemplo (21), uma vez que, neste estudo, não consideramos a posição *intercalada*, como o faz Neves (1999) no trecho em itálico do exemplo que segue:

(21) Eu acho que se sair antes das seis horas da manhã sai melhor (NEVES, 1999, p.527)

Percebe-se que em (21) a oração condicional introduzida por *se* (*se sair antes das seis horas da manhã*) ocorre intercalada à oração principal *eu acho que* (*oração condicional intercalada*) *sai melhor*.

Neves (1999, p. 509) aponta que há uma tendência de as orações condicionais do português serem antepostas às respectivas orações principais devido a uma iconicidade lógico-semântica que prevê (i) enunciação de uma proposição em que é necessário o preenchimento de uma condição (ii) enunciação de uma proposição factual em consequência do preenchimento dessa condição.

De acordo com Haiman (1978), condicionais podem ser identificadas com tópicos das construções em que aparecem, uma vez que condicionais e tópicos correspondem a informações dadas no discurso e se localizam encabeçando uma construção. Para Montolí (1999), é característico das orações condicionais que a oração subordinada anteceda a principal, de modo que a anteposição da oração com *si* constitua o esquema habitual não-marcado das condicionais. Não surpreende essa anteposição prototípica da oração subordinada se levamos em consideração que a função da subordinada é criar um mundo possível, um marco discursivo ou um estado de coisas a partir do qual interpretar a informação seguinte. Essa característica faz a oração condicional frequentemente ser identificada como tema, entendido como a informação dada ou compartilhada do enunciado. Quando, ao contrário do esquema não-marcado, a subordinada aparece posposta, sua função discursiva varia e apresenta mais relação com as operações discursivas que prototipicamente se pospõem, como a restrição ou a especificação. As orações pospostas podem corresponder a funções distintas, como ressalva, justificativa, correção de uma informação anterior, etc, dependendo do contexto.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DE DADOS

As orações prefaciadas por *incluso si*, conforme apresentado no Capítulo 2, são consideradas *híbridas* na literatura por mesclarem características tanto das concessivas quanto das condicionais, pois, exibem um sentido de objeção a algo esperado e apresentam uma hipótese, conforme representa (1), repetido aqui por conveniência:

- (1) ***Incluso si*** *bebes una sola gota de alcohol en el trabajo*, el jefe te despedirá (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3845)

Mesmo se *você beber uma só gota de álcool no trabalho*, o chefe te despedirá

Nossas análises revelam que as orações prefaciadas por *incluso si* no espanhol escrito exibem relações de três tipos distintos. Dessa forma, embora os compêndios descritivistas do espanhol apresentem as orações prefaciadas por *incluso si* apenas como uma relação semântica entre orações, conforme representa a ocorrência (2), constatamos que tais construções também podem estabelecer entre si uma relação interpessoal, podendo ocupar diferentes posições ou ainda ocorrer sintaticamente “independente” de uma oração principal, conforme as ocorrências (3) e (4):

- (2) El desarrollo de armamentos capaces de destruir a la humanidad es el resultado de la industrialización de la guerra, un proceso iniciado hace cerca de 200 años. A menos que hubiera algún vuelco político fundamental, con todos los estados de acuerdo para prohibir las armas nucleares, todos debemos vivir con el futuro indefinido a la sombra de un posible holocausto nuclear. ***Incluso si*** *todas las armas nucleares fuesen eliminadas por completo*, lo que parece improbable, *el saber que las produjo no puede destruirse*. Además, parece improbable que la aplicación continua de la ciencia y la tecnología al desarrollo de los armamentos disminuya (1997, 46, Ética)

O desenvolvimento de armamentos capazes de destruir a humanidade é o resultado da industrialização da guerra, um processo iniciado há aproximadamente 200 anos. A menos que houvesse alguma virada política fundamental, com todos os estados concordando para proibir as armas nucleares, todos devemos viver com o futuro indefinido à sombra de um possível holocausto nuclear. ***Inclusive se*** *todas as armas nucleares fossem eliminadas completamente*, o que parece improvável, o

saber que as produziu não pode ser destruído. Além disso, parece improvável que a aplicação continua da ciência e da tecnologia ao desenvolvimento dos armamentos diminua.

- (3) Encontraron que los voluntarios que habían tomado Stevia tenían niveles de azúcar en sangre perceptiblemente más bajos después de la ingestión de la tisana. Esto es una indicación positiva de que la Stevia puede ser potencialmente beneficiosa para los diabéticos que utilicen Stevia como sustituto del azúcar. **Incluso si la Stevia por sí misma no pudiera bajar los niveles de azúcar en sangre.** (2004, 63, Medicinas alternativas)

Encontraram que os voluntários que tomaram Stevia tinham níveis de açúcar no sangue perceptivelmente mais baixos depois da ingestão da infusão. Essa é uma indicação positiva de que a Stevia pode ser potencialmente benéfica para os diabéticos que utilizam Stevia como substituta do açúcar. **Mesmo se a Stevia por ela mesma não pudesse baixar os níveis de açúcar no sangue**

- (4)-Cualquier problema que se presente, sea cual fuere su gravedad, dígamelo a mí. Y si yo no estoy en condiciones, a mi hija.
 - ¿**Incluso si se trata de avisar de riesgo de muerte?** - quiso saber Pozuelo.
 - Eso es esencial. (1995, 44, Historia)
- Qualquer problema que se apresente, seja qual for sua gravidade, diga a mim. E se eu não estiver em condições, diga à minha filha
 - **Mesmo se se tratar de avisar de risco de morte?** – quis saber Pozuelo
 - Isso é essencial

Observamos que as orações veiculadas pelas ocorrências (2), (3) e (4) são de tipos diferentes, já que em (2) nota-se uma relação entre duas proposições, isto é, constructos mentais, tais como *as armas a serem eliminadas* e *o saber quem as produziu não poder ser destruído*. Em (3), a relação entre as orações é mais frouxa e nota-se que a oração prefaciada por *incluso si Stevia por sí misma no pudiera bajar los niveles de azúcar en sangre* está posposta à oração principal *Stevia pode ser potencialmente benéfica para os diabéticos* e foi usada pelo falante para acrescentar uma informação que julga relevante do ponto de vista comunicativo. Por fim em (4), a oração subordinada é apresentada em turno diferente, por meio de uma ilocução interrogativa *¿Incluso si se trata de avisar de riesgo de muerte?*, sintática e semanticamente independente de outras orações.

Considerando os três tipos apresentados acima, é possível perceber que (2) apresenta uma relação semântica, diferentemente de (3) e de (4), que apresentam uma relação pragmática.

Do ponto de vista da Gramática Discursivo-Funcional, essas distinções se explicam porque as relações ocorrem em domínios diferentes. O primeiro tipo ocorre no domínio semântico, e os outros dois tipos, no domínio pragmático¹⁰.

4.1 As orações de natureza semântica

Consideremos a ocorrência em (5)

(5) Los términos de la pacificación están claros. "Después de tres años sin presencia militar rusa, los chechenos no vamos a consentirla. **Incluso si dejan de bombardearnos indiscriminadamente, nos resistiremos a ella por nuestras casas destruidas, por nuestras mujeres y niños muertos, por nuestra tierra**", dice Mujadi Israilov, ex rector de la Universidad de Grozny, institución reducida a escombros, al igual que la mezquita central o el archivo y la Biblioteca Nacional chechena. (1995, 2, Política).

Os termos da pacificação estão claros. “Depois de três anos sem presença militar russa, nós chechenos não vamos consenti-la. **Inclusive se deixarem de nos bombardear indiscriminadamente, resistiremos a ela por nossas casas destruídas, por nossas mulheres e filhos, por nossa terra**, diz Mujadi Israilov, ex reitor da Universidade de Grozny, instituição reduzida a escombros como a mesquita central ou o arquivo da Biblioteca Nacional chechena

Nota-se em (5) que a oração prefaciada por *incluso si* apresenta uma relação cuja oração subordinada veicula um aspecto do conhecimento ou uma crença (bombardeio indiscriminado), enquanto a oração principal apresenta uma consequência gerada pela enunciação da oração subordinada, *resistiremos a ella* (à presença militar russa). Para autores como Flamenco García (1999), em orações como (5), a proposição *dejan de bombardearnos* poderia levar à conclusão oposta, a de que já não se resistirá à presença militar russa, o que significa que, além do matiz hipotético – a cessação do bombardeio pode ou não acontecer – a oração introduzida por *incluso si* também veicularia um matiz de oposição. Essa hipótese aliada à oposição também ocorreria em (6):

(6) Dorfman me contó que había observado cómo "La muerte y la doncella" gusta más a las mujeres que a los hombres, aunque también es un desafío para ellas, porque si bien la rabia inmediata que siente la protagonista se refiere a los abusos que sufrió

¹⁰ Destacamos que o percurso desta análise não será guiado pela organização descendente da GDF, já que, por fins didáticos, optamos por iniciar a descrição pelo tipo oracional que coincide com o comumente apresentado nos compêndios tradicionais e descritivos do espanhol.

es evidente que, una vez ella se abre al poder que le da el revólver que sostiene en sus manos, descubre en su interior una segunda capa de enojo o reivindicación femenina. Y añadió: "**Incluso si** no hubiese sido torturada, los problemas que Paulina tiene con su marido siguen vigentes y de ahí su silencio final. (1994, 6, Teatro)

Dorfman contou-me que tinha observado como as mulheres gostam mais de “A morte e a donzela” do que os homens, embora também é um desafio para elas, porque se a raiva imediata que sente a protagonista refere-se aos abusos que sofreu é evidente que, uma vez ela se abre ao poder que lhe dá o revolver que sustenta nas mãos, descobre em seu interior uma segunda camada de raiva ou reivindicação feminina. E acrescentou: “**Inclusive se** não tivesse sido torturada, os problemas que Paulina tem com seu marido continuam vigentes e daí seu silêncio final.

Em (6), a possibilidade de que Paulina não tivesse sido torturada levaria à conclusão de que os seus problemas com o marido pudessem não existir. Observamos que essas orações apresentam as mesmas características das *concessivo-condicionais de orientação condicional* postuladas por Rodriguez Rosique (2012, p. 103), pois, para a autora, nesse caso, “incluso expressa que uma proposição é mais informativa do que outra que é contextualmente acessível”. Para ela, quando *incluso* interage com *si*, pode ligar diferentes orações a favor de uma mesma conclusão. Assim, a oração condicional precedida por *incluso* apresenta o argumento mais forte do que as orações anteriores, isto porque estão no topo de uma escala de possibilidades.

Como é possível notar, as orações desse tipo apresentam entre si uma relação que se refere aos traços semânticos da unidade linguística, uma vez que o vínculo entre oração principal e subordinada está no âmbito das proposições ou constructos mentais. Na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, essas relações são concebidas na camada do Conteúdo Proposicional, pois se trata de construtos mentais e julgamentos que passam pelo crivo do falante.

Conteúdos Proposicionais, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), estão relacionados à especificação de atitude proposicional, como certeza, dúvida ou descrença. Em (7) a seguir, por exemplo, o falante apresenta um julgamento sobre sua atitude na oração subordinada (*superar o recorde anterior de Boardman*) e apresenta uma conclusão com base em premissas na oração principal (*ya nos daríamos por satisfechos*).

(7) Ayer terminaron los ensayos, a lo largo de los cuales Indurain ha rodado en tiempos de récord, pero sin superar jamás los 18 minutos de esfuerzo continuado. El objetivo marcado claramente por el equipo que dirige José Miguel Echavarri es batir "aunque

sea por un metro" la marca de Obree. "**Incluso si** sólo superamos el anterior récord de Boardman (52,270) ya nos daríamos por satisfechos" (1994, 4, Deporte)

Ontem os ensaios terminaram, durante os quais Indurain disparou em tempo recorde, mas nunca ultrapassou 18 minutos de esforço contínuo. O objetivo claramente marcado pela equipe liderada por José Miguel Echavarri é bater "mesmo que por um metro" a marca Obree. "**Inclusive se** apenas ultrapassarmos o recorde anterior do Boardman (52.270), já nos daríamos por satisfeitos"

A natureza proposicional dessa estrutura nos permite afirmar que a oração principal e a oração subordinada constituem, cada uma, na perspectiva da GDF, um Conteúdo Proposicional, camada mais alta do Nível Representacional.

O estatuto de Conteúdo Proposicional pode ser comprovado por meio de alguns testes, como a inserção dos modificadores *efectivamente* e *probablemente*, que indicam certeza ou dúvida, respectivamente. Dessa forma, a natureza epistêmica das ocorrências pode ser avaliada, conforme é possível notar em (7a) e em (7b) a seguir, que apresentam a inserção de modificadores na oração subordinada e na oração principal respectivamente.

(7a) **Incluso si** *probablemente/efectivamente* sólo superamos el anterior récord de Boardman (52,270) ya nos daríamos por satisfechos

(7b) **Incluso si** sólo superamos el anterior récord de Boardman (52,270) *efectivamente* ya nos daríamos por satisfechos

Nesse caso, quando da constituição da relação na camada do Conteúdo Proposicional, observa-se que a partícula *incluso* poderia ser retirada sem prejuízo de sentido da relação, conforme mostra (7c) a seguir.

(7c) * **Si** sólo superamos el anterior récord de Boardman (52,270), ya nos daríamos por satisfechos

Em (7c), nota-se que o Conteúdo Proposicional, representado pela oração subordinada *superamos el anterior récord de Boardman* não é afetado pela falta da partícula *incluso*. Com a retirada desse elemento, o que se observa é que a relação se estabelece entre uma hipótese (superar o récord) e uma conclusão (dar-nos por satisfeitos). Para Rodríguez Rosique (2012, p. 105), nesses casos, *incluso* atua como um *marcador discursivo* (termos da autora) e pode ocorrer em outras posições na oração. Notamos, entretanto, que o que se perde com a retirada de *incluso* é a noção de ênfase que essa partícula veicula sobre a hipótese apresentada pelo

Conteúdo Proposicional. Essa hipótese é codificada, no domínio morfossintático, pela conjunção *si*, como se comprova em (7d) a seguir, em que a mudança da posição de *incluso* altera também seu escopo, que passa a enfatizar uma parte ou um único elemento da oração e não mais recai sobre a hipótese codificada por *si*.

(7d) **Si** sólo superamos **incluso** el anterior récord de Boardman (52,270), ya nos daríamos por satisfechos

Em (7d) observamos que *incluso* passa a enfatizar *el anterior récord de Boardman*, o que mostra que essa partícula não precisa ocorrer necessariamente ao lado de *si* quando da atuação dessas construções no Nível Representacional, pois, nesse caso, o que há é a veiculação de uma hipótese e uma conclusão, conforme representação de Neves (1999) “Se *p*, então *q*”.

Outro teste que comprova a não composicionalidade de *incluso si* nesses casos, segundo Rodríguez Rosique (2012, p. 105), é a substituição de *incluso* por outro tipo de “marcador discursivo” (nos termos da autora), como *es más* (que pode ser precedido pela conjunção copulativa *y* (*e* em português) e sua variação *e* (quando precedida por *i/hi*), conforme comprova (7e):

(7e) El objetivo marcado claramente por el equipo que dirige José Miguel Echavarri es batir "aunque sea por un metro" la marca de Obree. **Y, es más, si** sólo superamos el anterior récord de Boardman (52,270), ya nos daríamos por satisfechos

Com a retirada de *incluso*, além da ênfase, perde-se também a suposta oposição da construção. Consideremos o exemplo (8):

(8) Tengo sobre mi mesa el bellissimo libro de Anne Michaels. Paso al azar sus ya leídas páginas. Me detengo: “**Incluso si** un acto pudiera perdonarse, nadie podría soportar ser responsable de perdonar en nombre de los muertos [...] Cuando el que podría perdonar ya no tiene palabras, queda sólo el silencio” (31, 1997, Testimonios varios)

Tenho sobre minha mesa o bellissimo livro de Anne Michaels. Passo aleatoriamente suas páginas já lidas. Detenho-me: “**Inclusive se** um ato pudesse ser perdoado, ninguém poderia suportar ser responsável por perdoar em nome dos mortos [...] Quando o que poderia perdoar já não tem palavras, fica só o silêncio”

Nota-se que *incluso si un acto pudiera perdonarse* pode pressupor que ser responsável por perdoar em nome dos mortos seria algo fácil, porém essa expectativa é quebrada na afirmação de que ninguém poderia suportar ser responsável por perdoar em nome dos mortos. Por outro lado, quando retiramos *incluso* da construção, perde-se a suposta quebra de expectativa, conforme apresenta (8').

(8') *si un acto pudiera perdonarse, nadie podría soportar ser responsable de perdonar en nombre de los muertos*

Em (8') é perceptível que, sem a partícula *incluso*, a construção é totalmente possível e gramatical, no entanto, a noção de escalaridade (KÖNIG, 1986) veiculada pela construção por meio de *incluso* já não está presente e, por isso, perde-se a ênfase dada pelo falante à hipótese apresentada, que geralmente é a pior das possibilidades de uma escala por ele atribuída.

A possibilidade de retirar *incluso* dos contextos em que a relação se dá entre dois Conteúdos Proposicionais nos permite dizer que se trata de uma construção que veicula uma situação ou circunstância indispensável para a existência de outra. Ainda em (8), *ninguém poderia suportar ser responsável por perdoar em nome dos mortos se – e somente se – um ato pudesse ser perdoado*.

Percebemos, portanto, que *incluso* interage com a conjunção condicional prototípica do espanhol *si*, mas é um elemento focal que pode incidir sobre outros termos da oração. Nesse caso, podemos omitir o nexos enfático e a construção permanecerá válida.

Como já havia proposto Oliveira (2008) para as orações condicionais do português, as orações condicionais que se estabelecem entre proposições desempenham *função semântica condição*. Nota-se que em *si un acto pudiera perdonarse* a oração condicional veicula uma hipótese no passado, ou seja, trata-se de uma proposição que não é verdadeira e que leva a uma consequência também falsa, uma vez que *nadie podría soportar ser responsable de perdonar en nombre de los muertos* veicula um resultado que seria verdadeiro apenas no caso de a proposição da oração condicional também ser verdadeira.

É importante destacar que, para a GDF, duas entidades estão relacionadas por meio de uma função porque elas manifestam entre si algum tipo de relação. As orações prefaciadas por *incluso si* que não apresentam uma relação interpessoal entre si são concebidas na teoria como *função semântica*. *Função* porque há o estabelecimento de uma relação entre duas entidades, e *semântica* porque essa relação não é interpessoal, mas, sim, Representacional, que se relaciona aos aspectos semânticos da interação. É importante destacar que funções

semânticas são, em geral, expressas por elementos invariáveis, isto é, gramaticais, tais como morfemas, proposições e conjunções.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), funções semânticas especificam uma relação entre um núcleo e um dependente. Ao representar essa relação, atribui-se funções semânticas ao dependente, conforme representamos em (8'').

(8'') [(p_i: - nadie podría soportar ser responsable de perdonar en nombre de los muertos - (p_j): (p_j: - un acto pudiera perdonarse – (p_j))_{Cond} (p_i)]

Tendo em vista o modo de representação proposto pela GDF, o Conteúdo Proposicional anteposto é representado por (p_i) e o Conteúdo Proposicional posposto é representado por (p_j). Nesse caso, (p_j) atua como modificador de (p_i), recebendo a função semântica de Condição (COND). O Conteúdo Proposicional descrito em (p_j) é localizado dentro do escopo do Conteúdo Proposicional principal (p_i). Na representação, a conjunção *si* não é considerada, pois é responsável por assinalar a relação de condição no processo de codificação no Nível Morfossintático, onde é estabelecida como uma relação de subordinação. Conforme já explicitamos no Capítulo 1, essa relação perpassa as três camadas abaixo da Expressão Linguística (Le), portanto, as camadas da Oração (Cl), do Sintagma (Xp) e da Palavra (Xw). Em uma relação de subordinação, Orações podem ocorrer como constituintes de outras Orações, desempenhando papel de Orações adverbiais, complementares ou predicativas. Além disso, fatores interpessoais, representacionais e morfossintáticos são os responsáveis pela escolha de um ou de outro tipo de Oração subordinada.

Tendo apresentado as características do primeiro tipo de oração prefaciada por *incluso si* encontrado em dados do espanhol escrito, passamos à descrição dos outros fatores de análise a esse caso, a saber: tempos e modos verbais, factualidade, pressuposição e posição das orações envolvidas.

4.1.1 Tempos e Modos das orações envolvidas

No que concerne aos tempos e modos verbais das orações prefaciadas por *incluso si* e de sua oração principal, quando constituem dois Conteúdos Proposicionais, respectivamente, constatamos que o indicativo é o mais frequente tanto na oração subordinada quanto na principal, conforme apresentamos a seguir.

Tabela 1 - Relação modo-temporal das orações de Conteúdo Proposicional¹¹

Conteúdo Proposicional		
	Oração Subordinada	Oração Principal
Presente do Indicativo	57, 4% (31/54)	46,3% (25/54)
Pretérito Imperfeito Indicativo	12, 96% (7/54)	9,25% (5/54)
Pretérito Imperfeito Subjuntivo	18,51% (10/54)	-
Pretérito Pluscuamperfeito do Subjuntivo	5,5% (3/54)	-
Pretérito Perfeito do Indicativo	3,7% (2/54)	1,8% (1/54)
Pretérito Indefinido do Indicativo	-	1,8% (1/54)
Presente do Subjuntivo	1,8% (1/54)	-
Futuro Simples		11,1% (6/54)
Condicional Simples	-	27,7% (15/54)
Condicional Composto	-	1,8% (1/54)

Segundo Flamenco Garcia (1999, p.3845), as orações prefaciadas por *incluso si* apresentam relações modo-temporais semelhantes às orações condicionais. Isso se confirma em nossas análises, uma vez que, conforme apresenta a Tabela (1), as orações estabelecidas entre Conteúdos Proposicionais tendem a apresentar a oração principal (46,3%) e a subordinada (57,4%) no Presente do Indicativo.

De acordo com Montolío (1999, p. 3658), as orações condicionais do espanhol prefaciadas por *si* tendem a estabelecer um uso prototípico de três esquemas modo-temporais básicos: (i) Presente do Indicativo/Futuro ou Presente do Indicativo; (ii) Imperfeito do Subjuntivo/Condicional; (iii) Pluscuamperfeito do Subjuntivo/ Condicional Composto/Pluscuamperfeito do Subjuntivo, que se relacionam, respectivamente, aos sentidos de factualidade, semifactualidade e contrafactualidade. Essa relação se justifica porque os tempos e modos verbais são codificações dos aspectos advindos dos Níveis mais altos, tais como a factualidade. Nossos dados comprovam essa afirmação da autora, posto que a correlação mais frequente encontrada veicula Presente do Indicativo tanto na oração subordinada quanto na oração principal, conforme representa a ocorrência (9). O segundo esquema mais frequente veicula Pretérito Imperfeito do Subjuntivo na oração subordinada e Condicional Simples na oração principal, como se observa em (10).

¹¹ Nas Tabelas deste capítulo, os campos marcados com o sinal “-” mostram que um tipo específico de tempo verbal não foi encontrado para as orações em análise (principal e subordinada)

- (9) Vuelve a repartirse un poco más de eneldo para que quede uniforme y bonito a la vista y está en disposición de cortarse finito con un cuchillo especial o una adecuado bien afilado.

Incluso si se congela un poco, a veces se corta mejor. Siempre se deja la piel si sobra algo (2002, 64, Salud)

Espalhe um pouco mais de endro¹² para que fique uniforme e agradável de se olhar e esteja pronto para cortar fininho com uma faca especial ou um afiador adequado.

Inclusive se se congelar um pouco, às vezes se corta melhor. Sempre se deixa a pele se sobrar algo.

- (10) No existe una demostración indiscutible de que los ricos sean más felices que los pobres, o de que las personas sean más venturosas a medida que crecen sus ingresos. Si esa demostración estuviese realizada, sería una paradoja el caso de los Estados Unidos, uno de los países con mayor renta por habitante, pero, al propio tiempo, el de mayor número relativo de enfermos mentales, y donde la mayor proporción de suicidios está relacionada con el afán frustrado de obtener éxitos económicos en una sociedad ya rica. Ambas clases de datos -desasosiego mental y suicidios motivados por lo económico- tampoco pueden llevarnos a la afirmación contraria de que en la riqueza está el origen de la desgracia.

Incluso si esto último fuera cierto, ello no podría servir de argumento definitivo en contra del desarrollo económico, puesto que la felicidad no es el único fin de la vida (1992, 52, Economía y Hacienda)

Não existe uma demonstração indiscutível de que os ricos sejam mais felizes do que os pobres, ou de que as pessoas sejam mais bem-sucedidas a medida que crescem seus lucros. Se essa demonstração estivesse provada, seria um paradoxo o caso dos Estados Unidos, um dos países com maior renda por habitante, mas, ao mesmo tempo, com maior número relativo de doentes mentais, e onde a maior proporção de suicídio está relacionada à ânsia frustrada de obter sucessos econômicos em uma sociedade já rica. Ambas as classes de dados – desassossego mental e suicídio motivado pelo aspecto econômico – também não podem nos levar a afirmação contrária de que na riqueza está a origem da desgraça.

Inclusive se este último fosse certo, isso não poderia servir de argumento definitivo contra o desenvolvimento econômico, já que a felicidade não é o único fim da vida.

Em (9), a oração subordinada veicula Presente do Indicativo em *congela* e na oração principal em *corta*. Em (10), por sua vez, observamos a presença do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo em *fuera* e do Condicional Simples em *podría*.

Esse resultado revela que, em nossos dados, as orações prefaciadas por *incluso si* tendem a veicular indicativo quando apresentam uma informação semifactual, ou seja, que

¹² Também chamada de aneto, é uma planta herbácea, aromática, da família das Umbelíferas [...], tem caule ramoso e pequenas flores amarelas (INFOPÉDIA, 2018).

tem possibilidade ou não de acontecer. Por outro lado, constatamos que as orações tendem a apresentar verbos no subjuntivo quando exibem uma informação contrafactual, como apresenta a oração em (10), em que se sabe que não aconteceu ou que não há possibilidade de acontecer.

Especificamente com relação aos tempos verbais, nota-se que o Presente é o mais recorrente tanto na oração prefaciada por *incluso si* quanto na oração principal, conforme apresenta (11) a seguir:

- (11) Lorenzo Sanz está preparado. Considera un trauma que el Real Madrid lleve catorce años sin ganar en el Camp Nou en partido de Liga y está convencido de que la de mañana va a ser la buena. Apuesta por el 0-1, pero no le obsesiona el resultado. "Si perdemos y ganamos la Liga no pasará nada. ***Incluso si hay que perder para ganar la Liga, perdemos***" (1997, 33, Deportes)

Lorenzo Sanz está preparado. Considera um trauma que o Real Madrid esteja a quatorze anos sem ganhar o Camp Nou em jogo de Liga e está convencido de que o de amanhã vai ser muito bom. Aposto pelo 0 a 1, mas o resultado não o obsesiona. "Se perdermos e ganharmos a Liga, não tem problema. ***Inclusive se tem que perder para ganhar a Liga, perdemos***¹³.

Além do Presente, construções com Condicional Simples apresentam certa recorrência (27,7%). O Condicional Simples é caracterizado pela NGRAE (2009) como um tempo verbal que expressa ações não acabadas, podendo apresentar, também, fatos hipotéticos.

O Condicional Simples pode ser observado em (10) dado anteriormente em que a oração ***Incluso si esto último fuera cierto*** veicula uma proposição hipotética (podia ou não ser certo) e a oração principal *ello no podría servir de argumento definitivo en contra del desarrollo económico* veicula uma proposição real, verdadeira, pois independente de ser ou não verdadeiro que a riqueza é a origem da desgraça, isso não constitui argumento contra o desenvolvimento econômico.

Por fim, concluímos que o uso do indicativo nas orações envolvidas veicula informações semifactuais, enquanto o uso do subjuntivo exhibe informações contrafactuals. Esse resultado ajuda-nos a caracterizar as construções estabelecidas entre Conteúdos Proposicionais como função semântica condição, uma vez que, no espanhol, estruturas concessivas prefaciadas por *si*, tal como propõe Montolío (1999), tendem a veicular correlações modo-temporais semelhantes às encontradas nesta análise.

¹³ Como, em português, há duas possibilidades de tradução para o presente do indicativo prefaciado por uma conjunção *si* condicional do espanhol (tem/tiver), optamos pela tradução pelo presente do indicativo para preservar a relação com o espanhol, que permite apenas o presente do indicativo nesse caso.

4.1.2 Factuality e Pressuposição

No que concerne ao critério da Factuality, observamos que as orações prefaciadas por *incluso si* que se estabelecem entre Conteúdos Proposicionais apresentam orações factuais, semifactuais e contrafactuais, com uma tendência à semifactuality (53,62%), enquanto a oração principal apresenta tendência (98,2%) à factuality. É o que mostra a Tabela (2) abaixo.

Tabela 2 - Factuality das orações na camada do Conteúdo Proposicional

Conteúdo Proposicional	Factual	Semifactual	Contrafactual
Oração Subordinada	5,7% (4/54)	53,62% (37/54)	18,84% (13/54)
Oração Principal	98,2% (53/54)	1,8% (1/54)	-

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 144) afirmam que os Conteúdos Proposicionais podem ser avaliados em termos de sua verdade devido à natureza mental, ou seja, são factuais os Conteúdos Proposicionais que revelam conhecimentos ou crenças assumidos como verdadeiros em relação ao mundo em que vivemos; e não-factuais os que expressam esperanças ou desejos em relação a um mundo imaginário. Vejamos a ocorrência em (12):

(12)A: ¿Si el PP convocara elecciones a corto plazo, el PSOE está preparado para darle respuesta?

B: **Incluso si** las convoca ya, no nos van a pillar desprevenidos (9, 1997, Política)

A: Se o PP convocasse eleições a curto prazo, o PSOE estaria¹⁴ preparado para dar a resposta a ele?

B: **Inclusive se** as convocasse¹⁵ já, não vão nos pegar desprevenidos

Como é perceptível em (12), a construção subordinada *Incluso si las convoca ya* traz uma proposição incerta, já que o constructo mental aberto (convocar eleições) pode ou não ser avaliado como verdadeiro que, em qualquer uma das hipóteses, o partido não seria pego de surpresa.

Constatamos em nossas análises, portanto, que há uma tendência de as orações introduzidas por *incluso si* serem semifactuais, como tradicionalmente ocorre com as orações

¹⁴ “Está” se fizemos uma tradução literal

¹⁵ “Convoca” se fizemos uma tradução literal

condicionais em geral – em que a oração subordinada veicula uma hipótese que se pode ou não realizar – e que há uma tendência de a oração principal ser avaliada como factual, pois veicula uma proposição assumida pelo Falante como verdadeira, conforme apresenta (13) a seguir:

- (13) Donde menos debe escatimar es en la memoria RAM del ordenador. Muchos modelos de gama baja están configurados con 8 Mb, lo que supone el mínimo teórico para operar con Windows 95. Para un equipo portátil, 16 Mb es el mínimo real, si realmente desea funcionar de forma suficientemente holgada. ***Incluso si su forma de trabajar no requiere abrir al mismo tiempo varias aplicaciones, esta cantidad es la recomendable*** (1997, 16, Informática)

Onde menos se deve economizar é na memória RAM do computador. Muitos modelos de gama baixa estão configurados com 8 Mb, o que supõe o mínimo teórico para operar Windows 95. Para uma equipamento portátil, 16 Mb é o mínimo real, se realmente desejar funcionar de forma suficientemente folgada. ***Inclusive se sua forma de trabalhar não requerer abrir ao mesmo tempo vários aplicativos, essa quantidade é a recomendável.***

Nota-se em (13) que a oração prefaciada por *incluso si* veicula uma informação factual, pois *no requiere abrir al mismo tiempo varias aplicaciones* consiste em uma proposição de realização verdadeira. É possível observar também que a oração principal *esta cantidad es la recomendable* também transmite uma proposição verdadeira, afirmando que 16Mb é a quantidade recomendável de memória para o computador.

Outro tipo de factualidade encontrado em nossos dados é a contrafactualidade. Nas orações desse tipo, percebe-se que a oração prefaciada por *incluso si* apresenta uma proposição avaliada como não-verdadeira ou, em outros termos, falsa. Isso quer dizer que não há possibilidade de que a proposição já tenha sido realizada, esteja sendo realizada ou se realize no futuro, conforme apresenta (14) a seguir.

- (14) Existe un acuerdo entre todos los grupos políticos municipales y la Xunta para llevar a cabo el auditorio en Casa Mar. Es un proyecto consensuado entre todos y me sorprende que ahora pongan pegás, cuando tuvieron ocasión de decirlo en su momento", dijo Cuiña, que añadió: "No voy a consentir que ese proyecto se pare. ***Incluso si el ayuntamiento quisiese hablar de un cambio de ubicación, yo no lo consentiría***, y mi departamento es el está poniendo el dinero para esta iniciativa" (2001, 28, Urbanismo)

Existe um acordo entre todos os grupos políticos municipais e a Prefeitura para levar adiante o auditório na Casa Mar. É um projeto consentido entre todos e me surpreende que agora coloquem problemas, quando tiveram oportunidade de dizê-lo em seu momento, disse Cuiña, que acrescentou: “Não vou consentir que esse projeto pare. **Inclusive se a prefeitura quisesse falar de uma mudança de lugar, eu não consentiria**, e meu departamento é o que está colocando o dinheiro para esta iniciativa.

Em (14), mesmo que a prefeitura quisesse falar sobre uma mudança, fato que não aconteceu e não tem possibilidade de acontecer no futuro, o consentimento não seria dado. Isso quer dizer que mesmo que a proposição presente na oração subordinada se realize, nem assim, a proposição subordinada seria diferente, por isso trata-se de um Conteúdo Proposicional contrafactual.

Para Montolío (1999) as orações condicionais hipotéticas são aquelas cuja oração subordinada tem orientação temporal para o futuro, ou seja, as orações que se referem a experiências passadas não podem ser hipotéticas, pois, na verdade, veiculam uma possibilidade que já não se cumpriu no passado e que, portanto, está definitivamente resolvida. Para a autora, trata-se de uma hipótese solucionada, de uma asserção, como de fato se observa em (14), em que *incluso si el ayuntamiento quisiese hablar de un cambio de ubicación* apresenta uma hipótese já resolvida, uma vez que não é possível que a proposição se realize algum dia.

É importante destacar que a factualidade está intimamente ligada ao critério dos tempos e modos verbais, já que codificam, no Nível Morfossintático, processos que ocorrem nos Níveis mais altos. Conforme menciona Montolío (1999), referências temporais passadas tendem a ser contrafactuais, enquanto referências temporais voltadas ao futuro tendem a ser factuais.

Quanto ao critério da pressuposição, assumimos como informação nova (não pressuposta) ou dada (pressuposta) associadas à questão da factualidade, ou seja, são pressupostas as orações que veiculam uma informação que o locutor considera conhecida como factual ou não-factual pelo interlocutor, como apresenta a ocorrência em (15), repetida aqui por conveniência. Em contrapartida, define-se como oração não pressuposta aquela cujo Falante considera que a factualidade é desconhecida do seu Ouvinte, conforme (16).

- (15) No existe una demostración indiscutible de que los ricos sean más felices que los pobres, o de que las personas sean más venturosas a medida que crecen sus ingresos. Si esa demostración estuviese realizada, sería una paradoja el caso de los Estados Unidos, uno de los países con mayor renta por habitante, pero, al propio tiempo, el de mayor número relativo de enfermos mentales, y donde la

mayor proporción de suicidios está relacionada con el afán frustrado de obtener éxitos económicos en una sociedad ya rica. Ambas clases de datos -desasosiego mental y suicidios motivados por lo económico- tampoco pueden llevarnos a la afirmación contraria de que en la riqueza está el origen de la desgracia.

Incluso si esto último fuera cierto, ello no podría servir de argumento definitivo en contra del desarrollo económico, puesto que la felicidad no es el único fin de la vida (1992, 52, Economía y Hacienda)

Não existe uma demonstração indiscutível de que os ricos sejam mais felizes do que os pobres, ou de que as pessoas sejam mais bem-sucedidas a medida que crescem seus lucros. Se essa demonstração estivesse provada, seria um paradoxo o caso dos Estados Unidos, um dos países com maior renda por habitante, mas, ao mesmo tempo, com maior número relativo de doentes mentais, e onde a maior proporção de suicídio está relacionada à ânsia frustrada de obter sucessos econômicos em uma sociedade já rica. Ambas as classes de dados – desasosiego mental e suicídio motivado pelo aspecto econômico – também não podem nos levar a afirmação contrária de que na riqueza está a origem da desgraça.

Inclusive se este último fosse certo, isso não poderia servir de argumento definitivo contra o desenvolvimento econômico, já que a felicidade não é o único fim da vida.

- (16) El empleo estable y bien pagado, que se consolidó poco a poco en Europa de la segunda posguerra mundial, está comenzando a ser un arcano de la historia; aumenta el número de parados de larga duración y, sobre todo, se disipan las esperanzas de que nuestros hijos, para los que quisiéramos una vida mejor que la propia, tengan trabajos como los que han existido. **Incluso si** no hay recesión económica: crecen la inestabilidad, la temporalidad y los contratos parciales, y el trabajo pierde la centralidad que tuvo. La hipótesis de una generación perdida para el empleo se convierte tal vez en una certeza (1995, 53, Economía y Hacienda)

O emprego estável e bem pago, que se consolidou pouco a pouco na Europa da segunda pós-guerra mundial, está começando a ser um segredo da história, aumenta o número de desempregados de longa duração e, sobretudo, dissipam-se as esperanças de que nossos filhos, para os que quiséssemos uma vida melhor que a própria, tenham trabalhos como os que existiram. **Inclusive se** não há recessão econômica: crescem a instabilidade, a temporalidade e os contratos parciais, e o trabalho perde a centralidade que teve. A hipótese de uma geração perdida para o emprego converte-se talvez em uma certeza.

Em (15) percebe-se que *Incluso si esto último fuera cierto* veicula uma informação dada no contexto anteriormente, portanto essa informação é conhecida e compartilhada pelos interlocutores. Nota-se, inclusive, o uso do pronome *esto* fazendo uma referência a um conteúdo já mencionado no discurso *la riqueza está el origen de la desgracia*, o que significa que a oração prefaciada por *incluso si* apresenta um conteúdo pressuposto. Pode-se perceber

ainda que a informação presente na oração subordinada é contrafactual, o que significa que seu conteúdo é apresentado como não verdadeiro.

Em (16), por sua vez, a informação contida na oração subordinada é não pressuposta, pois nenhuma referência ao fato da possibilidade de não haver recessão econômica foi feita anteriormente no texto. Percebe-se, portanto, que se trata de uma informação nova no texto, cuja factualidade não é pressuposta.

Hengeveld (1998, p.353) caracteriza as orações concessivas como tipicamente factuais – exprimem fatos reais ou proposições verdadeiras – e pressupostas, enquanto as orações condicionais são vistas como construções tipicamente não factuais, podendo ser pressupostas – nesse caso uma condição semifactual – ou não pressupostas – nesse caso uma condição contrafactual¹⁶.

O resultado geral do critério pressuposição pode ser observado na Tabela (3) a seguir:

Tabela 3 - Pressuposição das orações na camada do Conteúdo Proposicional

Pressuposição da oração subordinada	Resultado geral
Pressuposta	40,75% (22/54)
Não pressuposta	59,25% (32/54)

Na Tabela (4) a seguir, que relaciona factualidade e pressuposição, podemos verificar que as orações factuais e semifactuais da camada do Conteúdo Proposicional tendem a ser não pressupostas, ou seja, apresentam informações desconhecidas pelos participantes da comunicação. Esse resultado tem base no caráter hipotético das orações semifactuais, pois, como já mencionamos anteriormente (cf.11), não é possível prever se tais hipóteses irão ou não se concretizar.

¹⁶ Muitos autores, tais como Neves (1999) para o português, afirmam que as orações condicionais tendem a ser pressupostas. No entanto, este trabalho baseia-se nos postulados de Hengeveld (1998), que, do ponto de vista translinguístico, afirma que as orações condicionais apresentam tendência a introduzir informações não pressupostas.

Tabela 4 - Pressuposição e Factualidade na camada do Conteúdo Proposicional

Pressuposição na camada do Conteúdo Proposicional	Factualidade da oração subordinada		
	Factual	Semifactual	Contrafactual
Pressuposta	1,8% (1/54)	14,8% (8/54)	20,4% (11/54)
Não pressuposta	3,7% (2/54)	59,3% (32/54)	-

Verificamos também que as orações contrafactuais tendem a apresentar conteúdo pressuposto (20,4%), cuja factuality é conhecida (cf.15). Esse resultado justifica-se pelo fato de as orações contrafactuais veicularem um conteúdo que não é verdadeiro e que não tem possibilidades de ser.

Conforme observamos nesta seção, nossas análises ratificam a afirmação de Hengeveld (1998) de que as orações condicionais contrafactuais tendem a ser pressupostas enquanto as orações semifactuais tendem a ser não pressupostas, como resume a Tabela (4). Na seção seguinte, apresentaremos os resultados advindos do critério da posição.

4.1.3 Posição

Com relação à posição das orações prefaciadas por *incluso si*, apresentamos a Tabela (5)

Tabela 5 - Posição da oração prefaciada por *incluso si* na camada do Conteúdo Proposicional

Posição da oração subordinada	Resultado geral
Anteposta	100% (54/54)
Posposta	0% (0/54)

Segundo Montolí (1999), é característico das orações condicionais do espanhol antecederem a sua oração principal, em outras palavras, a anteposição da oração com *si* constitui o esquema habitual não-marcado das orações condicionais do espanhol. Segundo a autora, essa posição é típica dessas construções porque a função da oração subordinada é criar um Conteúdo Proposicional, um Ato Discursivo ou um Estado-de-Coisas a partir do qual interpretar a informação que segue.

Nossas análises revelam que 100% das orações estabelecidas na camada do Conteúdo Proposicional são antepostas à oração matriz. Esse resultado é significativo para as construções estabelecidas nessa camada de atuação, pois, conforme já explicitamos anteriormente, essas orações desempenham *função semântica condição*, ou seja, o Falante apresenta ao Ouvinte a condição para que o que está contido na oração principal (que vem logo depois) ocorra, conforme mostra a ocorrência em (17).

(17) Por primera vez supuse que aquel tipejo vulgar tenía algo que ver conmigo. Estuve tentado de cambiarme de vagón, de despistarle en alguna estación del trayecto aunque sólo fuera por saber si efectivamente me andaba siguiendo. Lo deseché. **Incluso si lo que yo estaba haciendo podía ser peligroso, el hombre no parecía precisamente un asesino.** Medí mentalmente las fuerzas de ambos y comprendí que él tenía más que perder si me agredía (1986, 75, Novelas)

Pela primeira vez supus que aquele tipinho vulgar tinha algo a ver comigo. Estive tentando mudar de vagão, despistá-lo em alguma estação do trajeto embora só fosse para saber se efetivamente estava me seguindo. Descartei. **Inclusive se o que eu estava fazendo podia ser perigoso, o homem não parecia precisamente um assassino.** Medi mentalmente as forças de ambos e compreendi que ele tinha mais a perder se me agredia.

Pezatti e Camacho (2016, p. 161) afirmam que a ordenação é um dos meios de codificar relações e funções que variam de acordo com os objetivos comunicativos de um interlocutor. Assim, a posição na GDF é o resultado do processo de codificação morfossintático cuja tarefa é pegar as informações pragmáticas e semânticas advindas dos níveis Interpessoal e Representacional e codificá-las em uma única representação estrutural. Como observamos, no processo de codificação morfossintático, a função semântica condição tende a estar anteposta à oração principal. Assim, tal padrão relacionado à posição das orações introduzidas por *incluso si* justifica-se por ser uma propriedade dessas orações localizadas na camada do Conteúdo Proposicional.

Nesse caso, dentre os processos morfossintáticos possíveis (ver Capítulo 1), observamos o processo da *subordinação* na camada da Oração (CI), pois a relação observada é a Núcleo-Modificador.

Em resumo, nesta seção, apresentamos os resultados advindos das orações prefaciadas por *incluso si* que se estabelecem na camada do Conteúdo Proposicional. Conforme observamos, essas estruturas desempenham *função semântica condição*, tendem a ser não pressupostas e semifactuais, além de veicularem um esquema modo-temporal com Presente do Indicativo tanto na oração subordinada quanto na oração principal. Na seção seguinte

apresentaremos os resultados advindos do segundo tipo de oração prefaciada por *incluso si* encontrado, que apresenta natureza pragmática.

4.2 As orações de natureza pragmática

Observemos as ocorrências (18) e (19)

(18)[...] el gran amor tal vez sincero y seguramente frustrado de un joven guaperas de origen modesto por una de las más ricas jóvenes de la región, que finalmente prefirió un emigrante, hombre honrado sin duda, pero de condición todavía más humilde que la suya.

En el contexto de "ricos y pobres" de una pequeña ciudad provinciana cuya industria más famosa es la de la fabricación de imágenes religiosas, estas cosas, marcan. ***Incluso si sólo son, a la larga, casualidades*** (21, 1994, Actualidad)

O grande amor talvez sincero e certamente frustrado de um jovem bonito de origem modesta por uma das jovens mais ricas da região, que por fim preferiu um imigrante, homem honrado sem dúvida, mas de condição ainda mais humilde que a sua.

No contexto de “ricos e pobres” de uma pequena cidade provinciana cuja indústria mais famosa é a de fabricação de imagens religiosas, essas coisas marcam. ***Mesmo se são somente, amplamente, casualidades***

(19) Mira - le dijo Onofre al gigante de Calella -, esto es lo que vamos a hacer: tú me ayudas a vender los crecepelos y por cada día de trabajo yo te doy una peseta, tanto si gano mucho como si gano poco. ***Incluso si no gano nada***. Y de lo que hagamos en el futuro, ya hablaremos cuando se presente la ocasión. ¿De acuerdo? (1986, 80, Novela)

Olha – disse Onofre ao gigante de Calella – isso é o que vamos fazer: você me ajuda a vender os crecepelos¹⁷ e por cada dia de trabalho eu te dou 1 peseta¹⁸, tanto se eu ganhar muito, como se ganhar pouco. ***Mesmo se eu não ganhar nada***. E sobre o que fizermos no futuro, falaremos quando a ocasião se apresentar. Certo?

Na ocorrência em (18), percebe-se que a oração *incluso si solo son, a la larga, casualidades* acrescenta uma informação ao que foi dito anteriormente. Já na ocorrência em (19), é perceptível que *incluso si no gano nada* é uma oração que faz referência a toda porção de enunciado anterior. Ambas as ocorrências apresentam relações com o propósito comunicativo, mas são de tipos diferentes, pois, no primeiro caso, a oração prefaciada por

¹⁷ Produto que se utiliza para evitar a calvície (Dicionário María Moliner, 2001)

¹⁸ Moeda oficial da Espanha entre 1869 e 2002

incluso si se refere a outra oração, enquanto no segundo, a toda a porção textual anterior, conforme apresentaremos nas seções seguintes.

4.2.1 Orações de natureza pragmática: relações entre duas orações

O segundo tipo de oração prefaciada por *incluso si* detectado em nossos dados pode ser observado em (20) a seguir:

(20)[...] marcaría el número. Esperaría a oír su voz. *Estoy seguro de que su voz la reconocería inmediatamente. **Incluso si** se ha vuelto borracha y fumadora.* Aun así la reconocería (1995, 79, Novela)

[...] marcaria o número. Esperaria ouvir sua voz. Tenho certeza de que sua voz reconheceria imediatamente. **Mesmo se** se tornou alcoólatra e fumante. Ainda assim a reconheceria.

Percebe-se que a oração *incluso si se ha vuelto borracha y fumadora* acrescenta uma informação nova ao que foi dito anteriormente; trata-se de uma ressalva feita pelo escrevente a fim de justificar/explicar a oração principal anterior *Estoy seguro de que su voz la reconocería inmediatamente*, o que coincide com o que Chafe (1984) denomina *aftherthough* que consiste em um “adendo” em que o Falante adiciona um comentário ao que foi dito anteriormente. Na Gramática Discursivo-Funcional, a relação apresentada por essas orações é estabelecida entre dois Atos Discursivos.

Os Atos Discursivos, segunda camada mais alta do Nível Interpessoal, segundo Keizer (2015), são destinados a incentivar o falante a continuar a interação. Numa relação desse tipo, o que está em jogo na comunicação é a intenção do falante/escrevente e, a partir dessa intenção, ele vale-se de estratégias comunicativas para chegar ao seu propósito na interação. Na GDF, essas estratégias são chamadas de *função retórica*.

Conforme já apresentamos no Capítulo 1, a retórica se relaciona aos modos como os componentes do discurso são ordenados a fim de realizar a estratégia comunicativa do falante e também às propriedades formais dos enunciados que influenciam o Ouvinte a aceitar tais propósitos. A função retórica reflete, portanto, as ações de organização do discurso.

Destacamos que a dependência discursiva entre orações se estabelece entre os Atos Discursivos aos quais o falante dá um *status* comunicativo desigual. Mostra-se essa dependência discursiva por meio da presença das funções retóricas nos Atos Discursivos

Subsidiários, cujos papéis, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), podem ser, dentre outros, o de Concessão.

Oliveira e Hirata-Vale (2016, p. 194), por sua vez, afirmam que as condicionais têm um papel importante na interação porque especificam uma condição para a ocorrência do outro Ato. Para as autoras, as orações condicionais podem desempenhar, na camada do Ato Discursivo, funções retóricas de condição (KEIZER, 2015) ou de correção, conforme já expusemos no Capítulo 1.

Embora as orações condicionais possam desempenhar função retórica condição, constatamos em nossas análises que as orações prefaciadas por *incluso si* estabelecidas entre Atos Discursivos não desempenham essa função retórica, mas sim um outro tipo de *função retórica*, o de *Concessão*. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 55), a função retórica Concessão corresponde a uma estratégia do falante para chegar a determinado propósito comunicativo, seja o de fazer uma ressalva ou propor uma explicação, justificativa para o Ato Subsidiário enunciado anteriormente, a fim de *conceder* algo, conforme podemos observar em (21):

(21) En Fina hay algo de cazadora, de animal de presa, puedes asegurarlo, aunque yo pienso que lo que le pasa, lo de veras preocupante en ella, es que se lanzó muy niña al arroyo. La calle no es fácil. Sí, no es necesario que pongas esa cara. Tiene un niño. Es normal, ¿no? La gente sólo opina si nos ocurre a personas como nosotras. *Pero joder y tener un hijo es normal, ¿verdad? Incluso si tomas precauciones...* Por eso todo es una mierda, amigo mío. Ocurre, es voluntad de Dios (1991, 77, Novela)

Na Fina há algo de caçador, de animal de presa, pode assegurar, embora eu pense que o que passa, o que de verdade é preocupante nela é que se lançou muito nova ao ambiente de marginalização. A rua não é fácil. Sim, não é necessário que faça essa cara. Tem um filho. É normal, não? A gente só opina se acontece com pessoas como a gente. *Mas transar e ter um filho é normal, não é? Mesmo se você tomar precaução...* por isso tudo é uma merda, meu amigo. Acontece, é vontade de Deus.

Em (21), observamos que o Ato Subsidiário *Incluso si tomas precauciones* veicula um matiz hipotético (pode-se ou não tomar precauções) e antecipa possíveis objeções do Ouvinte. A oração prefaciada por *incluso si* adiciona uma informação nova e não esperada ao Ato Discursivo subsidiário *joder y tener un hijo es normal* com matiz de ressalva, pois insere uma observação ao que foi dito antes, ou seja, o Falante *concede* um fato ao Ouvinte, algo que poderia ser usado por seu interlocutor como objeções.

Um falante/escrivente pode ter muitas intenções ao fazer uma ressalva. De modo geral, essa característica se relaciona com a questão de preservação de face, isto é, o locutor antecipa uma possível conclusão do interlocutor e insere o Ato Discursivo que contém a função retórica para justificar o Ato enunciado anteriormente que pode levar o interlocutor a essa conclusão não desejada. Assim, em outras palavras, podemos dizer que a ressalva é uma estratégia utilizada por um falante/escrivente que busca evitar interpretações equivocadas e possíveis objeções por parte do interlocutor. Essa estratégia é tratada na GDF como típica da *função retórica Concessão* estabelecida entre Atos Discursivos, conforme é possível notar no exemplo (22), repetido aqui por conveniência.

(22) The work was fairly easy, *although it took me longer* (HENGEVELD E MAKENZIE, 2008, p. 54).

O trabalho foi razoavelmente fácil, *embora tenha demorado mais do que o esperado*

Concluimos, assim, levando em consideração os aspectos mencionados, que nos casos de orações prefaciadas por *incluso si* pertencentes à camada do Ato Discursivo, essas orações apresentam *função retórica Concessão*, conforme mostra a representação em (22').

(22') [(A_I: - joder y tener un hijo es normal – (A_I)) (A_J: - tomas precauciones – (A_J))_{Conc}]

Na representação, os Atos Discursivos são dispostos na ordem em que eles se realizam. Por essa razão, em (22'), o Ato Nuclear é representado em (A_I), enquanto o Ato Subsidiário é representado em (A_J). A função retórica de concessão recai sobre o Ato Subsidiário, que expressa uma ressalva à enunciação do Ato Nuclear.

Para avaliar a natureza dos Atos Discursivos que desempenham função retórica Concessão, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 55), admitem a possibilidade de inserir *yo admito/admita que*¹⁹ no Ato Subsidiário, conforme (22''). Uma vez que essa inserção é possível e não altera o sentido da construção, o que confirma a relação de concessão entre Atos Discursivos.

(22'') Pero joder y tener un hijo **es** normal, ¿verdad? **Incluso si** yo admito que tomas precauciones

¹⁹ I conceded that (inglês).

Outro fato que comprova que as orações de Ato Discursivo correspondem a funções retóricas concessão e não condição é que, diferentemente das orações estabelecidas entre Conteúdos Proposicionais – já descritas em (4.1) –, ao retirar o a partícula *incluso*, a oração não é mais aceitável do ponto de vista do sentido, conforme (23), repetido aqui por conveniência.

(23)[...] el gran amor tal vez sincero y seguramente frustrado de un joven guaperas de origen modesto por una de las más ricas jóvenes de la región, que finalmente prefirió un emigrante, hombre honrado sin duda, pero de condición todavía más humilde que la suya.

En el contexto de "ricos y pobres" de una pequeña ciudad provinciana cuya industria más famosa es la de la fabricación de imágenes religiosas, estas cosas, marcan. **Incluso si** sólo son, a la larga, casualidades (21, 1994, Actualidad)

O grande amor talvez sincero e certamente frustrado de um jovem bonitão de origem modesta por uma das jovens mais ricas da região, que por fim preferiu um imigrante, homem honrado sem dúvida, mas de condição ainda mais humilde que a sua.

No contexto de “ricos e pobres” de uma pequena cidade provinciana cuja indústria mais famosa é a de fabricação de imagens religiosas, essas coisas marcam. *Mesmo se são somente, amplamente, casualidades*

(23') [...] estas cosas, marcan. *Si sólo son, a la larga, casualidades*

Em (23'), percebe-se que *si sólo son, a la larga, casualidades*, sem a partícula *incluso*, do ponto de vista da interação, no contexto em que se encontra a ocorrência, em que o Falante deseja acrescentar uma informação a fim de guiar seu Ouvinte, não é aceitável, o que se explica porque *incluso* introduz uma informação que é comunicativamente relevante²⁰. Para Rodriguez Rosique (2012, p. 107), nesse caso, *incluso* interage com algum elemento do Ato, em termos discursivo-funcionais, escopa o Conteúdo Comunicado do Ato Discursivo.

As construções desse tipo assemelham-se às que a autora classifica como *concessivo-condicional* com sentido contrastivo, apresentadas na seção (2.1) em que é evidente o sentido concessivo, o que permite que *incluso+si* seja substituído por *aunque+subjuntivo* (embora+subjuntivo), conforme mostra a paráfrase (23''), em que se observa a conjunção *aunque* acompanhada do verbo ser no subjuntivo (*sean*):

(23'') estas cosas, marcan. **Aunque sólo sean**, a la larga, casualidades...

²⁰ Tendo em vista a necessidade obrigatória da partícula *incluso* nesse contexto, utilizaremos o sinal de “+” daqui em diante para sinalizar que não se trata de uma partícula isolada, mas sim de um bloco integrado.

Em (23) ainda, percebe-se que a oração *incluso si solo son, a la largas, casualidades* é dependente da oração *estas cosas marcan*, enquanto esta última pode ser usada de forma independente. Isso significa que uma das duas orações, nos termos tradicionais, é “subordinada” à outra, sendo parte constituinte da oração independente. Na perspectiva da GDF, essa relação, no Nível Morfossintático, é denominada *cossubordinação*, processo em que uma oração é parte constituinte da oração independente. Assim, *estas cosas marcan* pode ocorrer de forma independente e a oração ***Incluso si sólo son, a la larga, casualidades*** não pode, pois depende da primeira.

Nas próximas seções apresentamos as análises advindas dos critérios tempo e modo das e factualidade das orações envolvidas (4.2.2.1); pressuposição (4.2.2.2) e posição (4.2.2.3).

4.2.1.1 Tempos e modos e Factualidade das orações envolvidas

No que concerne à relação modo-temporal das orações estabelecidas entre Atos Discursivos apresentamos a Tabela (6) a seguir.

Tabela 6 - Relação modo-temporal na camada do Ato Discursivo

Ato Discursivo		
	Ato Subsidiário	Ato Principal
Presente do Indicativo	75 % (8/11)	75 % (8/11)
Pretérito Imperfeito Subjuntivo	16,7 % (2/11)	-
Pretérito Perfeito do Indicativo	8,3 % (1/11)	-
Futuro Simples	-	8,3 % (1/11)
Condicional Simples	-	8,3 % (1/11)
Imperativo	-	8,3%(1/11)

Observamos que a correlação modo-temporal prototípica é a que veicula Presente do Indicativo no Ato Nuclear e Subsidiário. Conforme já mencionado neste trabalho, a oração prefaciada por *si* mais frequente tende a veicular essa correlação modo-temporal, o que se verifica nas construções estabelecidas em todas as camadas aqui propostas.

No que se refere à Factualidade das orações entre Atos, a Tabela (7) apresenta os resultados.

Tabela 7 - Factualidade na camada do Ato Discursivo

Ato Discursivo	Factual	Semifactual	Contrafactual
Ato Subsidiário	16,66% (2/11)	66,66% (7/11)	16,66% (2/11)
Ato Principal	83,33% (9/11)	16,66% (2/11)	-

Nota-se que 66,66% das ocorrências nessa camada, apresentam o Ato Subsidiário semifactual, em outras palavras, trata-se de Atos semi-assertivos, nos quais o falante se compromete em parte com a verdade da informação expressa, como exemplifica a ocorrência (24). Como já mencionamos, a semifactualidade associa-se ao presente do indicativo nos casos de orações prefaciadas por *si*. Em espanhol, portanto, há certa relação entre os resultados obtidos para os dois critérios (cf.24).

Destacamos também que o Ato Nuclear tende a apresentar informações factuais na maioria das vezes e semifactuais em alguns casos, mas nunca contrafactuais.

(24) No puedo ser vulgar, si he decidido escabullirme de la muerte, no puedo. Baltushka, habladora, es muy sencillo: te utilizo y en paz. No te lo diré así, porque es cierto que te quiero. *En las pequeñas cosas, y en las grandes, te deseo conmigo. Incluso si no mienten los espiones, incluso si estás conmigo porque no me quieres, porque me quieres destruir, porque me quieres abatir* (1986, 76, Novelas)

Não posso ser vulgar, se decidi escapar da morte, não posso. Baltushka, falante, é muito simples: te uso e em paz. Não te direi assim, porque é certeza que te amo. Nas pequenas coisas e nas grandes, te desejo comigo. **Mesmo se os espões não mentem, mesmo se está comigo porque não me ama, porque quer me destruir, porque quer me abater**

Em (24), nota-se que tanto o Ato Nuclear quanto o Ato Subsidiário veiculam Presente do Indicativo. A oração prefaciada por *incluso+si (no mienten los espiones)* traz uma informação que não é totalmente assertiva, já que há na oração um matiz de possibilidade, isto é, há chances dos espões mentirem ou não. Já no Ato Nuclear anteposto *te deseo conmigo* nota-se uma asserção, pois fica claro que a informação nesse caso é factual, uma vez que traz uma certeza enunciada pelo escrevente.

Diferentemente, em (25), observa-se que o Ato Subsidiário veicula uma informação que já se sabe que não aconteceu e que não tem possibilidades de acontecer em *resultase satisfactorio*, que veicula tempo verbal Pretérito Imperfeito do Subjuntivo. Nesse caso, portanto, a relação é de contrafactualidade. Já a oração principal veicula Condicional Simples,

além de estar inserida em uma locução interrogativa, com *status* de pergunta, exibindo, portanto, um Ato Nuclear semifactual.

- (25) Si los dos seres humanos no son capaces de hacerlo significativamente mejor, pues identifican a la computadora la mitad de las veces: esta evidencia parece inferir que ésta tenía pensamiento. **Incluso si** el experimento resultase satisfactorio, ¿se probaría con ello que la máquina puede pensar? ¿Es la capacidad de mantener una conversación todo lo que se necesita para pensar? Rotundamente no; existen otros ingredientes (1990, 50, Industria)

Se os seres humanos não são capazes de fazê-lo significativamente melhor, pois identifica o computador a metade das vezes: essa evidência parece inferir que este tinha pensamento. **Mesmo se** a experiência resultasse satisfatória, provar-se-ia com isso que a máquina pode pensar? A necessidade de manter um diálogo é tudo o que precisa para pensar? Rotundamente não; existem outros ingredientes.

Já em (26), nota-se que tanto o Ato Nuclear quanto o Ato Subsidiário veiculam uma informação factual, pois tanto *desenhou o rosto da morte* como *não seguir a tática do avestruz* são Atos que afirmam seu Conteúdo Comunicado.

- (26) Pero, responsables como somos todos de la vida de la tierra y de los que todavía no han nacido, *tenemos que mirar como personas adultas la realidad y no seguir más la táctica del avestruz*. **Incluso si** la realidad hoy tiene dibujado el rostro de la muerte, que es la Guerra Nuclear (1984, 51, Ejército – Ciencia militar)

Mas, responsáveis como somos todos da vida da terra e dos que ainda não nasceram, *temos que ver como pessoas adultas a realidade e não seguir mais a tática do avestruz*. **Mesmo se** a realidade desenhou o rosto da morte, que é a Guerra Nuclear

Em (4.2.2.2) apresentamos os resultados do critério da Pressuposição.

4.2.1.2 Pressuposição

No que diz respeito ao critério da Pressuposição, notamos que as orações prefaciadas por *incluso+si* dessa camada tendem a veicular uma informação não pressuposta (83,4%), conforme mostra a Tabela (8).

Tabela 8 - Pressuposição na camada do Ato Discursivo

Pressuposição do Ato Subsidiário	Resultado geral
Pressuposta	16,6% (2/11)
Não pressuposta	83,4% (9/11)

A Tabela 8 comprova que as orações prefaciadas por *incluso+si* tendem a ser não pressupostas, como exemplifica a ocorrência (27). Esse resultado confirma nossa hipótese inicial de que as orações prefaciadas por *incluso+si* tendem a apresentar uma informação nova no discurso, em outras palavras, uma informação que o escrevente considera que a factualidade da construção é desconhecida pelo leitor.

(27) La ribera Sur del Mediterráneo no tiene elección. *Para integrarse mejor en la economía mundial y bajo la amenaza de la marginación, debe anclarse en Europa. Incluso si ésta no ofrece una atracción comparable al de Japón para Asia o de EE.UU. para el continente americano /.../.* (1995, 1, Economía)

A ribeira sul do Mediterrâneo não tem eleição. Para se integrar melhor na economia mundial e sob ameaça de marginalização, deve fixar-se na Europa. **Mesmo se** esta não oferecer uma atração comparável ao Japão para a Ásia ou dos Estados Unidos para o continente americano

No Ato Subsidiário em (27), nota-se que a informação *no ofrecer una atracción comparable al de Japón para Asia o de EE.UU. para el continente americano* é não pressuposta, pois é apresentada como nova no discurso, a fim de adicionar uma informação não conhecida para justificar o Ato Nuclear. Já em (28), percebe-se que o Ato Subsidiário oferece uma informação concebida como dada no discurso, pois o uso do verbo *podiera* pressupõe que a informação de que a Stevia pode baixar as taxas de açúcar no sangue é conhecida.

(28) Encontraron que los voluntarios que habían tomado Stevia tenían niveles de azúcar en sangre perceptiblemente más bajos después de la ingestión de la tisana. *Esto es una indicación positiva de que la Stevia puede ser potencialmente beneficiosa para los diabéticos que utilicen Stevia como sustituto del azúcar. Incluso si la Stevia por sí misma no pudiera bajar los niveles de azúcar en sangre.* Solo el hecho de no consumir azúcar, es de importancia significativa a la hora de mantener el control (2004, 63, Medicinas alternativas)

Encontraram que os voluntários que tomaram Stevia tinham níveis de açúcar no sangue perceptivelmente mais baixos depois da ingestão da infusão. Essa é uma

indicação positiva de que a Stevia pode ser potencialmente benéfica para os diabéticos que utilizam Stevia como substituta do açúcar. Mesmo se a Stevia por ela mesma não pudesse baixar os níveis de açúcar no sangue

Em (28), percebe-se, inclusive, o uso do verbo no Pretérito Imperfeito do Subjuntivo, o que configura uma informação contrafactual, não assertiva. Portanto, a oração *no pudiera bajar los niveles de azúcar en la sangre* veicula um fato que não aconteceu no passado e não tem possibilidades de acontecer no futuro.

A seguir, apresentamos os resultados advindos do critério da Posição.

4.2.1.3 Posição

Quanto à posição das orações estabelecidas entre Atos Discursivos, esse critério é bastante importante para as orações que desempenham função retórica concessão. Primeiramente, no que diz respeito às orações condicionais, Montolío (1999, p. 3651) afirma que o característico dessas orações é a oração subordinada anteceder a oração principal, conforme já verificamos nas orações prefaciadas por *incluso+si* que desempenham função semântica condição quando estabelecidas entre Conteúdos Proposicionais (seção 4.1). Para a autora, quando a oração subordinada aparece posposta, sua função discursiva varia e apresenta mais relação com as operações discursivas que prototipicamente se pospõem, como a restrição ou a especificação. De acordo com a autora, a anteposição aparece quando o falante pode monopolizar por certo tempo o turno, enquanto a posposição, por outro lado, serve às intenções comunicativas, correspondendo a Atos mais autônomos que desempenham uma função interativa, geralmente relacionada com a atenuação cortês. A Tabela (9) apresenta os resultados advindos das análises desse critério.

Tabela 9 - Posição do Ato Discursivo Subsidiário

Posição do Ato Subsidiário subordinada	Resultado geral
Posposta	75% (8/11)
Anteposta	25% (3/11)

Nossos resultados revelam que 75% das orações na camada do Ato Discursivo são pospostas ao Ato Nuclear, desempenhando função retórica Concessão. Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 55) afirmam que as orações com função retórica concessão tendem a

estar pospostas ao Ato Discursivo Nuclear, uma vez que veiculam uma função cuja estratégia é adicionar uma informação nova a algo já dito anteriormente, conforme apresenta (29).

(29)- ¿Le gusta que le digan piropos?

- *A mí sí. Incluso si son burradas también*, aunque me sofoque. Es preferible eso a que no te digan nada (1990, 7, Literatura)

- Você gosta que te galanteiem?

- Eu gosto. Mesmo se são bobagens também, embora me sufoque. É preferível isso do que não digam nada.

Em (29), a oração *incluso si son burradas también*, funciona como uma inserção à resposta presente no Ato Discursivo anterior *a mí sí*. Essa resposta tem a finalidade de acrescentar uma informação que o locutor considera relevante para que o interlocutor compreenda a situação. Trata-se, portanto, de uma ressalva, por isso vem posposta ao Ato Nuclear. No geral, funções retóricas e pragmáticas atribuídas no Nível Interpessoal são fatores determinantes para a ordem estabelecida entre as orações. É o que ocorre no caso das orações concessivas, pois quando a oração desempenha função retórica concessão, a relação estabelecida será definida no Nível Morfossintático por meio da posposição.

Na construção em (30), nota-se que, ao contrário da grande maioria das orações estabelecidas entre Atos Discursivos, o Ato Subsidiário prefaciado por *incluso+si* aparece anteposto ao Ato Nuclear, o que se justifica porque, neste caso, percebe-se que as Ilocuções de cada Ato são diferentes, uma Assertiva e outra Imperativa.

(30)***Incluso si el tiempo atmosférico o estacional no le acompaña a su negocio***, trate de adaptarlo al mismo (2002, 49, Marketing)

Mesmo se o tempo atmosférico ou estacional não acompanha o seu negocio, trate de adaptá-lo ao mesmo.

A ocorrência (30) representa os três casos de anteposição encontrados, em que a função do Ato Subsidiário não é o de apresentar uma ressalva, mas, sim, de apresentar o motivo pelo qual o Ato que veicula uma ordem *trate de adaptarlo al mismo* foi enunciado.

4.2.2 Orações de natureza pragmática: relações entre porções textuais

O terceiro tipo de oração detectado em nossos dados, e o segundo de natureza pragmática, diz respeito a orações que não se subordinam (nos termos da gramática tradicional) a outra oração, conforme representa (31) a seguir.

(31) British Airways firmó un acuerdo en julio pasado en el que se comprometía a decidir antes de fin de año si compraba una parte del capital de Iberia. ¿Sigue en pie esa fecha?

- Sí. Estamos esperando la información que nos tienen que dar Sepi e Iberia para que evaluemos la situación. Pero nuestra intención es poder llegar a una conclusión antes de fin de año.

-¿**Incluso si** la alianza entre British y American Airlines para esa fecha aún no se ha resuelto en Bruselas?

-Incluso. Continuaremos la evaluación independientemente de cómo esté el proceso de la alianza (1997, 8, Negocios)

-British Airways assinou um acordo em julho do mês passado no qual se comprometia a decidir antes do fim do ano se comprava uma parte do capital da Iberia. Continua de pé essa data?

-Sim. Estamos esperando a informação que Sepi e Iberia tem que dar para que avaliemos a situação. Mas nossa intenção é poder chegar a uma conclusão antes do fim do ano.

-**Mesmo se** a aliança entre British y American Airlines para essa data ainda não tenha se resolvido em Bruxelas?

-Mesmo. Continuaremos a avaliação independentemente de como esteja o processo da aliança.

Observamos em (31) que a oração prefaciada por *incluso+si* tem a função de impulsionar o discurso, uma vez que provoca uma reação do interlocutor por meio de uma pergunta. Isso mostra que a oração *Incluso si la alianza entre British y American Airlines para esa fecha aún no se ha resuelto en Bruselas* corresponde a um Movimento constituído de um único Ato Discursivo, com Ilocução interrogativa.

O Movimento, conforme apresentado no Capítulo 1, é conceituado pela teoria da Gramática Discursivo-Funcional como “a maior unidade relevante para análises gramaticais” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 50). Essa camada é a mais alta do Nível Interpessoal e se caracteriza pela propriedade de abrir a possibilidade de uma reação do Ouvinte em uma interação. Isso quer dizer que os Movimentos são responsáveis por impulsionar o discurso, seja por meio de uma resposta a uma pergunta, de uma objeção a algum argumento, etc, podendo corresponder a um turno do locutor.

É interessante destacar que, de acordo com nossas análises, nos casos em que *incluso*+*si* se estabelece em uma relação entre Movimentos, a partícula *incluso* não pode ser desvinculada da conjunção *si*, ao contrário do que acontece nos casos de uma relação entre Conteúdos Proposicionais, pois a construção não é aceitável neste contexto, conforme apresenta (31')

- (31') - [...] Estamos esperando la información que nos tienen que dar Sepi e Iberia para que evaluemos la situación. Pero nuestra intención es poder llegar a una conclusión antes de fin de año.
 ¿ *si* la alianza entre British y American Airlines para esa fecha aún no se ha resuelto en Bruselas?
 Incluso. Continuaremos la evaluación independientemente de cómo esté el proceso de la alianza

Em (31'), ao retirar *incluso* da oração introduzida por *si* a pergunta do interlocutor se torna uma mera hipótese sobre a possibilidade de a aliança entre British e American Airlines não estar resolvida no final do ano e perde a noção de escalaridade aportada por *incluso*. Nesse caso, *incluso* é essencial para a interação, pois é a partícula responsável por relacionar o que foi dito anteriormente (pretendem a uma conclusão antes do final do ano) à possibilidade de haver o pior dos obstáculos naquela situação, que é não haver aliança entre as duas empresas aéreas.

É interessante observar que a resposta à pergunta do documentador inicia-se com *incluso*, que, nesse contexto, tem a função de confirmar e enfatizar a hipótese lançada pelo interlocutor de que, no final do ano, a aliança entre British e American Airlines pode não estar confirmada, mas isso não representaria um obstáculo para que chegassem a uma conclusão. Iniciar a resposta com *incluso* mostra a independência dessa partícula com relação à conjunção *si*.

Esses casos coincidem com o terceiro tipo postulado por Rodríguez Rosique (2012, p. 108), em que, para a autora, *incluso* atua como um *contra-argumentador* (nos termos da autora), pois indica “que a informação que introduz é mais informativa do que proposicional”. Argumenta a pesquisadora ainda que, nesses casos, *incluso* deixa de veicular escalaridade e passa a fazer parte do *discurso* (nos termos da autora). Para ela, o escopo de *incluso* recai sobre *si* e a relação entre oração subordinada e principal é alterada.

Os dados mostram que, na verdade, *incluso* incide sobre o Conteúdo Comunicado do Ato Discursivo que compõe o Movimento, por isso é fundamental no contexto e pode,

inclusive, apresentar funcionamento autônomo, como comprova a ocorrência (31), em que o falante retoma todo o conteúdo comunicado dito anteriormente por meio de *incluso*.

A conjunção, na GDF, assinala, no Nível Morfossintático, a hipótese (hip) lançada pelo falante, nos Níveis da formulação.

A incidência da conjunção *si* pode ser comprovada em (31a), (31b) e (31c):

- (30) a. ¿**si** la alianza entre British y American Airlines **incluso** para esa fecha aún no se ha resuelto en Bruselas?
 b. ¿**si** la alianza entre British y American Airlines para esa fecha aún no se ha resuelto en Bruselas **incluso**?
 c. ¿**si incluso** la alianza entre British y American Airlines para esa fecha aún no se ha resuelto en Bruselas?

Observamos que tanto em (31a), quanto em (31b) e (31c), as posições de *incluso* não devolvem o sentido original da construção, o de confirmar e enfatizar a hipótese a fim de provocar uma reação, que neste caso corresponde à resposta a uma pergunta. Nota-se, portanto, que nos casos de *incluso+si* estabelecidos entre Movimentos *incluso* precisa acompanhar, necessariamente, a conjunção *si*.

Pode-se perceber que *incluso* tem a função escalar e enfática, que, juntamente com a conjunção *si*, adiciona uma hipótese contrastiva para o interlocutor, a pior de uma escala de possibilidades, conforme demonstra (32):

- (32) También estuvo presente la hija de Franco. Fue entonces cuando se reconoció, por primera vez, que el jefe del Estado padecía Parkinson por esclerosis vascular. Al día siguiente, 1 de agosto, el doctor Pozuelo le preguntó si deseaba saber la verdad de lo que tenía. Franco le respondió:
 -Cualquier problema que se presente, sea cual fuere su gravedad, dígamelo a mí. Y si yo no estoy en condiciones, a mi hija.
 - ¿**Incluso si** se trata de avisar de riesgo de muerte? -quiso saber Pozuelo.
 - Eso es esencial (1995, 44, Historia)

Também esteve presente a filha de Franco. Foi então quando reconheceu pela primeira vez, que o chefe de Estado sofria de Parkinson por esclerose vascular. No dia seguinte, 1 de agosto, o doutor Pozuelo perguntou a ele se desejava saber a verdade do que tinha. Franco respondeu-lhe:

- Qualquer problema que se apresente, seja qual for sua gravidade, conte a mim. E se eu não estiver em condições, conte à minha filha.
 - **Mesmo se** se tratar de avisar de risco de morte? – quis saber Pozuelo.
 -Isso é essencial

No diálogo em (32), percebe-se que Franco pede que no caso de qualquer problema, independente da gravidade, ele seja diretamente avisado, mesmo se não estiver em condições. Ao perguntar *¿Incluso si se trata de avisar de riesgo de muerte?* percebe-se que há um suposto matiz de oposição, pois se espera que em casos de risco de morte, não se avise um paciente que não está em condições. No entanto, Franco pede que seja avisado mesmo nesse caso. O matiz hipotético também é veiculado na oração, uma vez que o risco de morte é algo que pode ou não acontecer, tratando-se de uma possibilidade.

Stassi-Sé (2012) afirma que orações concessivas, modais e condicionais que se estabelecem no Nível Interpessoal e iniciam Movimentos representam funções que dizem respeito a diferentes contribuições que essas estruturas podem trazer ao discurso, pois indicam o tipo de avanço na interação. A partir disso, a autora propõe a *função interacional* como um tipo de função discursiva típica dos Movimentos.

Para a autora, a função interacional Adendo ocorre entre Movimentos, representando aspectos discursivos das unidades linguísticas que se relacionem à função de adicionar informação nova no discurso, ou, em outros termos, essa função constitui um adendo a uma informação anteriormente expressa no discurso.

Embora não seja o tipo de oração mais frequente neste trabalho, podemos observar que algumas estruturas prefaciadas por *incluso+si* exercem a *função interacional Adendo*, já que introduz uma informação contrária, como podemos perceber, e hipotética ao que estava sendo dito, conforme a representação em (32')

(32') (M_I: - Cualquier problema que se presente, sea cual fuere su gravedad, dígamelo a mí. Y si yo no estoy en condiciones, a mi hija – (M_I)): (M_J: - se trata de avisar de riesgo de muerte – (M_J))^{ADENDO}

Em (32'), o Movimento Subsidiário (M_J) exerce a função interacional Adendo em relação ao Movimento Nuclear (M_I) e *incluso+si* é inserido no Nível Morfossintático para codificar a função interacional. Segundo Stassi-Sé (2012), as funções interacionais têm o objetivo de representar aspectos discursivos das unidades linguísticas e refletir uma orientação discursiva. Em resumo, trata-se de uma relação entre Movimentos que desempenham diferentes funções ao contribuir para o avanço do discurso.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 58), para avaliar a natureza dos Movimentos, pode-se fazer a inserção de modificadores como *To cut a long story short*, que poderia ser traduzido por *en resumen* ou *en pocas palabras*.

- (32'') -¿En pocas palabras, ¿**incluso si** se trata de avisar de riesgo de muerte? -
quiso saber Pozuelo.
- Eso es esencial

Por serem as maiores unidades linguísticas possíveis de análise, os Movimentos constituem porções de texto compostos por Atos Discursivos, por isso as orações introduzidas por *incluso+si* pertencentes a essa camada não têm oração principal correspondente, tratando-se, portanto, de uma *oração desgarrada* nos termos de Decat (2011). Segundo a autora, são aquelas que tradicionalmente chamam-se subordinadas, mas ocorrem sem a oração matriz, como um enunciado independente. Segundo a autora, qualquer oração de caráter adverbial pode ocorrer isoladamente como uma estratégia de focalização ou de adendo, o que significa que tendem a veicular uma informação nova.

Assim, no que se refere ao critério da posição, a oração introduzida por *incluso+si* estabelecida entre Movimentos ocorre de forma autônoma, ou seja, sem oração principal correspondente, conforme propõe Decat (2011) para as orações adverbiais em geral e Garcia (2010) para as orações concessivas no português, chamada pela autora de *independente*.

Devido a esse resultado, os critérios tempo e modo verbal da oração principal e factualidade da oração principal não podem ser aplicados nas orações pertencentes a essa camada, já que o que geralmente há, na verdade, são várias orações que compõem um único Movimento.

Nas seções seguintes, apresentamos os resultados advindos dos critérios tempo e modo, factualidade e prussuposição para as orações desta camada.

4.1.2.1 Tempos e Modos das orações envolvidas e a Factualidade

Especificamente em relação aos critérios tempo e modo da oração independente, nossos resultados revelam que essas construções podem apresentar verbos tanto no modo indicativo quando no subjuntivo. Os tempos verbais do indicativo correspondem ao Presente (cf. 33) e ao Pretérito Perfeito (cf. 34), repetidos aqui por conveniência, já com relação ao subjuntivo, ao Pretérito Imperfeito (cf. 35).

- (33) También estuvo presente la hija de Franco. Fue entonces cuando se reconoció, por primera vez, que el jefe del Estado padecía Parkinson por esclerosis vascular. Al día siguiente, 1 de agosto, el doctor Pozuelo le preguntó si deseaba saber la verdad de lo que tenía. Franco le respondió:
-Cualquier problema que se presente, sea cual fuere su gravedad, dígamelo a mí. Y si yo no estoy en condiciones, a mi hija.

- *¿Incluso si se trata de avisar de riesgo de muerte?* -quiso saber Pozuelo.
- Eso es esencial (1995, 44, Historia)

Também esteve presente a filha de Franco. Foi então quando reconheceu pela primeira vez, que o chefe de Estado sofria de Parkinson por esclerose vascular. No dia seguinte, 1 de agosto, o doutor Pozuelo perguntou a ele se desejava saber a verdade do que tinha. Franco respondeu-lhe:

- Qualquer problema que se apresente, seja qual for sua gravidade, conte a mim. E se eu não estiver em condições, conte à minha filha.
- *Mesmo se se tratar de avisar de risco de morte?* – quis saber Pozuelo.
- Isso é essencial

(34) British Airways firmó un acuerdo en julio pasado en el que se comprometía a decidir antes de fin de año si compraba una parte del capital de Iberia. ¿Sigue en pie esa fecha?

- Sí. Estamos esperando la información que nos tienen que dar Sepi e Iberia para que evaluemos la situación. Pero nuestra intención es poder llegar a una conclusión antes de fin de año.

-*¿Incluso si la alianza entre British y American Airlines para esa fecha aún no se ha resuelto en Bruselas?*

- Incluso. Continuaremos la evaluación independientemente de cómo esté el proceso de la alianza (1997, 8, Negocios)

-British Airways assinou um acordo em julho do mês passado no qual se comprometia a decidir antes do fim do ano se comprava uma parte do capital da Iberia. Continua de pé essa data?

- Sim. Estamos esperando a informação que Sepi e Iberia tem que dar para que avaliemos a situação. Mas nossa intenção é poder chegar a uma conclusão antes do fim do ano.

-*Mesmo se a aliança entre British y American Airlines para essa data ainda não tenha se resolvido em Bruxelas?*

- Mesmo. Continuaremos a avaliação independientemente de como esteja o processo da aliança.

(35) Y en un congreso en el que se había advertido como una poderosa remoción freudiana el problema de los misiles, Cebrián afirmó que, "aunque sea una vulgaridad decirlo, los cohetes nucleares de medio alcance, los organismos supranacionales y superestructurales de la política y de las armas, y la existencia del poder nuclear tal y como lo conocemos, han hecho de Europa una utopía antes que un proyecto". Y subrayó: *"Incluso si éste se presentara como un proyecto utópico"*. (1984, 13, Arte y cultura en general)

E em um congresso em que se tinha advertido com uma poderosa remoção freudiana o problema dos mísseis, Cebrián afirmou que “embora seja uma vulgaridade dizê-lo, os foguetes nucleares de médio alcance, os organismos supranacionais e superestruturais da política e das armas e a existência do poder

tal e como conhecemos, fizeram da Europa uma utopia antes que um projeto”. E sublinhou: “**Mesmo se** este se apresentasse como um projeto utópico”

Esse resultado associa-se ao critério da Factualidade, conforme apresenta a Tabela (10) a seguir.

Tabela 10 Factualidade na camada do Movimento

Tempos e Modos verbais	Factualidade		
	Factuais	Semifactuais	Contrafactuais
Presente do Indicativo	-	50% (2/4)	-
Pretérito Perfeito do Indicativo	25% (1/4)	-	-
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	-	-	25% (1/4)

É perceptível na Tabela (10) que as orações que apresentam indicativo são factuais ou semifactuais, sendo que a oração no Presente do Indicativo veicula a semifactualidade, conforme apresenta a ocorrência em (36), repetida aqui por conveniência:

(36) También estuvo presente la hija de Franco. Fue entonces cuando se reconoció, por primera vez, que el jefe del Estado padecía Parkinson por esclerosis vascular. Al día siguiente, 1 de agosto, el doctor Pozuelo le preguntó si deseaba saber la verdad de lo que tenía. Franco le respondió:

-Cualquier problema que se presente, sea cual fuere su gravedad, dígamelo a mí. Y si yo no estoy en condiciones, a mi hija.

- ¿**Incluso si** se trata de avisar de riesgo de muerte? -quiso saber Pozuelo.

- Eso es esencial (1995, 44, Historia)

Também esteve presente a filha de Franco. Foi então quando reconheceu pela primeira vez, que o chefe de Estado sofria de Parkinson por esclerose vascular. No dia seguinte, 1 de agosto, o doutor Pozuelo perguntou a ele se desejava saber a verdade do que tinha. Franco respondeu-lhe:

- Qualquer problema que se apresente, seja qual for sua gravidade, me conte. E se eu não estiver em condições, conte à minha filha.

- **Mesmo se** se tratar de avisar de risco de morte? – quis saber Pozuelo.

-Isso é essencial

Em (36), *incluso si se trata de avisar de riesgo de muerte* veicula uma dúvida (poder ou não avisar sobre o risco de morte) expressa por uma Ilocução interrogativa. Já na ocorrência anterior (35), nota-se que a oração prefaciada por *incluso+si* apresenta verbo no Pretérito Imperfeito do subjuntivo. É comum que orações com esse tempo e modo verbais

veiculem a contrafactualidade, já que, como se observa em ***Incluso si éste se presentara como un proyecto utópico***, a oração explicita um fato que não aconteceu no passado, não está acontecendo no presente e não tem possibilidades de acontecer no futuro, ou seja, trata-se de uma proposição não verdadeira. Em (37), repetida aqui por conveniência, por sua vez, observa-se que a oração apresenta Pretérito Perfeito do indicativo.

(37) British Airways firmó un acuerdo en julio pasado en el que se comprometía a decidir antes de fin de año si compraba una parte del capital de Iberia. ¿Sigue en pie esa fecha?

- Sí. Estamos esperando la información que nos tienen que dar Sepi e Iberia para que evaluemos la situación. Pero nuestra intención es poder llegar a una conclusión antes de fin de año.

-¿***Incluso si*** la alianza entre British y American Airlines para esa fecha aún no se ha resuelto en Bruselas?

-Incluso. Continuaremos la evaluación independientemente de cómo esté el proceso de la alianza (1997, 8, Negocios)

-British Airways assinou um acordo em julho do mês passado no qual se comprometia a decidir antes do fim do ano se comprava uma parte do capital da Iberia. Continua de pé essa data?

-Sim. Estamos esperando a informação que Sepi e Iberia tem que dar para que avaliemos a situação. Mas nossa intenção é poder chegar a uma conclusão antes do fim do ano.

-***Mesmo se*** a aliança entre British y American Airlines para essa data ainda não tenha se resolvido em Bruxelas?

-Mesmo. Continuaremos a avaliação independientemente de como esteja o processo da aliança.

Esse tempo e modo verbais correspondem a uma proposição realizada no passado que tem interferências ainda no presente, sendo que essa interferência é marcada pela expressão *antes de fin de año*. Embora expressa por uma Ilocução interrogativa, nesse caso, a proposição veiculada pela oração é verdadeira, isto é, factual, já que expressa uma ideia tomada como certa.

A seguir, apresentamos os resultados obtidos a partir do critério da Pressuposição.

4.1.2.2 Pressuposição

Referente ao critério da Pressuposição, apresentamos a Tabela (11):

Tabela 11 Pressuposição na camada do Movimento

Pressuposição da oração	Resultado geral
Pressuposta	0% (0/4)
Não pressuposta	100% (4/4)

De acordo com a Tabela (11), as orações prefaciadas por *incluso+si* pertencentes ao Movimento apresentam uma relação de não pressuposição em 100% dos casos. Orações não pressupostas, como já visto, são aquelas cuja informação é apresentada como nova, ou seja, o locutor pressupõe que a factualidade da oração não é conhecida ou compartilhada com o interlocutor. Segundo Decat, (2011, p.107) ao descrever orações concessivas, a autora reforça o caráter remático dessas construções, isto é, de fato elas tendem a veicular uma informação nova, o que vem ao encontro dos nossos resultados

O percurso realizado até aqui, buscou descrever os resultados obtidos a partir de nossas análises as orações prefaciadas por *incluso+si* segundo os pressupostos teóricos da GDF. Constatamos que *incluso+si* prefacia orações que podem se estabelecer tanto no Nível Interpessoal quanto no Nível Representacional, conforme apresenta a Tabela (12).

Tabela 12 Nível e camada de atuação da oração introduzida por *incluso + si*

Nível e Camada de atuação da oração	Resultado geral
Movimento (NI)	5,7% (4/69)
Ato Discursivo (NI)	16% (11/69)
Conteúdo Proposicional (NR)	78,3% (54/69)

Na seção a seguir, apresentamos os resultados advindos da análise da composicionalidade de *incluso+si*.

4.3 Composicionalidade de *incluso si*

Autores como Sánchez Lopez (1999), Mantín Zorraquino e Portelés Lázaro (1999) e NGRAE (2009), definem *incluso* como um *quantificador focal* ou ainda *marcador discursivo* que tem a finalidade de incluir, destacar ou enfatizar a expressão sobre a qual incide. Sánchez Lopez (1999), por exemplo, afirma que o papel de *incluso* é do de afirmar a pressuposição

implicada na construção, pois a partícula tem um valor gradativo inerente, de tal maneira que situa o elemento quantificado na parte mais alta de uma dada escala, conforme apresenta (38)

(38) Incluso Juan aprobó el examen (SÁNCHEZ LOPEZ, 1999, 9. 1109)

Até Juan passou na prova.

Em (38), o elemento quantificado está situado no extremo de uma escala que mede as possibilidades de realizar ou sofrer determinado processo. Juan passou na prova, outras pessoas também passaram, mas Juan era o que tinha menos possibilidades de conseguir.

Sánchez Lopez (1999, p. 1114), afirma que a escalaridade está relacionada com o estabelecimento de relações argumentativas que são fundamentais para explicar a semântica e a sintaxe de certas construções. Nessa perspectiva, os elementos escalares podem funcionar como “operadores argumentativos”, já que situam o enunciado modificado dentro de uma escala evolutiva. Isso se nota pelo fato de elementos escalares poderem interferir na estrutura argumental das orações, o que explica a existência de estruturas com matiz concessivo formadas a partir de conjunções condicionais, como acontece com *incluso si*. Para a autora, a implicação lógica *si A entonces B*, ao ser escopada por uma partícula escalar, tal como *incluso*, é negada. Assim, uma oração como *incluso si llueve, voy al cine*, nega a relação argumentativa entre o enunciado *chover* e o enunciado *não ir ao cinema*, implicando em sentido de concessão.

A partícula *incluso*, do ponto de vista discursivo-funcional, constitui-se como um operador de ênfase. Para a GDF, os operadores são instâncias gramaticalmente codificadas que têm a função de modificar todas as camadas do Nível Interpessoal e Representacional. Os operadores de ênfase, especificamente, intensificam, por meios lexicais ou gramaticais, um constituinte ou toda a expressão linguística. Analisamos a ênfase como um operador de Ato Discursivo nos casos em que tenha escopo sobre ele como um todo e se aplique independentemente da Ilocução presente no Ato. Assim, aplicado a uma oração do espanhol encabeçada por *si*, esse elemento constitui um operador gramatical com a intenção de destacar a informação que o segue, conforme apresenta (39)

(39) Ayer terminaron los ensayos, a lo largo de los cuales Indurain ha rodado en tiempos de récord, pero sin superar jamás los 18 minutos de esfuerzo continuado. El objetivo marcado claramente por el equipo que dirige José Miguel Echavarri es batir "aunque sea por un metro" la marca de Obree. "**Incluso si sólo**

superamos el anterior récord de Boardman (52,270) ya nos daríamos por satisfechos" (1994, 4, Deporte)

Ontem os ensaios terminaram, durante os quais Indurain disparou em tempo recorde, mas nunca ultrapassou 18 minutos de esforço contínuo. O objetivo claramente marcado pela equipe liderada por José Miguel Echavarri é bater "mesmo que por um metro" a marca Obree. "**Inclusive se apenas ultrapassarmos o recorde anterior do Boardman (52.270), já nos daríamos por satisfeitos**"

Em (39), a intenção do escrevente ao enfatizar o Ato Discursivo *si sólo superamos el anterior récord de Boardman, ya nos daríamos por satisfechos* com o operador enfático *incluso* é chamar a atenção do leitor para o fato de mesmo que se supere apenas o recorde anterior e não o atual de Boardman, já seria o suficiente. Há uma suposta quebra de expectativa presente na construção, uma vez que pode ser que o esperado para estar satisfeito com o recorde seja superar o recorde atual e não o anterior. Na GDF, as construções com um operador enfático são representadas da seguinte forma:

(**emph** A₁: [(F₁) (P₁)_S (P₂)_A (C₁)]^A) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.67)

(39') (**emph** (A₁): *si sólo superamos el anterior récord de Boardman, ya nos daríamos por satisfechos* (A₁))

Como é possível notar na representação, a ênfase (**emph**) encabeça a estrutura no Nível Interpessoal, pois os elementos gramaticais que desempenham papel enfático escopam o Conteúdo Comunicato (C) do Ato Discursivo (A₁) subsequente.

Observamos, conforme já exposto nas seções anteriores, que as construções prefaciadas por *incluso si* veiculam tanto o sentido condicional – codificado no Nível Morfossintático pela conjunção condicional prototípica *si* – como o sentido concessivo, uma vez que as construções veiculam uma suposta quebra de expectativa, conforme apresenta (40).

(40)-Si el PP convocara elecciones a corto plazo, el PSOE está preparado para darle respuesta?

-Incluso si las convoca ya, no nos van a pillar desprevenidos (1997, 9, Política)

-Se o PP convocasse eleições a curto prazo, o PSOE está preparado para dar resposta?

-Inclusive se convocar já, não nos vão pegar desprevenidos.

Em (40), segundo os compêndios gramaticais do espanhol, a oração *incluso si las convoca ya* veicula uma suposta quebra de expectativa com relação à oração *no nos van a pillar desprevenidos*, já que convocar eleições de última hora poderia pressupor que o partido não estaria preparado e, portanto, seria pego de surpresa.

É possível notar que, no entanto, neste mesmo exemplo, ao retirarmos a partícula enfática *incluso*, a construção permanece totalmente possível para este contexto, porém agora sem a ênfase na oração prefaciada por *si*.

(40') * *Si las convoca ya, no nos van a pillar desprevenidos*

Em (40'), portanto, temos: se (as eleições) não forem convocadas, não nos vão pegar desprevenidos. Observa-se que há uma relação de condicionalidade e que houve a perda da ênfase dada por *incluso*.

A representação da ocorrência (40'') é a seguinte:

(40'') emph (A_I) (p_I): si las convoca ya (p_I), (p_J) no nos van a pillar desprevenidos (p_J)
(A_I)

Nota-se uma clara diferença em casos como (41)

(41) La ribera Sur del Mediterráneo no tiene elección. Para integrarse mejor en la economía mundial y bajo la amenaza de la marginación, debe anclarse en Europa. **Incluso si** ésta no ofrece una atracción comparable al de Japón para Asia o de EE.UU. para el continente americano (1995, 1, Economía)

A ribeira sul do Mediterrâneo não tem eleição. Para se integrar melhor na economia mundial e sob ameaça de marginalização, deve fixar-se na Europa. **Mesmo se** esta não oferece uma atração comparável ao Japão para a Ásia ou dos Estados Unidos para o continente americano

O Ato Discursivo *incluso si ésta no ofrece una atracción comparable al de Japón para Asia o de EE.UU. para el continente americano* funciona como um possível impedimento para o Ato *debe anclarse en Europa*, pois fica subentendido que a região (Ribera sur del mediterráneo) que não oferece um atrativo comparável ao que o Japão é para a Ásia não poderia ancorar-se na Europa, mesmo assim essa região deve fixar-se ao continente. Vejamos o que ocorre ao retirarmos a partícula *incluso*:

- (41') Para integrarse mejor en la economía mundial y bajo la amenaza de la marginación, debe anclarse en Europa. * *si ésta no ofrece una atracción comparable al de Japón para Asia o de EE.UU. para el continente americano*

No caso de (41'), nota-se que sem o operador *incluso* a construção não é mais aceitável para o contexto. Essa impossibilidade fica ainda mais clara em (42)

- (42) Estamos esperando la información que nos tienen que dar Sepi e Iberia para que evaluemos la situación. Pero nuestra intención es poder llegar a una conclusión antes de fin de año.

-¿**Incluso si** la alianza entre British y American Airlines para esa fecha aún no se ha resuelto en Bruselas?

-Incluso. Continuaremos la evaluación independientemente de cómo esté el proceso de la alianza (1997, 8, Negocios)

Estamos esperando a informação que nos tem que dar Sepi e Iberia para que avaliemos a situação. Mas nossa intenção é poder chegar a uma conclusão antes do fim do ano.

Mesmo se a aliança entre British y American Airlines para essa data ainda não se resolveu em Bruxelas?

Mesmo. Continuaremos a avaliação independentemente de como esteja o processo da aliança.

- (42') [...] Pero nuestra intención es poder llegar a una conclusión antes de fin de año.

-¿* si la alianza entre British y American Airlines para esa fecha aún no se ha resuelto en Bruselas?

-Incluso [...]

Conforme já apresentamos na seção (4.2.1), Atos Discursivos Subsidiários pospostos têm a intenção comunicativa de fazer uma ressalva ao Ato Discursivo Nuclear anteposto. Levando-se em consideração que *incluso* atua como operador enfático, além de intensificar o Conteúdo Comunicado do Ato *alianza entre British y American Airlines para esa fecha aún no se ha resuelto en Bruselas*, situa a informação sobre a qual incide em um ponto mais alto de uma dada escala. Pode-se afirmar que seu propósito é o de adicionar essa informação (intensificação, ponto mais alto da escala) a algo já dito anteriormente. Em outras palavras, sem o operador *incluso*, perde-se o sentido de ressalva típico das funções retóricas concessivas, o que desconstitui a intenção comunicativa do Ato Discursivo.

Outra ocorrência é dada em (43)²¹.

²¹ (Cf.13)

- (43)-Cualquier problema que se presente, sea cual fuere su gravedad, dígamelo a mí.
 Y si yo no estoy en condiciones, a mi hija.
 - ¿* **si** se trata de avisar de riesgo de muerte? -quiso saber Pozuelo.
 - Eso es esencial (1995, 44, Historia)

Observamos em (43) que sem o operador enfático *incluso*, a construção não é aceitável para o contexto proposto. O interlocutor, ao proferir a oração escopada por *incluso*, quer adicionar essa informação, que impulsiona o discurso, o caracteriza na GDF um caso de Movimento.

A representação da ocorrência (43) é:

- (43') (M_I: [(A_I: - cualquier problema que se presente, sea cual fuere su gravedad, dígamelo a mí. Y si yo no estoy en condiciones, a mi hija - (A_I)] (M_I)) (M_J: [**emph** (A_J: - si se trata de avisar de riesgo de muerte - (A_J)] (M_J))

Ao observarmos as ocorrências apresentadas nesta seção, bem como a representação das mesmas segundo os pressupostos da GDF, constatamos que o papel de *incluso* nas orações em análise é o de operador enfático. Ele situa a informação escopada em um ponto mais alto de uma escala de possibilidades. Conforme verificamos no exemplo (40'), a suposta quebra de expectativa típico das construções em estudo perde-se quando se retira o operador, permanecendo o sentido condicional. Por outro lado, nas ocorrências (41') e (43'), observamos que, igualmente, perde-se o sentido enfático, porém, diferentemente de casos como (40'), *incluso* é o principal elemento daquele contexto, pois a intenção do Falante é adicionar um obstáculo de acordo com a ideia de escalaridade que ele apresenta.

A diferença encontrada nas construções estabelecidas entre Conteúdos Proposicionais – cujo sentido condicional permanece mesmo sem o operador enfático – Atos Discursivos e Movimentos – quando atuam como função retórica concessão e função interacional adendo – pode ser vista, inclusive, na diferença de tradução das ocorrências para o português. Neste trabalho, optamos por traduzir *incluso si* por “inclusive se” quando a relação se estabelece na camada do Conteúdo Proposicional, e quando a relação se estabelece entre Atos e Movimentos, optamos pela tradução por “mesmo se”, pois *inclusive* também é um operador de ênfase em português e, ao acompanhar *se*, a relação condicional se mantém. No caso de *mesmo se*, embora *mesmo* também possa atuar como operador de ênfase, acrescenta informações novas e contrastivas. Essa tradução, no entanto, não é biunívoca em várias ocorrências podemos traduzir *incluso si* por *inclusive se* ou por *mesmo se*.

Reforçamos também que, nos casos em que as orações prefaciadas por *incluso si* se estabelecem entre Atos Discursivos ou Movimentos, as partículas *incluso* e *si* formam um único bloco, pois ao retirar a partícula enfática *incluso*, o sentido da construção não é mais aceitável para o contexto. Por outro lado, nos casos em que as orações se estabelecem na camada do Conteúdo Proposicional, as partículas *incluso* e *si* são independentes, uma vez que ao retirar *incluso*, obtém-se uma construção condicional, o que quer dizer que a partícula enfática pode ser descartada e a construção ainda é aceitável para o contexto. Dessa diferença, advém nossa opção por apresentar *incluso+si* com o sinal “+” em ocorrências do segundo tipo (ocorrências de natureza pragmática – 4.2).

4.4 Caracterização geral dos resultados

A tabela (13) a seguir contempla os resultados advindos de todos os fatores de análises das orações prefaciadas por *incluso si*

Tabela 13 análise geral das orações introduzidas por *incluso si*

Camada	Conteúdo Proposicional	Ato Discursivo	Movimento
Nível em que atua	NR	NI	NI
Função	Função semântica condição	Função retórica concessão	Função interacional adendo
Verbos	Subjuntivo/ Indicativo	Subjuntivo/ Indicativo	Subjuntivo/ Indicativo
Pressuposição	Não pressupostas	Não pressupostas	Não pressupostas
Factualidade	Semifactuais	Semifactuais	Semifactuais
Posição	Anteposta	Posposta	Independente

Conforme apresenta a Tabela (13), os dados mostram que as orações prefaciadas por *incluso si* podem ser de três tipos diferentes. O primeiro estabelece-se entre Conteúdos Proposicionais e desempenha função semântica condição. Nesse caso, o operador *incluso* pode ser retirado, pois o que se perde é a ênfase. O segundo tipo, estabelece-se entre Atos Discursivos e desempenha função retórica Concessão. Nesse caso, *incluso* não pode ser retirado, pois enfatiza o Conteúdo Comunicado do Ato Discursivo Subsidiário. O terceiro tipo, por fim, estabelece-se entre Movimentos e desempenha a função interacional Adendo. Assim como no segundo caso, *incluso* não pode ser retirado, pois, a intenção do falante é exatamente enfatizar a informação que o segue, geralmente um possível obstáculo, o pior de uma escala de possibilidades.

Esse resultado revela que a composicionalidade de *incluso si* tem conexão com o tipo de estrutura que é prefaciada, já que, no âmbito semântico, detectamos a independência de *incluso* e de *si*, pois sem o operador, a oração condicional permanece aceitável para o contexto. No âmbito interpessoal, por sua vez, *incluso+si* é menos composicional, uma vez que o falante deseja acrescentar uma informação contrastiva, enfatizando-a.

Observamos também que todos os três tipos de orações tendem a ser semifactuais, pois veiculam proposições hipotéticas, e não pressupostos, já que tendem a apresentar uma informação nova no discurso. Além disso, observamos que em todos os três casos a construção tende a apresentar verbos no indicativo e no subjuntivo, sendo que a correlação prototípica veicula Presente do Indicativo tanto na oração principal como na subordinada.

Quanto à posição, detectamos que esse critério também evidencia a diferença entre os três tipos de orações prefaciadas por *incluso si*. As orações estabelecidas entre Conteúdos Proposicionais tendem a ser antepostas, como as orações condicionais típicas apresentadas pelas gramáticas descritivas do espanhol. Já as orações que relacionam Atos Discursivos tendem a ser pospostas ao Ato Principal, pois veiculam uma estratégia retórica do Falante de ressalva ou, em outros termos, acréscimo de informação. Por fim, as orações de Movimento são classificadas como independentes, uma vez que esse tipo de oração não tem uma oração principal correspondente, pois se relacionam a toda a porção de texto enunciada anteriormente.

CONCLUSÃO

A proposta deste trabalho foi a de apresentar as principais propriedades das orações prefaciadas por *Incluso si* no espanhol peninsular escrito, que é tratada por muitos autores, tais como Flamenco García (1999), como uma locução conjuntiva que introduz estruturas que apresentam características tanto das orações concessivas quanto das orações condicionais. Esse hibridismo também é postulado por König (1985, 1986) ao tratar das orações concessivo-condicionais prefaciadas por *even if* do inglês.

Ao contrário do que propõem esses autores, no entanto, e sob o escopo da GDF – teoria que acredita que, em uma situação comunicativa, os Falantes têm objetivos conversacionais claros e que, para alcançá-los, valem-se de estratégias bem definidas para adicionar informações ao interlocutor – nossa hipótese inicial era a de que *incluso si* não constituem duas partículas distintas, mas sim que *incluso* atua como um operador enfático e *si* como conjunção condicional. Não estaríamos diante, portanto, de uma oração concessivo-condicional, mas de uma oração condicional enfatizada. Como hipótese secundária, prevíamos que essas estruturas atuam nos Níveis e camadas mais altos propostos pela Gramática Discursivo-Funcional.

Tendo como fator norteador as camadas de organização da GDF, constatamos que essas construções podem ser de três tipos diferentes, diferentemente do que propõe os compêndios gramaticais do espanhol que descrevem apenas um tipo de oração prefaciada por *incluso si*. Nossos dados revelam a incidência dessas orações não apenas no nível semântico, mas também no nível pragmático, quando atuam como estratégia retórica ou interacional.

No que diz respeito ao primeiro tipo de orações prefaciadas por *incluso si*, as de tipo semântico, constatamos que na GDF essas orações estabelecem-se na camada do Conteúdo Proposicional (78,3 %), onde desempenham *função semântica condição*. Nessa camada, constatamos que *incluso* interage com a conjunção condicional prototípica do espanhol *si* e tem o papel de enfatizar a hipótese codificada por essa conjunção. Como um elemento focal, pode incidir sobre outros termos da oração. Nesse caso, podemos omitir o nexos enfático e a construção permanecerá válida.

Quanto ao segundo tipo, de natureza pragmática, constatamos que essas orações estabelecem-se entre Atos Discursivos (16%) e desempenham função retórica Concessão. Nesse caso, no ponto de vista da interação, sem a partícula *incluso*, a informação inserida pelo Falante a fim de guiar seu Ouvinte não é aceitável, o que se explica porque *incluso* introduz uma informação que é comunicativamente relevante. Dito de outro modo, nas orações que se

estabelecem entre Atos Discursivos, *incluso* não pode ser retirado, pois enfatiza o Conteúdo Comunicado do Ato Discursivo Subsidiário.

Por fim, o terceiro e último tipo, também de natureza pragmática, estabelece-se entre Movimentos (5,7%) e desempenha a *função interacional Adendo*. Assim como no segundo caso, *incluso* não pode ser retirado, pois a intenção do falante, nesse caso, é exatamente enfatizar a informação que segue, um possível obstáculo de uma escala de possibilidades, o qual se refere a todo o contexto anterior.

Nossos resultados vão ao encontro do que propõe Rodríguez Rosique (2012). Para a autora, nos casos de *incluso si* introduzindo orações de natureza semântica, *incluso* atua como um *marcador discursivo* (termos da autora) e pode ocorrer em outras posições na oração. Já nos casos de natureza pragmática entre orações (Atos Discursivos), a autora postula que *incluso* interage com algum elemento do Ato. Em termos discursivo-funcionais, escopa o Conteúdo Comunicado do Ato Discursivo. Para a autora ainda, nos casos de natureza pragmática entre porções textuais (Movimentos, para a GDF), *incluso* atua como um *contra-argumentador* (nos termos da autora), pois indica “que a informação que introduz é mais informativa do que proposicional”. Para a pesquisadora, nesses casos, *incluso* deixa de veicular escalaridade e passa a fazer parte do *discurso* (nos termos da autora).

Quanto ao critério da Factualidade, nossos dados revelam que as orações prefaciadas por *incluso si* tendem a ser semifactuais na oração subordinada (66,7%), veiculando conteúdos hipotéticos, e factuais nas orações nucleares (95,5%), veiculando proposições verdadeiras e Atos assertivos. Essa correlação foi detectada em nossos dados tanto para as construções que atuam no Nível Representacional (Conteúdos Proposicionais) como para as construções que atuam no Nível Interpessoal (Atos Discursivos e Movimentos). No que diz respeito à Pressuposição, essas orações tendem a ser não pressupostas (65,2%), ou seja, trazem informação nova para o Ouvinte.

Além disso, as correlações modo-temporais, como destacamos, também refletem os resultados da questão da factualidade, pois, como vimos, há uma tendência de essas orações estarem no presente do indicativo, tanto na oração principal como na subordinada. Verificamos que o modo prototípico presente nessas construções é o indicativo e que a correlação prototípica apresenta presente do indicativo na oração subordinada e presente do indicativo na oração principal, tanto para as construções que se estabelecem entre Conteúdos Proposicionais quanto entre Atos Discursivos e Movimentos.

Constatamos que o papel de *incluso* nas orações prefaciadas por *incluso si* é o de operador enfático. Ele situa a informação escopada em um ponto mais alto de uma escala de

possibilidades. Nos casos das orações estabelecidas entre Conteúdos Proposicionais, a suposta quebra de expectativa perde-se quando se retira o operador, permanecendo o sentido condicional. Por outro lado, nas orações estabelecidas entre Atos Discursivos e Movimentos, observamos que, igualmente, perde-se o sentido enfático, porém, diferentemente do caso anterior, *incluso* é o principal elemento daquele contexto, pois a intenção do Falante é adicionar um obstáculo de acordo com a ideia de escalaridade apresentada. Esse resultado revela que há casos em que a integração de *incluso si* é maior (relação entre Atos e Movimentos) e há casos em que a integração é menor (relação entre Conteúdos Proposicionais). Nas relações estabelecidas entre Atos Discursivos e Movimentos, uma vez que a composicionalidade das partículas é menor, optamos por apresentar *incluso+si* com o sinal “+”.

A partir dos resultados obtidos, podemos dizer que as nossas perguntas de pesquisa definidas na Introdução foram respondidas, uma vez que por meio dos fatores camada de atuação, pressuposição e factuality, elencamos as propriedades pragmáticas e semânticas que caracterizam as orações prefaciadas por *incluso si* e, além disso, demonstramos a relação entre essas propriedades e a morfossintaxe das orações no que se refere à escolha modo temporal e à posição por elas assumida.

Podemos afirmar, por fim, que os resultados obtidos confirmam, em partes, nossa hipótese inicial de que *incluso si* não formaria um único bloco que introduz construções híbridas, mas duas partículas distintas, *incluso* como um operador enfático e *si* conjunção condicional. Constatamos que, quando se retira o operador *incluso*, as orações de Ato Discursivo e de Movimento perdem a ênfase, que é a principal intenção do falante naquele contexto. Ao contrário, as relações que se dão entre Conteúdos Proposicionais, apesar de perderem a ênfase, não perdem a condição estabelecida por *si*, resultando em orações condicionais prototípicas.

Esperamos que as discussões apresentadas originem trabalhos que sigam descrevendo os significados advindos desta partícula do espanhol em perspectiva funcional, contribuam para a descrição do espanhol e para a aplicabilidade e consolidação do modelo da Gramática Discursivo-Funcional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENNETT, J. Even if. In: *Linguistics and Philosophy*, v.5, 1982, p. 403-418

BUTLER, C. S. Functional approaches to language. In: BUTLER, C. S.; GÓMEZ GONZÁLEZ, M. L. A.; DOVAL-SUÁREZ, S. M. (Ed.). *The dynamics of language use: functional and contrastive perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 3-17. (Pragmatics & Beyond, 140).

_____. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Part 1: Approaches to the simplex clause. Amsterdam: John Benjamins, 2003a.

_____. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Part 2: From clause to discourse and beyond. Amsterdam: John Benjamins, 2003b.

CHAFE, W. L. How People Use Adverbial Clauses. *Annual Meeting of the Berkely Linguistic Society*, v. 10, 1984, p. 437-449.

CORRALES, C. Sobre el sujeto con preposición, en *Estudios ofrecidos a Emilio Alarcos Llorach*, Oviedo: Universidad, 1978, p. 65-78.

DECAT, M. B. N. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 2011.

DIK, S. C. *Functional grammar*. Dordrecht: Foris Publications, 1980.

_____. *The theory of functional grammar*. Pt. I: The structure of the clause. Dordrecht-Holland/Providence RI - USA: Foris Publication, 1989.

_____. *The theory of functional grammar*. Pt. I: The structure of the clause. New York: Mouton, 1997a.

_____. *The theory of functional grammar*. Pt. II: Complex and derived constructions. New York: Mouton, 1997b.

DOMÍNGUEZ GARCÍA, L; LUCAS LASTRA, S; RECIO DIEGO, A; TOMÉ CONEJO, C. *Gramática de Referencia para la enseñanza del español: la combinación de oraciones*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2013.

FLAMENCO GARCÍA, L. Las construcciones concesivas y adversativas. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, v. 3: Entre la oración y el discurso, 1999. p. 3805-3878.

FRASER, B. Pragmatic markers. *Pragmatics*, v. 6, 1996, p.167 – 190

GARCIA, T. S. G.; PEZATTI, E. G. Orações concessivas independentes à luz da Gramática Discursivo-Funcional. *Alfa*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 475-494, 2013.

GARCÍA SANTOS, J. F. *Gramática de español para extranjeros*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1990.

GARCIA, T. S.. *As relações concessivas no português falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. São José do Rio Preto, 2010. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. 2010.

_____; PEZATTI, E. G. Orações concessivas independentes à luz da Gramática Discursivo-Funcional. *Alfa*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 475-494, 2013.

GREENBERG, J. H. *Language universals*. The Hague: Mouton, 1966.

HAIMAN, J. Conditionals are Topics. *Language* v. 54, 1978, p. 564-589.

HALLIDAY, M. A. K. *Exploration in the Functions of Language*. Londres: Edward Arnold, 1973.

_____. *Language as social semiotic*. Londres: Universty Park Press, 1978.

HASPELMATH, M.; KÖNIG, E. Concessive conditionals in the languages of Europe. In: VAN DER AUWERA, J. *Adverbial constructions in the languages of Europe*. New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 335-419.

HENGVELD, K. Adverbial Clauses in the languages of Europe. In: VAN DER AUWERA, J. (ed.). *Adverbial constructions in the language of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998, p. 335-419.

HENGVELD, K; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: University Press, 2008.

HENGEVELD, K; MACKENZIE, J. L. Gramática Discursivo-Funcional. Tr. Marize Dall'Aglio Hattner. In Edson R. de Sousa (ed.), *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*, São Paulo: Editora Contexto, p. 43-86, 2012.

ITEN, C. Even if and even: The case for an inferential scalar account. In: UCL Working Papers in Linguistics, v. 14, 2002, p. 119-156.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Trad Isidoro Blikstein e Jose Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, Editora da USP, 1969

KAY, P. E. *Linguistics and Philosophy*, v. 13, 1990, p. 59-111.

KEIZER, E. *A functional Discourse Grammar for English*. Oxford: University Press, 2015

KÖNIG, E. Conditionals, concessive conditionals and concessives: areas of contrast, overlap and neutralization. In: TRAUGOTT, E. et al. (Ed.). *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 229-246.

_____. On the history of concessive connectives in English, diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, Amsterdam, v. 66, n. 1, 1985, p. 1-19.

LEVINSON, S. C. Pragmática. A pressuposição. Tr. Luís Carlos Borges e Aníbal e Mari. In: _____. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LÓPEZ GARCÍA, A. Gramática del Español: la oración compuesta. Madrid: Arco libros, 1994.

MARTÍN PUENTE, C. Condicionales y Concesivas. In. BAÑOS BAÑOS, J. M. (coord.). *Sintaxis del Latín Clásico*. Madrid: Liceus E-Excellence, 2009.

MARTÍN ZORRAQUINO, M; PORTÉLES LÁZARO, J. Los marcadores del discurso. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, v. 3: Entre la oración y el discurso, 1999. p. 4051-4213.

MOLINER, M. *Diccionario de uso del español*. Versión electrónica. Madrid: Gredos, 2001.

MONTOLÍO, E. Las construcciones condicionales In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, v. 3: Entre la oración y el discurso, 1999. p. 3642-3737.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. As construções concessivas. In: _____. (Org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, v. 7: Novos estudos, 1999. p. 545-591.

_____; BRAGA, M. L. As construções hipotáticas/adverbiais. In: _____. (Org.). *A construção das orações complexas. Gramática do português culto falado no Brasil*. V. 5. São Paulo: Contexto, 2016. p. 123 – 166.

NUEVA GRAMÁTICA DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Nueva Gramática de la Lengua Española*. Asociación de Academias de la lengua española. Madrid: Espasa Libros, 2009.

OLIVEIRA, T. P. *As conjunções e orações condicionais no português do Brasil*. 2008. 155 f. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

_____; HIRATA-VALE, F. B. M. Orações condicionais no português: uma análise à luz da Gramática Discursivo-Funcional. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZARIO, Maria Maura. *Funcionalismo lingüístico: diálogos e vertentes*. Rio de Janeiro: Eduff, 2016, p. 185-204.

PÉREZ QUINTERO, M. J. *Adverbial subordination in English: a functionalist approach*. Amsterdam: Rodopi, 2002.

PEZATTI, E. G. A Gramática Discursivo-Funcional e o contexto. In: SOUZA, Edson Rosa (Org.). *Funcionalismo Lingüístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 107-132.

_____; CAMACHO, R. G. nome. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZARIO, Maria Maura. *Funcionalismo lingüístico: diálogos e vertentes*. Rio de Janeiro: Eduff, 2016, p. 185-204.

_____. *O funcionalismo em lingüística*. In MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, v. 3, 2004. p. 165-218.

_____. *Sintaxe descritiva da língua portuguesa: Gramática Discursivo-Funcional*. São José do Rio Preto, 2017. (Apostila).

POLLOCK, J. L. *Subjunctive Reasoning*. Boston: Reidel, 1976.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: *Diccionario de Lengua Española* (DLE) [en línea]. <<http://dle.rae.es/?w=diccionario>> (acesso em set. 2017).

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) [en línea]. *Corpus de referencia del español actual*. <<http://www.rae.es>> (acesso em jan. 2017)

RODRÍGUEZ ROSIQUE, S. R. From discourse to grammar: when the Spanish *incluso* meets a *si* conditional. *Lingvistica e Investigaciones*. John Benjamins Publishing Company, 2012, p. 94 - 119.

_____. Hipoteticidad, factualidad e irrelevancia: La elección del subjuntivo en las condicionales concesivas del español. In: EDDINGTON, D. *Selected Proceedings of the 7th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2005, p.31-41.

SAEED, J. I. *Semantics*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

SÁNCHEZ LÓPEZ, C. Los cuantificadores: clases de cuantificadores y estructuras cuantificativas. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, v. 1: Entre la oración y el discurso, 1999. p. 1025-1188.

SCHWENTER, S. Lo relativo y lo absoluto de las partículas escalares incluso y hasta. In: *Oralia*, v.3, 2000, p. 169-197.

STASSI-SÉ, J. C. *Subordinação discursiva no português à luz da gramática discursivofuncional*. 2012. 194 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos)-Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

SWEETSER, E. E. Conjunction, coordination, subordination. In.: SWEETSER, E. E. *From Etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge, Cambridge Universe Press, 1990.

VAN DER AUWERA, J. Conditionals and speech acts. In: TRAUGOTT, E; TER MEULEN, A; REILLY, J; FERGUSON, C. A. (Orgs). *On Conditionals*. Cambridge: C.U.P, 1986, p. 197-214.